

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

VALTER LUÍS DE AVELLAR

**ESPIRITUALIDADE E INTERNET:
Análise de uma Experiência Mística Através do Correio
Eletrônico**

RECIFE/2009

VALTER LUÍS DE AVELLAR

**ESPIRITUALIDADE E INTERNET:
Análise de uma Experiência Mística Através do Correio
Eletrônico**

Dissertação apresentada à Universidade Católica de Pernambuco como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Área de Concentração: Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão

A949e

Avellar, Valter Luis de

Espiritualidade e Internet : análise de uma experiência mística através do correio eletrônico / Valter Luis de Avellar ; orientador Gilbraz de Souza Aragão, 2009.

135 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco, Pró-reitoria Acadêmica. Mestrado em Ciências da Religião, 2009.

1. Espiritualidade. 2. Correio eletrônico - Aspectos religiosos. 3. Mística. 4. Logoterapia. 5. Pluralismo religioso. I. Título.

CDU 291

VALTER LUÍS DE AVELLAR

**ESPIRITUALIDADE E INTERNET:
Análise de uma Experiência Mística Através do Correio
Eletrônico**

Dissertação de Mestrado apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, por uma banca examinadora formada pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão (Orientador)

Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques (UNICAP)

Profa. Dra. Simone Carneiro Maldonado (UFPB)

RECIFE/2009

DEDICATÓRIA

A minha família

AGRADECIMENTOS

Aos professores e colegas do Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, pela amizade, companherismo e contribuição à minha pesquisa.

Ao meu amigo, orientador e professor do Mestrado Gilbraz Aragão, pelo incentivo e confiança em mim na condução da pesquisa.

Ao meu amigo e mestre, professor Jorge Cândido, da Universidade Católica de Pernambuco, pelas suas sugestões bibliográficas.

As professoras Fátima Vilar e Nadia Azevedo do Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, pela contribuição na análise das entrevistas.

Ao meu primo Thiago Avellar de Aquino, professor do Mestrado em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, pelas sugestões que contribuíram para o enfoque da Logoterapia no fenômeno estudado.

Aos meus amigos e professores da Universidade Católica de Pernambuco, padre Antônio Mota, Luiz Alencar Libório, Artur Peregrino, Luiz Carlos Marques e Francisca Mota que sempre me incentivaram e acreditaram no potencial do projeto.

A professora Simone Maldonado do Mestrado em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, pela disponibilidade e atenção nas suas sugestões ao meu tema.

EPÍGRAFE

ESTAMOS PLUGADOS

Novos tempos, antigos valores; sonhos eternos!
Estamos on-line; ligados no coração e
no espírito com todos os povos,
em todas as nações, pois a
mensagem divina é universal.

Estamos plugados, conectados, com os
povos, os pobres, os maltratados, pois
nos plugamos há muito tempo num
Deus solidário e universal.

Estamos em chat, com um diálogo
com todos os credos, todas as
filosofias de vida que não
deixam calar a voz dos profetas.

Estamos em off, off da dominação dos
prepotentes azul-vermelhos, off de
ditadores pseudo-religiosos, off
dos poderes políticos.

Estamos abraçados a você, virtual e
real, com povos latinos, afros, indígenas,
migrantes, imigrantes, caipiras e caboclos ,
para construir em rede um tempo de
luz, de graça e de Paz.

Estamos virtuais, para que, nas ondas sonoras
e no silêncio das salas de conexão,
descubramos caminhos speed para te
abraçar, para consolar tua dor,
animar teu espírito... e, virtual, falar
de Deus, que, virtual e real,
é teu grande companheiro de
viver.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo entender o porquê de tantas pessoas se utilizarem do *e-mail* para divulgar mensagens de atitude positiva, valores positivos, otimismo, sabedoria, espiritualidade e sentido da vida. O que as motivam e quais são os efeitos em suas vidas? Partindo da experiência de um grupo de troca de mensagens humanísticas e espirituais, abordaremos alguns aspectos sobre esse fenômeno da *Internet*. Para o enfoque da sociabilidade em rede, utilizaremos os conceitos de Ciberespaço, Cibercultura e Inteligência Coletiva. A propagação da fé terá uma ótica da Mística e do Sagrado. A Transdisciplinaridade servirá de suporte para o diálogo inter-religioso que se evidencia. E analisaremos os efeitos terapêuticos através de uma forma de conhecimento humano denominado Logoterapia.

Palavras-chave: *Internet*, Mística, Diálogo Inter-Religioso, Transdisciplinaridade, Logoterapia

ABSTRACT

This research aims at understanding why so many people use Internet e-mail in order to divulge positive attitudes, positive values, optimism, wisdom, spirituality and meaning of life messages. What does motivate them and which are the effects in their lives? Departing from a humanistic and spiritual messages exchange group experience, we will deal with some aspects regarding to this Internet phenomenon. In order to focus sociability through network, we will employ Cyberspace, Cyberculture and Collective Intelligence concepts. The propagation of faith will be made through Mystic and Sacred optic. Transdisciplinarity will work as support for interreligious dialogue that becomes, by itself, evident. And, at least, we will analyze therapeutic effects, through a kind of human knowledge, denominated Logotherapy.

Key words: Internet, Mystic, Interreligious Dialogue, Logotherapy, Transdisciplinarity

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura n. 01 – Redes Neurais	51
Diagrama n. 01 – Abordagem Transdisciplinar da Natureza e do Conhecimento	66
Diagrama n. 02 – Abordagem Transdisciplinar Aplicada ao Objeto de Estudo	68

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico n. 01 – Preferência na Frequência de Recebimento das Mensagens	25
Gráfico n. 02 – Relação com as Pessoas para Quem são Enviadas as Mensagens	26
Gráfico n. 03 – Idade	27
Gráfico n. 04 – Nível de Instrução	27
Gráfico n. 05 – Religião	27
Gráfico n. 06 – Frequência Média Diária de Acesso à <i>Internet</i>	28
Gráfico n. 07 – Tempo de Participação no Fenômeno Estudado	28
Gráfico n. 08 – Fontes das mensagens enviadas	29
Gráfico n. 09 – Tipos de Arquivos Anexados mais Apreciados	29
Gráfico n. 10 – Assuntos mais Apreciados nas Mensagens	30
Gráfico n. 11 – Estilos mais Apreciados nas Mensagens	30
Gráfico n. 12 – Outros Recursos na <i>Internet</i> além do <i>E-mail</i> em que as Mensagens são Utilizadas	31
Gráfico n. 13 – Outros Ambientes além da <i>Internet</i> em que as Mensagens são Utilizadas	31
Gráfico n. 14 – Quantidade de Pessoas que são Enviadas as Mensagens	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 O CONTEXTO NA <i>INTERNET</i>	15
1.1 A religiosidade brasileira na <i>Internet</i>	15
1.1.1 O proselitismo na <i>Internet</i>	15
1.1.2 A <i>Internet</i> como meio de vivenciar a fé	16
1.1.3 A <i>Internet</i> e as aspirações do <i>self</i> individual	18
1.1.4 Outros recursos da <i>Internet</i> a serviço da religiosidade	19
1.2 Um novo movimento religioso	20
1.3 Uma experiência pessoal	24
2 CONCEITOS APLICADOS AO FENÔMENO DO <i>E-MAIL</i>	34
2.1 Espiritualidade, Mística, Sagrado, Ética, Moral e Valores	34
2.2 Ciberespaço	41
2.2.1 A <i>Internet</i> como concretização do Ciberespaço	42
2.2.2 O correio eletrônico da <i>Internet</i> e o fenômeno, a ele associado	46
2.2.3 Os primórdios de uma Inteligência Coletiva?	48
2.3 Logoterapia e Biblioterapia	51
2.3.1 A Logoterapia	52
2.3.2 O recurso terapêutico da Biblioterapia	54
2.3.3 O ambiente do correio eletrônico da <i>Internet</i>	58
2.4 Transdisciplinaridade e diálogo inter-religioso	63
2.4.1 A epistemologia transdisciplinar	63
2.4.2 O diálogo complexo no fenômeno do correio eletrônico	67
3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	72
3.1 Análise de Conteúdo	72
3.2 Análise de Discurso	75
3.3 Categorias da análise	80
3.3.1 Visão da Logoterapia	81
3.3.2 Visão da Comunicação Ciberespacial	89

3.3.3 Visão da experiência mística e do Sagrado	94
3.3.4 Visão transdisciplinar do diálogo inter-religioso	97
CONCLUSÃO	106
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICES	115

INTRODUÇÃO

A *Internet* é uma espécie de projeção de tudo quanto existe no espírito humano. Uma extensão do que o indivíduo é, no dia-a-dia, e que não modifica a índole das pessoas. Muitas pessoas, por exemplo, têm dificuldades em lidar com o anonimato. Quando ocorre uma situação em que o indivíduo não precisa se identificar, como é o caso da *Internet*, existe a possibilidade de vir, à tona, coisas malignas e ruins. Por outro lado, a Rede viabiliza também uma sociabilidade com estímulos religiosos que apenas esse ambiente propicia.

Desde que a *Internet* se popularizou, há catorze anos, um fato com o qual lidamos todos os dias, ao abrirmos a nossa caixa postal eletrônica, são as mensagens de conteúdos humanísticos e espirituais. Muitos simpatizam com elas, outros têm verdadeira paixão, mas parte significativa dos internautas detesta-os e tem a opinião de que elas são *spam* e poluem o correio eletrônico. MALDONADO e VIEIRA, por exemplo, em um artigo (2007) sobre a circulação de arquivos “pps” (*power point*) pelo *e-mail*, relatam casos de internautas que rejeitam, se irritam, acham insuportáveis, inoportunos e desagradáveis esses diaporamas com mensagens positivas. Neste estudo, no entanto, enfocaremos apenas os usuários da *Internet* que simpatizam ou “veneram” essas mensagens de conteúdos humanísticos e espirituais que circulam através do *e-mail*.

Os temas das mensagens analisadas serão também delimitados em atitude positiva, valores positivos, otimismo, sabedoria, espiritualidade e sentido da vida. Não farão parte do escopo de nossa pesquisa as correntes (aquelas que nos mandam encaminhá-las para vários indivíduos e que, algumas vezes, nos ameaçam caso não os façamos), orações e textos de conteúdos explicitamente religiosos, ligados a uma Instituição Formal. Também não analisaremos a veracidade das histórias, bem como se os textos estão creditados corretamente. Sobre a diversidade de autores não haverá restrição, porque a pluralidade, a nosso ver, é importante para que se tenha uma idéia dos questionamentos que chegam às pessoas das mais diferentes culturas e áreas.

O enfoque desta nossa pesquisa está voltado às motivações para o envio e aos efeitos que as mensagens proporcionam aos indivíduos. Vale mencionar, a esse respeito, o episódio (Cf. GALENO, 2008, p.35) em que um poema de Martha Medeiros¹, um dos muitos que têm circulado pelo *e-mail* com bastante frequência, foi motivo de constrangimento para um líder de partido na Itália. Ao ler emocionado o texto para concluir um discurso, referiu-o,

¹ Mensagem *Morre Lentamente* (Cf. APÊNDICE A, no final deste livro).

ao término, como de autoria de Pablo Neruda. O poema tem sido divulgado pela *Internet* como sendo de autoria de Neruda e provavelmente a assessoria do político utilizou-se desse meio de comunicação como fonte. O poema foi creditado erroneamente e divulgado pelo correio eletrônico, mas os efeitos sobre os internautas independem desse fato.

São muitos os que se utilizam do *e-mail* para enviarem e receberem mensagens edificantes. Em nosso estudo, optamos por tomar, como ponto de partida, a nossa própria experiência. Ao longo dos anos, as observações e os depoimentos daqueles que integram a nossa lista de contatos possibilitaram o levantamento de alguns enfoques. Dessa forma, partindo dessa vivência pessoal e com o suporte da análise de entrevistas com pessoas para os quais enviamos regularmente mensagens humanísticas e espirituais e do aprofundamento dos conceitos de Mística, Ética, Logoterapia, Transdisciplinaridade, Ciberespaço e outros, analisaremos criticamente o fenômeno das mensagens positivas que circulam pelo correio eletrônico da *Internet*, procurando perceber o Sagrado, o diálogo inter-religioso, a sociabilidade em rede e os efeitos terapêuticos que transparecem nessa modalidade de comunicação do mundo virtual.

No capítulo primeiro, temos o contexto em que está inserido o fenômeno das mensagens positivas. A primeira parte nos propicia uma visão geral de tudo o que acontece na *Internet*, em termos de religiosidade e espiritualidade. Na seção seguinte, abordaremos o surgimento desse fenômeno dentro do panorama da secularização e pós-modernidade. A terceira parte fornece uma idéia da nossa experiência e metodologia em lidar com esse fenômeno da *Internet*. Enriquecemos essa seção com alguns gráficos que são resultados estatísticos de um questionário enviado pelo *e-mail* aos integrantes da nossa lista de contatos. Nesse levantamento, traçamos um perfil de algumas pessoas conectadas e a relação delas com o objeto de estudo.

No capítulo segundo são apresentados diversos conceitos que podem ser aplicados ao objeto de estudo. Começamos com os conceitos de Espiritualidade, Mística, Sagrado, Ética, Moral e Valores. Em nosso entender, uma das motivações dos internautas, ao enviarem mensagens humanísticas e espirituais, tem conexão com a propagação da experiência mística pessoal. Quanto aos efeitos, o fenômeno pode proporcionar o encontro com o Sagrado e suas conseqüências éticas. Na segunda seção, vamos explorar o universo do Ciberespaço, a sociedade conectada em rede, a Comunicação Ciberespacial e o conceito de Inteligência Coletiva. Em seguida, analisaremos, numa visão terapêutica, o fenômeno em estudo. A possibilidade de reflexão e mudança de atitude que esse fenômeno proporciona, levou-nos a utilizar, como suporte teórico, o recurso da Biblioterapia e da Logoterapia (uma psicoterapia

com uma dimensão noética, espiritual). Terminamos esse capítulo com uma visão mais ampla, procurando analisar o diálogo inter-religioso que pode se efetivar através desse fenômeno. Para isso, utilizamos a metodologia de pesquisa transdisciplinar.

No último capítulo, realizamos uma análise das entrevistas que foram feitas com alguns membros de nossa lista de endereços de *e-mail*. Utilizando como metodologia, a Análise Conteúdo, com alguns pontos de Análise de Discurso, procuramos agrupar depoimentos que melhor transparecessem significativamente os conceitos abordados no capítulo dois, traçando criticamente uma linha de entendimento sobre o sentido de uma rede de troca de mensagens humanísticas e espirituais.

1 O CONTEXTO NA *INTERNET*

1.1 *A religiosidade brasileira na Internet*

A *Internet* é uma ferramenta poderosa de comunicação, capaz de disponibilizar, instantaneamente e em qualquer parte do mundo, temas de grande importância, inclusive os relacionados à religiosidade. Lee Rainie, que estuda relações entre usuários e *Internet*, afirma que a Grande Rede permite que todas as dimensões da vida humana fiquem *on-line* e que os religiosos têm o hábito de espalhar crenças por meio da tecnologia. Segundo as palavras de Rainie, “as pessoas passam a pesquisar sobre sua própria fé, a história de sua religião, os textos sagrados, os documentos doutrinários, material para sermões, e, ainda, tentam descobrir a fé de outras pessoas” (*apud* ARRAIS, 2006).

No campo religioso brasileiro, existem algumas características comuns às religiões que o compõem. Guerriero fala de uma Religiosidade Mínima Brasileira. Primeiramente, existe um senso comum de que todas as religiões são boas porque levam a Deus. Esse Deus segue as características da concepção cristã de divindade, porém ele está em segundo plano. Os santos, os mestres, os orixás e os guias, bem como Jesus Cristo e o Espírito Santo, que fazem parte da Trindade, são mais cultuados. Acredita-se nos espíritos dos mortos e na possibilidade de contato com eles. E essa religiosidade presente no Brasil, protege as pessoas dos males do mundo (Cf. GUERRIERO, 2009). Além dessas características comuns a todas as religiões do Brasil, visualizam-se também diferentes formas de interação entre elas. Segundo Camurça, quatro formas de interfaces predominam no cenário brasileiro: um catolicismo sincrético, conhecido como Matriz Religiosa Brasileira, na qual os elementos católicos, africanos e indígenas se articulam; um enfrentamento das religiões tradicionais para adquirirem mais fiéis, como numa dinâmica de mercado; um sincretismo não intencional e inconsciente, inserido dentro das identidades religiosas exclusivistas; uma espiritualidade pós-moderna que combina aleatoriamente diferentes crenças, muitas vezes, contraditórias, no interior do indivíduo (Cf. CAMURÇA, 2007a). Essas características e interações do “caldeirão” religioso brasileiro também podem ser encontradas dentro do ambiente virtual da *Internet*.

1.1.1 O proselitismo na *Internet*

Dentro do contexto atual de mercado, da rivalidade entre as tradições religiosas, a

Internet surge como um meio de pregação virtual para conquistar fiéis. O pensamento é de que se uma igreja deixar de utilizar esse meio de comunicação, outra virá a fazer em seu lugar e o fiel, ao se tornar um usuário da *Internet*, poderá acessar intencionalmente ou não outros *sites* religiosos. Segundo Camurça, com o surgimento dos pentecostalismos e dos neo-pentecostalismos, criou-se uma variedade de instituições religiosas exclusivistas que exige uma identidade religiosa definida. Isso impõe, às religiões tradicionais, tornarem-se mais competitivas face a outras em ascensão (Cf. ORO *apud* CAMURÇA, 2007a).

É o caso da Religião Católica que, por influência do movimento da Renovação Carismática Católica, criou uma vasta rede de *sites* na *Internet* que possibilitam aos seus usuários, católicos ou não, informações das mais variadas possíveis sobre esse universo cristão. Um dos *sites* mais completos nesse sentido é o da Canção Nova (www.cancaonova.com). Esse *site*, que tem versão em espanhol também, possui o dízimo *on-line* (débito automático, transferência de conta, impressão de boleto bancário, cartão de crédito,...), lojas virtuais, salas de conversas, *blogs*, fóruns virtuais de discussão, notícias, acesso a outras mídias via *Internet* (rádio AM e FM, TV a cabo e aberta), formação de discípulos, exemplos de pessoas “salvas”, críticas a outras religiões, etc. Em contrapartida, um dos movimentos neo-pentecostais, a Igreja Universal do Reino de Deus, criou um *site* (<http://www.igrejauniversal.org.br/>) na mesma linha, em concorrência com o católico da Canção Nova.

1.1.2 A *Internet* como meio de vivenciar a fé

O acesso imediato ao ambiente do Ciberespaço torna possível a uma igreja aprofundar o diálogo com o mundo contemporâneo. Uma instituição religiosa pode expor, através desse veículo de comunicação, suas crenças e suas opiniões sobre cada problema ou acontecimento. Em contrapartida, ela pode escutar os fiéis, estabelecer uma discussão e se envolver mais nos problemas da atualidade. Para Péricles Andrade, as páginas religiosas virtuais, especialmente as católicas, possuem três funções: manter bem informados os fiéis, comercializar produtos religiosos e prover ajuda espiritual (Cf. ANDRADE, 2007, p. 183). No *site* “Catolicenet” (<http://www.catolicenet.com/>), por exemplo, o seguidor da Igreja Católica pode fazer cursos *on-line*, achar informações sobre os sacramentos e participar de fórum de discussões sobre algum tema atual.

Encontramos também informações importantes sobre as religiões afro-brasileiras. O Candomblé, no *site* “Oriaxe” (<http://www.oriaxe.com.br/>), e a Umbanda, em “Giras de

Umbanda” (<http://www.girasdeumbanda.com.br/>). Para a crença espírita, os *sites* “Caminhos da Luz” (<http://www.caminhosluz.com.br/>) e “O Mensageiro” (<http://www.omensageiro.com.br/>) possibilitam, aos adeptos, notícias sobre a comunidade e participação em discussões virtuais. O Budismo pode ser achado em <http://www.budismo.com.br/>, o Hinduísmo na página da Sociedade Internacional Gita do Brasil (<http://www.gita.ddns.com.br/hinduismo/hindu.php>) e o Islamismo no “Mundo Islâmico” (<http://www.islamica.cjb.net/>).

Uma outra maneira de vivenciarmos uma religiosidade na *Internet* é participarmos dos ritos, ligados a uma entidade religiosa ou não, numa versão virtual. Dentro do *site* Catoliconet, mencionado acima, o fiel pode “acender” uma vela virtual e fazer pedidos nas orações. No *site* Fraternidade Mestre Jesus (http://www.fraternidademestresjesus.org/capela_santissimo.html), o católico praticante tem à sua disposição uma capela virtual para orações. Nesse tipo de vivência de fé, ao invés de deslocar-se para uma capela real, o usuário faz sua prática religiosa através do computador, podendo ter uma música ao fundo e vislumbrar a imagem de Jesus Cristo orando (Cf ANDRADE, 2007, p. 183-184).

No *site* da comunidade judaica União Israelita, de Porto Alegre (<http://www.uniaoisraelita.com.br/>), há um *link* para que vejamos, em tempo real, o Muro das Lamentações. Nessa página, também é possível enviarmos pelo correio eletrônico um bilhete com uma prece ou pedido para ser impresso em Jerusalém e colocado no Muro Ocidental como é de tradição. Também na *homepage* da Igreja Universal do Reino de Deus, mencionada acima, os crentes podem participar da campanha da Fogueira Santa do Monte Sinai, enviando pedidos pela *Web* para serem levados, por vários bispos e pastores, ao Monte Sinai para um grande clamor. Em relação às aparições, é interessante observarmos também que, em alguns casos, como a de Medjugorje, na ex-Iugoslávia, não necessitamos mais da peregrinação ao local: basta acessarmos o *site* da aparição na *Internet* (Cf. STEIL *apud* CAMURÇA, 2007c).

Na devoção aos Santos do mundo Católico, Silveira afirma que eles estão presentes na *Internet*, em *sites* de diversas dioceses e ordens religiosas. Ainda, segundo ele, a instituição da Igreja Católica aprova a linguagem virtual na prática da “comunhão dos santos” e, por isso, até o papa João Paulo II consagrou o Santo Isidoro de Sevilha como padroeiro da *Internet*. Silveira também exemplifica o caso do portal da Comunidade Canção Nova, anteriormente citado, no qual, no *link* chamado “Santo do Dia”, existe uma pequena imagem, biografia e oração do santo comemorado pela Igreja Católica, naquele dia. Além disso,

encontramos *links* especiais que, algumas vezes, trazem uma história detalhada da vida dos santos, peregrinações virtuais, testemunhos em tempo real, via sacra *on-line*, salmo virtual declamado ou musicado, velas virtuais acesas (Cf. SILVEIRA *apud* CAMURÇA, 2007c). Pereira também constata “a existência de devoções a Santos católicos em ‘altares virtuais’ que recebem ‘visitas’ de seus fiéis, que deixam virtualmente nestes *sites*, velas, incensos, pedidos de graça e votos de agradecimento” (*apud* CAMURÇA, 2007c).

É importante mencionarmos também as salas de conversas e bate-papos (*chats*). No *site* de namoro evangélico Amor em Cristo (www.amoremcristo.com), o internauta tem a possibilidade de entrar em conversação e encontrar a sua “alma gêmea”, tendo como ambiente o mundo evangélico. Segundo Silveira, em uma sala de bate-papo virtual no *site* da Canção Nova, a linguagem virtual e a terminologia juvenil são apropriados como estilos da evangelização carismática. Nesse ambiente encontramos, nas conversas, expressões do tipo “Jesus é maneiro”, “só Jesus, manda bem”, e os *nicknames* são os mais sugestivos, como “sodejesus”, “orandoporvc”, “anjointernauta” e “amadopordeus” (Cf. SILVEIRA *apud* CAMURÇA, 2007c).

O *site* do *Second Life*, que tem uma versão nacional (www.seconndlifebrazil.com.br), é um ambiente virtual e tridimensional que simula em alguns aspectos a vida real e social do ser humano. As pessoas, a ele conectadas, são representadas por bonecos na tela do computador, que podem estar sentados nos bancos convencionais de uma igreja virtual, simulando uma missa ou um culto, numa pregação *on-line*. A Comunidade Canção Nova, por causa da visita do Papa Bento XVI ao Brasil, desenvolveu uma “ilha” nesse ambiente, onde foram transmitidas informações sobre a estadia do pontífice no país.

Outro recurso da *Internet*, muito utilizado para vivenciarmos a fé, é o correio eletrônico. As mensagens com conteúdos religiosos são repassadas constantemente por devotos das mais diferentes tradições e as correntes e orações, que aconteciam através da voz, cartas e papéis mimeografados, passaram a circular através do *e-mail* de forma mais interativa, com recursos de imagens e sons, sem perderem seu caráter místico.

1.1.3 A Internet e as aspirações do *self* individual

Uma das características da religiosidade brasileira, exacerbada no meio virtual, é a chamada religiosidade do *self*, marcada por uma tônica individualista e subjetiva (Cf. CAMURÇA, 2007b). O indivíduo opta por uma religiosidade própria, desfilhada do exclusivismo das instituições religiosas. Para o peregrino moderno, por exemplo, o caminho a

ser percorrido corresponde a uma experiência de auto-conhecimento e mística, desvinculada do cumprimento de promessas, alcance de graças ou de milagres, que são característicos das peregrinações e romarias das instituições religiosas tradicionais. Durante a peregrinação, o indivíduo tenta difundir os valores despertados através de um circuito de redes e comunidades virtuais de internautas em *home pages* e *sites* (Cf. CAMURÇA, 2007c).

Muitos usuários da *Internet* procuram *sites* religiosos ou esotérico-teológicos na expectativa de ajudá-los a preencherem o vazio existencial. Os *sites* de orientação espiritual Círculo Carmesim (www.novasenergias.net/circulocarmesim/home.htm) e Kryon (<http://www.kryon.cjb.net/>) são procurados por pessoas que estão nessa busca. Outros *sites* como o Sorria (<http://www.sorria.com.br/>) e o Vida.net (<http://www.vidanet.org.br/>) possuem mensagens espirituais e de auto-ajuda que auxiliam a reflexão existencial e espiritual. Vale acrescentarmos também o *site* Centro de Estudos das Tradições de Sabedoria - CETR (<http://www.cetr.net/index.php>). Esse grupo tenta um exercício de desenvolvimento da espiritualidade sem o cultivo de religiosidade, traduzindo a sabedoria espiritual das grandes tradições religiosas para uma linguagem de cultura pós-religiosa (Cf. CENTRO..., 2009).

Camurça nos fala também em um misticismo que vem crescendo e que se reflete na *Internet* através de *sites* e do correio eletrônico. Segundo ele, é um fenômeno de massa, no qual qualquer pessoa pode ter o “dom” de orar, curar e profetizar (Cf. CAMURÇA, 2007c). O correio eletrônico, que é nosso objeto de pesquisa, pode ser utilizado para enviarmos mensagens relacionadas à atitude positiva, valores positivos, otimismo, sabedoria, sentido da vida e espiritualidade, com poucos conteúdos dogmáticos das Instituições Religiosas Formais, por internautas de diferentes crenças que vivenciam uma experiência mística.

1.1.4 Outros recursos da *Internet* a serviço da religiosidade

Além dos recursos vistos acima, como o correio eletrônico (*e-mail*) e o sítio (*site*), a *Internet* disponibiliza outros cujos recursos e temas podem ser relacionados à religiosidade também.

O *Orkut* é uma comunidade *on-line* que conecta pessoas através de uma rede de amigos confiáveis. Praticamente todas as crenças religiosas possuem comunidades nesse ambiente. A comunidade do Candomblé Oriaxé e as Católicas Concílio Vaticano II e Dom Helder Câmara são exemplos disso.

O *Blog* é um registro cronológico e frequentemente atualizado de opiniões, emoções, fatos, imagens ou qualquer outro tipo de conteúdo que o autor ou autores queiram

disponibilizar (Cf. *BLOGS*, 2007). No *site* da Canção Nova encontramos um *link* para diversos *blogs* como o “Eu ia na Igreja Universal”, o qual critica essa Igreja neo-pentecostal.

O *Podcast*, que surgiu em 2004, é um sistema de transmissão de arquivos pela *Web* que permite, para um ouvinte, receber automaticamente, cada vez que ele se conecta na *Internet*, as novas edições de um programa de rádio (ou vídeo) sem que ele tenha de visitar a todo momento o *site* em que o programa é produzido. A cada nova edição, o ouvinte é notificado e o programa (o *Podcast*) é automaticamente baixado em seu computador (Cf. *PODCAST*, 2007). Quando o conteúdo é constituído de escrituras e palavras sagradas de várias religiões, o *Podcast* passa a ser chamado de *Godcast*. No Brasil, ainda não há registro de *Godcasts* estabelecidos, mas existem agregadores como o PodcastOne (www.podcast1.com.br) no qual encontramos programas feitos por internautas brasileiros. O movimento Renovare (<http://www.renovare.org.br/>), voltado para a renovação da Igreja através da formação espiritual, promove formação *on-line*, dentre as quais destacamos o *Podcast*. A partir desse *blog* sonoro, o indivíduo pode escutar as mensagens semanais sobre espiritualidade (Cf. ESCUTE..., 2009).

O *YouTube* (www.youtube.com) é um *site* na *Internet* que permite que seus usuários carreguem vídeos em formato digital, assistam a eles e os compartilhem com outros (Cf. *YOUTUBE*, 2007b). Nos Estados Unidos foi criado o *GodTube*, o “*YouTube* cristão”. O *site* exibe vídeos, socializados por usuários, com mensagens religiosas que promovem e disseminam o Evangelho no mundo (Cf. UCHOA, 2007).

1.2 Um novo movimento religioso

Em um cenário pós-moderno, Sell e Brüseke enfatizam a visão de Arnaldo Nesti sobre o declínio das religiões ritualistas e impessoais e a nova tendência religiosa para sensibilidade de experiências diretas. Nesti resgata o misticismo moderno elaborado por Ernst Troeltsch que não deve ser entendido como mero devocionalismo ou estados de alteração da consciência provocados por agentes químicos. “A mística seria a experiência e a reflexão de uma união profunda da humanidade com o absoluto”. Existe o desejo de se ter uma experiência religiosa direta, subjetiva e desconhecida, evitando-se a religiosidade tradicional das Instituições Formais que não estão respondendo ao estado de angústia da vida das pessoas (2006, p. 141).

Sell e Brüseke também se utilizam de outro autor, Collin Campbell, que tem uma posição favorável à de Troeltsch. Nesse processo pós-moderno, existe o aspecto da

secularização, redefinida como apenas o declínio da igreja-religião, e o aspecto do surgimento de uma nova forma de religiosidade mística e espiritual. As teorias da secularização estão corretas apenas no sentido de que detectam o enfraquecimento da religião em forma de igreja ou seita, mas não percebem o surgimento desta “religião mística e espiritual” de Troeltsch, caracterizada pelo individualismo e fraca institucionalidade. Segundo Sell e Brüseke, Campbell também enfatiza positivamente Troeltsch, ao se referir à religião Mística como a que melhor se adaptaria às condições de vida moderna. Entre os fatores destacados, temos: o individualismo da experiência mística que se adapta ao individualismo moderno; o espírito de tolerância religiosa que valoriza todas as formas de organização religiosa; o sincretismo, no sentido de que permite à religião Mística incorporar elementos da sociedade secular, combinando-os livremente (2006, p. 142-143).

Um outro autor, Stefano Martelli, é enfático em sua posição sobre a secularização. Ele rejeita também a tese de que essa teoria seja uma perda de todo o sentido religioso da existência, que leva ao Racionalismo puro. Ele se baseia nos Novos Movimentos Religiosos (NMR) que surgiram nos anos 70 e que, ao nosso modo de ver, muito se assemelham ao fenômeno das mensagens positivas que circulam na *Internet* através do *e-mail*. Martelli conclui que esses movimentos, surgidos na década de 70, além de serem evidência de um “despertar religioso”, também desmentem a concepção de secularização como racionalização irreversível de qualquer âmbito da existência humana (1995, p. 354). No fenômeno das mensagens de *e-mail* que abordamos, é possível subtrairmos a dominação das Instituições e símbolos religiosos, porém devemos enfatizar que a essência delas não são excludentes no tocante a essas Instituições e símbolos. As mensagens não possuem vínculos com uma Instituição Religiosa Formal, mas os conteúdos são humanísticos e, conseqüentemente, têm um fundo religioso. Elas não são frutos da secularização, mas podem se utilizar dela, através da *Internet*, para surtir efeito de caráter transcendental, para além do meramente biopsicossocial.

Nos anos 70, de fato, surgiram Novos Movimentos Religiosos tendo, como características, a formação de grupos constituídos, em grande parte, de jovens de classes mais instruídas e dos setores da média burguesia, com elevado peso social e operatividade em escala internacional (Cf. WILSON *apud* MARTELLI, 1995, p. 339). Trinta anos depois, podemos trazer essas características para um fenômeno que vem ocorrendo na *Internet* e, em especial no correio eletrônico: a circulação de mensagens positivas com a intenção de “tocar” o espírito das pessoas conectadas. Nesse caso, não apenas os jovens, mas principalmente os adultos mais velhos, que ainda estão submetidos à influência do processo de secularização, no

sentido de não considerar a Religião Formal como a única nem como a mais significativa fonte de espiritualidade, são muito abertos a essa nova experiência.

A comunicação pela *Internet* inclui elementos muito atrativos. Ela tem uma força em si, espontânea, não institucionalizada. Isso contraria a visão de que muitos tinham dos Novos Movimentos Religiosos, pois “eram considerados fenômenos marginais, destinados a desaparecer com o avanço da modernização e da racionalização” (Cf. MARTELLI, 1995, p. 339). Tinham, sobre os adeptos, uma idéia de ignorantes, sem instruções. Isso tudo, também, demonstra a fragilidade, talvez mesmo, a falsidade, da teoria da secularização como racionalização oníabrangente (Cf. MARTELLI, 1995, p. 339). Portanto, existem razões para constatarmos algumas semelhanças no que é feito através das mensagens do *e-mail* e os Novos Movimentos Religiosos que surgiram a partir dos anos 70.

O fenômeno das mensagens que circulam pelo correio eletrônico da *Internet* ultrapassa o meramente cultural. É um campo propício para a religiosidade e a espiritualidade, muito mais do que para as doutrinas fechadas das religiões tradicionais e institucionalizadas. Essas mensagens vão atingir os seguidores das mais diversas religiões e credos. Isso acontece porque o conteúdo dessas mensagens tem uma inclinação, ontologicamente, de fundo religioso, isto é, fazem parte da religiosidade que é própria do homem. Respondendo à questão teórica, levantada por Martelli, sobre se os NMR e, conseqüentemente, essa experiência na *Internet*, “constitui um efetivo fenômeno de ‘despertar religioso’ capaz de representar uma efetiva inversão de tendência do *trend* secularizante” (MARTELLI, 1995, p. 339), acreditamos que, em vez de contribuir para a diminuição da secularização, favorece uma revisão daquilo que se afirma constituir a secularização, ou seja, ela não deve ser confundida com a perda de todo o sentido religioso da existência e que leva ao Racionalismo puro e ao ateísmo. Esse fenômeno religioso virtual não é nenhum movimento de seita ou religião, mas possui semelhanças aos efeitos da leitura dos livros esotéricos, espirituais e de auto-ajuda.

Para os Novos Movimentos Religiosos das sociedades ocidentais a salvação é conseguida através de uma sabedoria de origem mística, com a intenção de liberar as potencialidades do próprio interior humano. Essas novas experiências religiosas constituem comunidades de comunicação, nas quais os indivíduos podem usufruir dos benefícios intrínsecos e simbólicos da vida do grupo, cujos desfrutes são raros nas grandes cidades. Elas representam uma mistura de tradição e modernidade. Adaptam-se à modernidade e à sociedade secularizada, mas conservam uma referência simbólica e autolegitimante com a sociedade tradicional. Isso oferece aos indivíduos formas de segurança mais imediatas e

atuais do que aquelas oferecidas pelas igrejas e denominações tradicionais (Cf. WILSON *apud* MARTELLI, 1995, p. 341).

As mensagens relacionadas à existência que circulam pelo *e-mail* refletem bem essas características desses movimentos. Elas, também, são representações (símbolos) que levam à constatação de uma realidade diferente daquela concreta e comum. Criam um modo próprio de ver e racionalizar a realidade, ao “puxar” lá de dentro, do interior do homem, uma religiosidade e espiritualidade inconsciente que nunca desapareceu. Elas podem ser assimiladas, favorecendo uma nova compreensão do despertar religioso. O conteúdo das mensagens reflete a tradição (transmissão de sabedoria) e a *Internet* a mudança (novo meio de comunicação). A mensagem é recebida individualmente, mas o internauta percebe que muitas outras pessoas comungam das mesmas experiências e isso o integra a uma comunidade virtual, de grande coesão.

Todo esse movimento de secularização, da mudança de cultura, do avanço de uma nova forma de racionalização, apenas positiva, desconstrói a forma tradicional da Instituição Religiosa Formal, mas deixa margem para que se construa “algo novo”, em cima disso. No mundo de hoje, o processo de secularização destruiu muito o que era antes construído com base numa Instituição Religiosa Formal. Porém a essência da religião, mesmo a da tradicional, continua. Os jovens e também os adultos mais velhos, que possuem certo grau de instrução, se encontram, em última análise, em busca da referente essência religiosa, mas a forma de transmiti-la, dessas instituições tradicionais, não consegue alcançá-los. Até as próprias Instituições Religiosas Formais também estão reagindo a essa perda. O Movimento Carismático Católico e as igrejas neo-pentecostais são exemplos de como elas por dentro estão se utilizando dos NMR para modificar esse quadro.

O movimento de fundo religioso e espiritual, espontâneo, das mensagens da *Internet*, de certa forma, é e está sendo cada vez mais, uma das diversas formas de Comunicação que vem preenchendo essa lacuna. Não existe pregação, culto, dogma ou liturgia. A mensagem, em si, já tem um conteúdo religioso e espiritual muito grande. A sabedoria que as mensagens trazem é a mesma das grandes religiões como a cristã, budista e hindu. Ela tem um conteúdo que vem da tradição, mas a linguagem é moderna. Martelli quando cita Westley, coloca em aspas a palavra “novas” (religiões) porque na realidade esses Novos Movimentos Religiosos, incluindo, por analogia, esse fenômeno observado no *e-mail*, não são, realmente, novas (religiões). Novas seriam, se tivessem destruído toda a essência, valores e moral da Religião e criassem outros princípios. O que existe é uma releitura dela, com base em um novo meio de Comunicação (*Internet*) e numa linguagem simples e direta,

através de contos, parábolas, fábulas, artigos, trechos de livros, textos filosóficos, pensamentos, poesias, prosas, crônicas e músicas, com poucos conteúdos dogmáticos e fechados, como os usualmente utilizados pelas Instituições Religiosas Formais.

A comunicação via *Internet* predispõe a criação de comunidades virtuais, tão concretas quanto as comunidades reais, no sentido de que têm suas características racionalizáveis. No caso do fenômeno do correio eletrônico, a circulação das mensagens constrói, de certa forma, uma comunidade virtual, conectando pessoas que têm em comum a dimensão espiritual e religiosa, mesmo que inconscientemente.

Ainda, segundo Martelli, os Novos Movimentos Religiosos, em nível mundial, permitem aos leigos, a participação, de modo mais direto, em suas atividades do que as religiões tradicionais (Cf. MARTELLI, 1995, p. 349). As mensagens que circulam na *Internet*, através do *e-mail*, conseguem essa comunicação mais direta e mais ampla. Os internautas “absorvem” o conteúdo das mensagens, não importando para eles, a origem delas, embora os remetentes sejam, facilmente, identificáveis. Muitas das mensagens estão relacionadas à atitude positiva, valores positivos, otimismo, sabedoria, sentido da vida e espiritualidade, que estimulam a reflexão e mudanças de atitude perante a vida.

Martelli também menciona as diferentes interpretações sociológicas para explicar o aparecimento e propagação dos Novos Movimentos Religiosos nas sociedades modernas. Uma delas enfatiza que os NMR exercem uma função integradora que evidencia às vezes, a proposta deles de uma imagem holística do mundo (1995, p. 353). Os usuários da *Internet*, quando se comunicam, via *e-mail*, não se importam com as diferenças sociais e, especificamente, as religiosas. Com isso, existe uma abertura maior para internalizar o conteúdo das mensagens. Existe uma comunhão de pensamentos.

1.3 *Uma experiência pessoal*

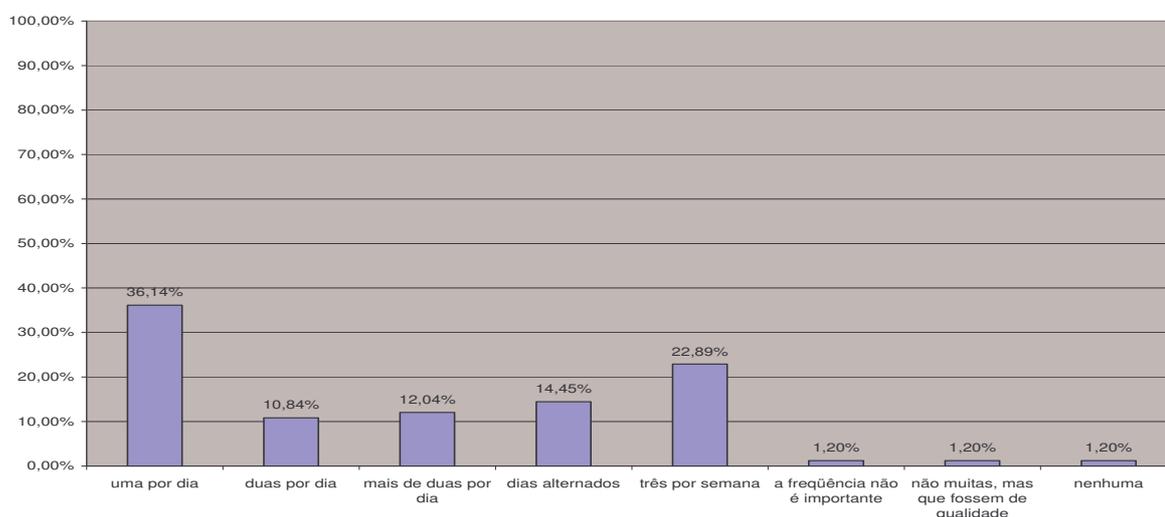
A partir de uma experiência mística pessoal, sentimos um “impulso” para transmitirmos e compartilharmos a sabedoria adquirida nessa “revelação”, mas, pelo fato de o nosso trabalho profissional ser de desenvolvimento e manutenção de sistemas de computação, passávamos a maior parte do tempo isolado e à frente de um computador. Uma angústia nos assomava, porque trabalhávamos com máquinas e queríamos estar em contato com pessoas. Para suprir essa necessidade, começamos a repassar mensagens que nos eram enviadas pelo correio eletrônico da *Internet* e que de alguma forma espelhavam essa experiência de vida e espiritualidade. Havia um sentimento de ânsia e empolgação para repassarmos o que

recebíamos. Depois de um ano, no dia 2 de maio de 2002, através de uma “inspiração”, sistematizamos de uma forma organizada e periódica o envio dessas mensagens pelo correio eletrônico da Grande Rede. Desde essa época, em mais de sete anos de missão, estamos nos aperfeiçoando nesse processo através de sugestões dos integrantes da lista de endereços de *e-mail* ou de necessidades que surgem ao longo da caminhada.

Para clarear melhor essa experiência, no dia 20 de abril de 2009 enviamos pelo *e-mail* um questionário² acompanhado de instruções³ para todos os 557 integrantes da nossa lista de contatos, na época. Desse total, 83 responderam ao questionário, sendo 53 do sexo feminino e 30 do masculino. As respostas foram calculadas percentualmente em relação a esse total de 83 internautas que deram retorno. Com esses dados em mãos, elaboramos alguns gráficos que permitem exemplificar uma experiência concreta e próxima do fenômeno estudado, levando-nos a olhar, com lentes de aumento, uma pequena parcela desse universo de internautas.

Começamos com o Gráfico n. 01. Hoje enviamos periodicamente uma mensagem por dia, de segunda à sexta. Essa opção foi a mais aceita pelos internautas de nossa lista. Uma outra parcela gostaria de receber três mensagens por semana.

Gráfico n. 01 – Preferência na Frequência de Recebimento das Mensagens



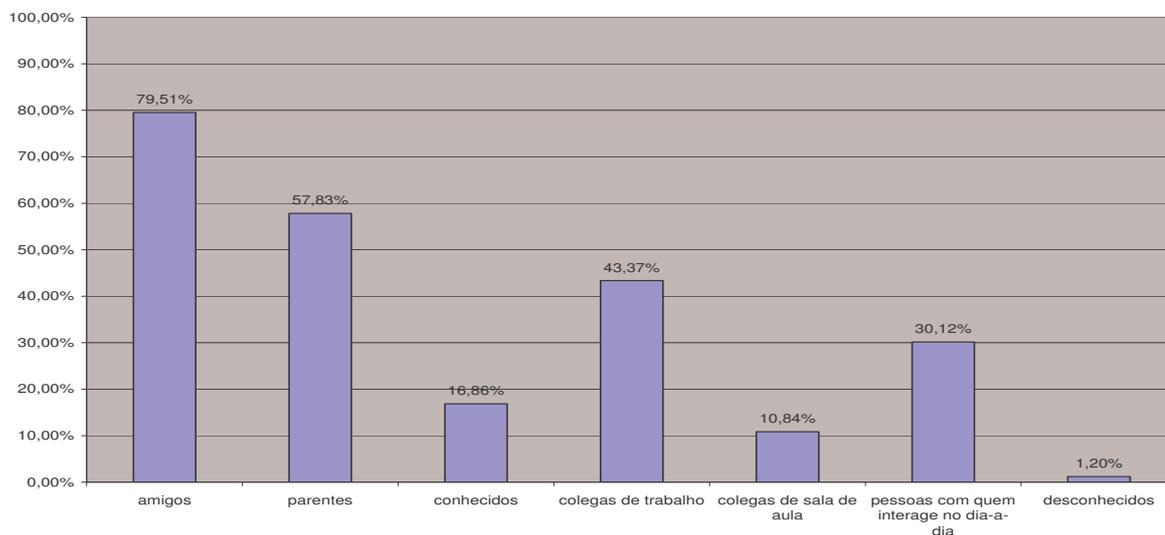
A lista de contatos de *e-mail* possui, hoje, 576 pessoas, composta em sua grande maioria de parentes, amigos, colegas de trabalho e pessoas com quem nós interagimos no dia-a-dia. Apenas uma minoria são pessoas desconhecidas, geralmente indicadas por alguém da nossa lista. Esses tipos de relações humanas parecem estar presentes também no perfil da lista

² Cf. APÊNDICE B, no final deste livro.

³ Cf. APÊNDICE C, no final deste livro.

de endereços de *e-mail* dos outros que enviam mensagens. Na nossa amostragem, todas as relações foram citadas, especialmente a relação de amizade (Gráfico n. 02).

Gráfico n. 02 – Relação com as Pessoas para Quem são Enviadas as Mensagens



O processo de seleção ocorre através de um convite feito pessoalmente ou por *e-mail*. Porém, algumas vezes, alguém da lista solicita a inclusão de outra pessoa que aprecia esses tipos de mensagens. Portanto, não existe uma imposição. Também a pessoa é livre para deixar a nossa lista quando quiser. Apenas, permanecem aqueles que estão receptivos a essa interatividade. Uma outra observação é que nesse contexto há seguidores das mais diversas religiões e credos: simpatizantes do budismo, cristãos, espíritas, judeus, simpatizantes do hinduísmo, seguidores de religiões afro-brasileiras, agnósticos, ateus e pessoas que vivenciam uma espiritualidade sem vínculo a uma Instituição Religiosa Formal. Na amostragem levantada pelo questionário, os maiores índices relacionados a esses usuários da *Internet* são: idades que variam de 31 a 40 anos (Gráfico n. 03), graduados (Gráfico n. 04), adeptos de religião cristã (Gráfico n. 05), frequência média diária de acesso à *Internet* entre 1 e 2 horas (Gráfico n. 06) e participam do fenômeno há mais de 4 anos (Gráfico n. 07).

Gráfico n. 03 – Idade

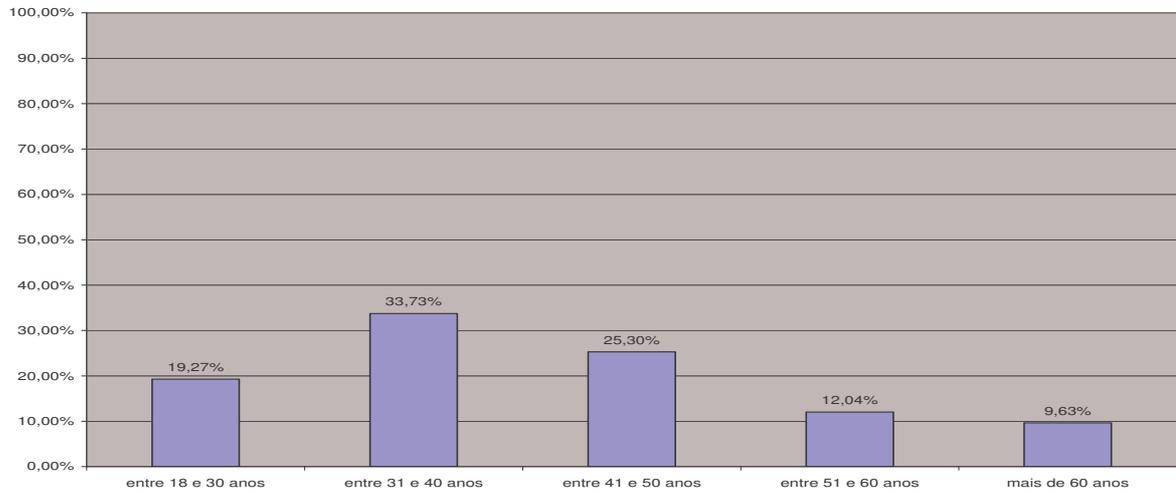


Gráfico n. 04 – Nível de Instrução

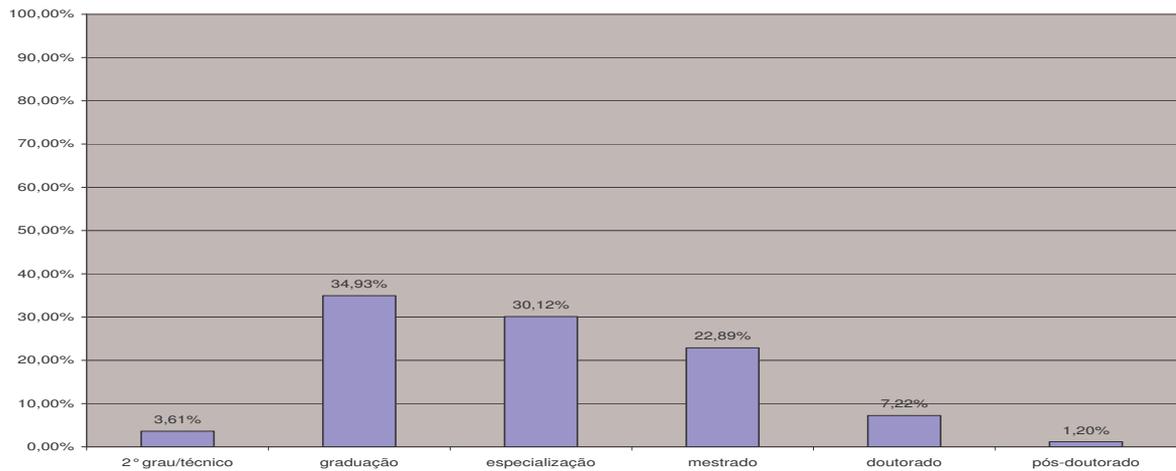


Gráfico n. 05 – Religião

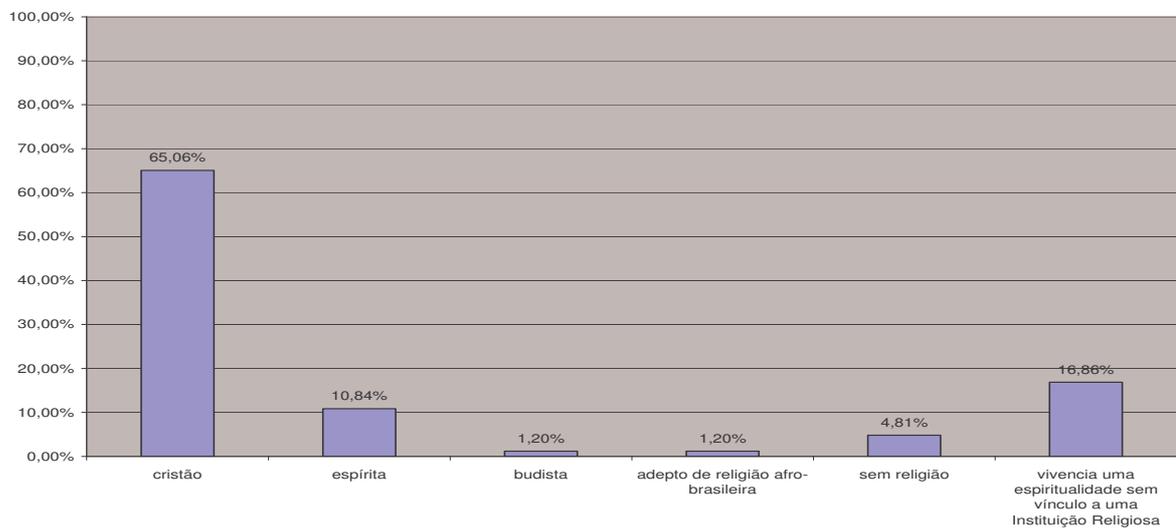


Gráfico n. 06 – Frequência Média Diária de Acesso à Internet

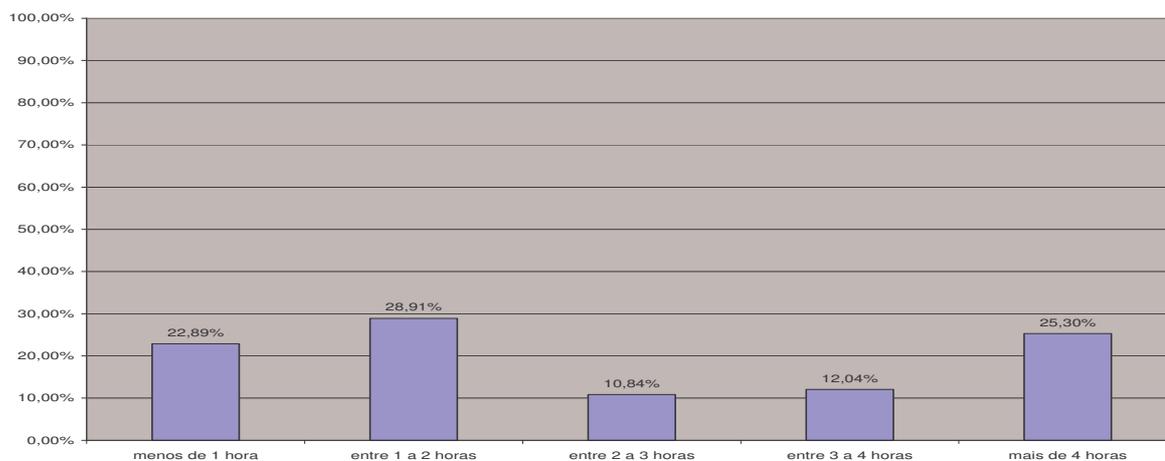
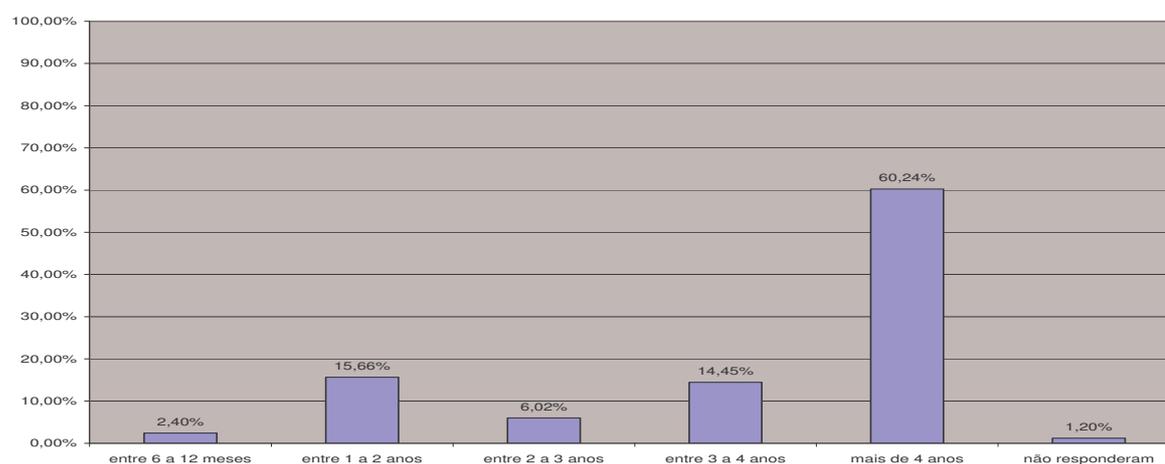
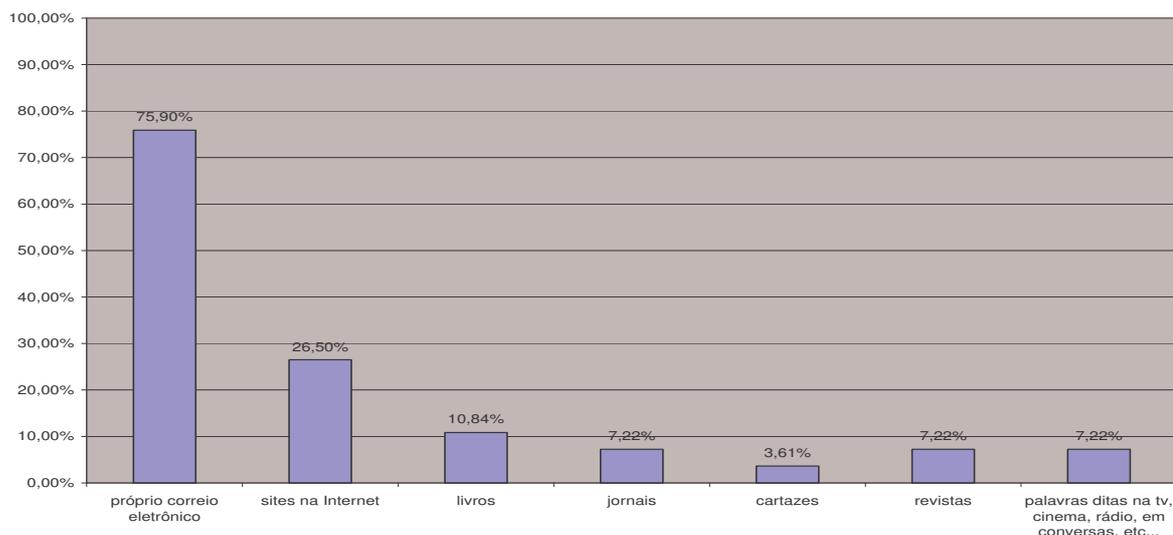


Gráfico n. 07 – Tempo de Participação no Fenômeno Estudado



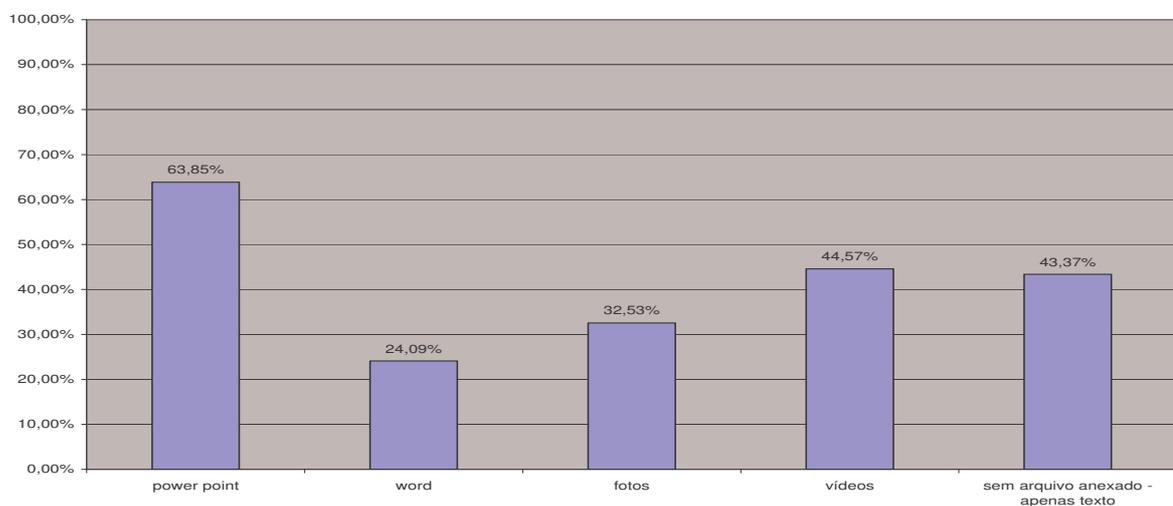
Os textos e imagens selecionados para circularem pela lista de mensagens não são de nossa autoria. Em sua maioria, são originados do próprio correio eletrônico, mas existem também outras fontes, como *sites* na *Internet*, trechos de livros, cartazes, jornais, revistas ou mesmo palavras ditas na televisão, cinema, rádio e no dia-a-dia. Em relação aos internautas que responderam ao questionário e que enviam mensagens, também houve essa mesma variedade de fontes (Gráfico n. 08).

Gráfico n. 08 – Fontes das mensagens enviadas



O acervo conta com quase 1800 arquivos, divididos nos diretórios Imagem e Texto. Os arquivos de texto, como o próprio nome diz, possuem apenas mensagens de textos. Já os de imagem, possuem mensagens que podem conter textos, imagens, sons e animações. As apresentações de *power point*, fotos e vídeos são alguns exemplos disso. Jacques Ramadier criou o termo Diaporama, que se encaixa bem nos “pps” que circulam. Diaporama é toda sorte de imagens ou de documentos ligados por efeitos e sobre os quais é possível colocar um som. Os integrantes da nossa lista de contatos que deram um retorno apreciam com maior ou menor intensidade todos os tipos de anexos e as mensagens que possuem apenas texto (Gráfico n. 09).

Gráfico n. 09 – Tipos de Arquivos Anexados mais Apreciados



Existe também uma classificação desse acervo para encontrarmos mais facilmente algum arquivo desejado pelo internauta da nossa lista. Os arquivos estão organizados por assunto (amizade, atitude, otimismo, sabedoria, valores, Deus, fé, místico/zen, religioso, vida interior, família, mulher, relacionamento, sentimentos, sociedade, trabalho e outros) qualidade (excelente, boa e regular) e forma de apresentação (artigos, crônicas, trechos de livro, contos, parábolas, humor, pensamentos, mensagens, poesias e prosas). Dentro desse universo, encontramos contos, fábulas, parábolas, artigos, trechos de livros, textos filosóficos, pensamentos, poesias, prosas, crônicas, músicas e outras formas, com poucos conteúdos dogmáticos ligados às Instituições Religiosas Formais. Também nesse caso, tanto as formas de apresentação (estilos) quanto os assuntos abordados acima, estão no gosto dos internautas que recebem as nossas mensagens (Gráficos n. 10 e n. 11).

Gráfico n. 10 – Assuntos mais Apreciados nas Mensagens

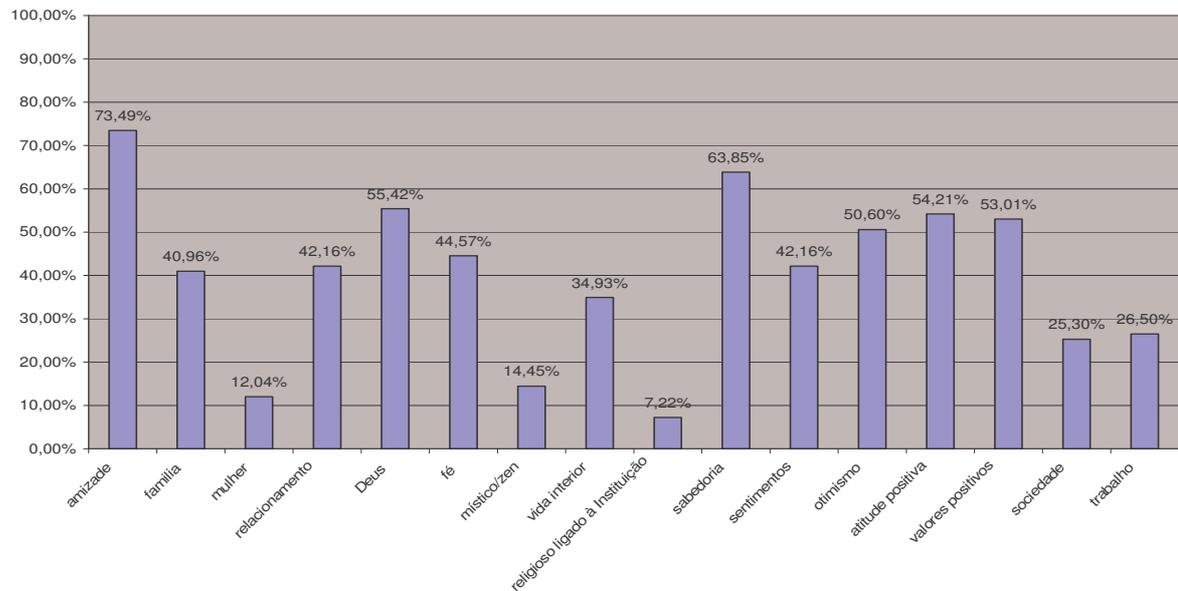
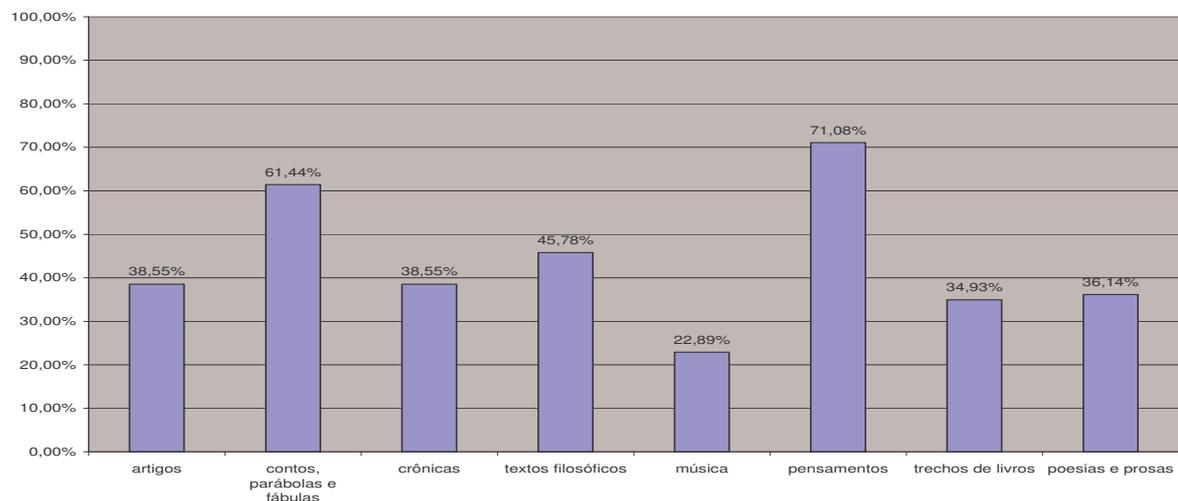


Gráfico n. 11 – Estilos mais Apreciados nas Mensagens



Um aspecto que temos notado é que essas mensagens que elevam o espírito e que circulam na *Internet* são também aproveitadas fora da esfera da Grande Rede, como por exemplo: salas de aula, sessões de terapia, dinâmicas de grupo, outras mídias (tv, rádio, jornal), publicações (livros, revistas) e condomínios de prédios. É uma via de mão dupla, um caminho circular do mundo virtual para o mundo real e vice-versa. Em nossa própria experiência, publicamos o livro *Em busca do Logos* (editora Calibán), cujo conteúdo é de pensamentos que circularam pelo *e-mail*. Os nossos contatos também deram exemplos tanto na *Internet* quanto fora dela, do uso das mensagens em outros ambientes, além do correio eletrônico (gráficos n. 12 e n. 13).

Gráfico n. 12 – Outros Recursos na *Internet* além do *E-mail* em que as Mensagens são Utilizadas

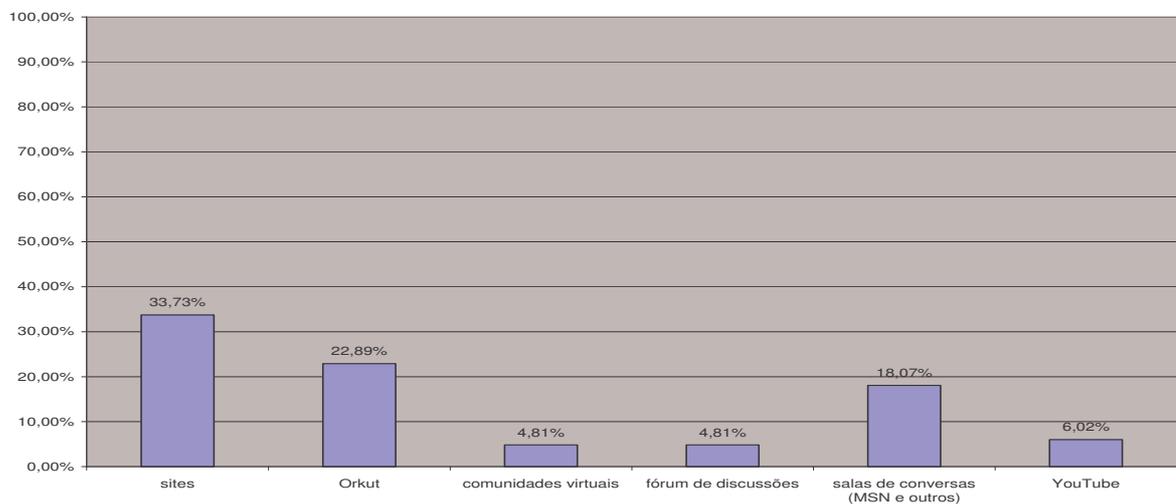
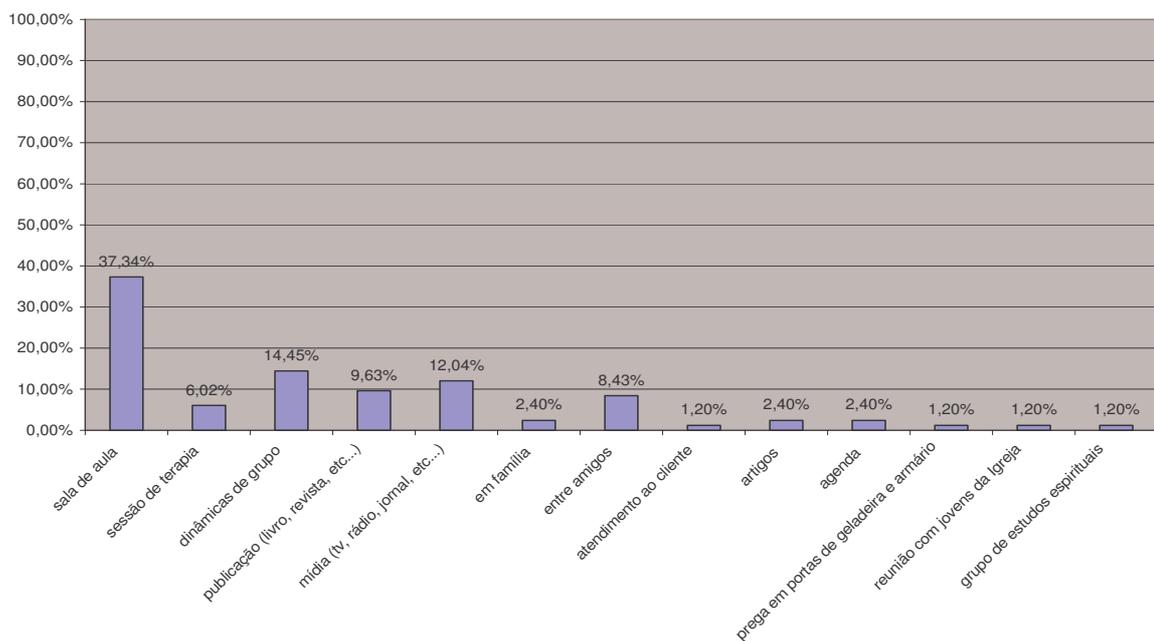


Gráfico n. 13 – Outros Ambientes além da *Internet* em que as Mensagens são Utilizadas



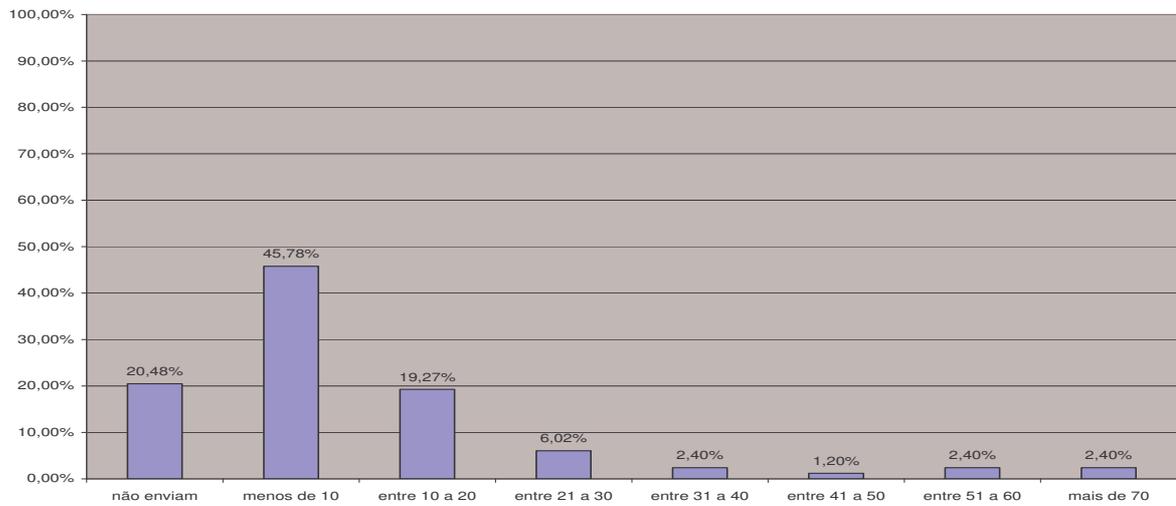
Em todos esses anos de experiência, este observador participante tem recebido, por *e-mail*, telefone ou pessoalmente, os mais diversos depoimentos espontâneos de pessoas que integram a nossa lista ou de desconhecidos que receberam as mensagens devido à conexão em rede. Pessoas que não tinham despertado ainda para alguns assuntos existenciais, mas que de alguma forma refletiram e mudaram sua atitude perante a vida. Segundo elas, as mensagens transmitem afetividade, consolação, apoio moral, otimismo, valores positivos, animação de espírito, amizade, sabedoria de vida, esperança e alegria. Esse contato com os internautas possibilitou-nos uma maior aproximação com muitos deles. Algumas vinham relatar pessoalmente suas angústias na perspectiva de aliviar o peso emocional que carregavam. Um fato interessante também observado é que uma mesma mensagem pode gerar interpretações diferentes, mas, em muitos casos, conseguem, de alguma forma, elevar o espírito.

Podemos citar a nossa própria experiência, uma mudança de atitude, a partir da mensagem que contava a história de um pesquisador da USP que se disfarçava de gari⁴. Não sabemos ao certo a veracidade do texto, mas isso não importa. O importante foi despertar-nos para uma reflexão sobre as pessoas que trabalham em serviços gerais e que não são notadas no dia-a-dia. Não que nós tivéssemos o desprezo por elas, mas a vida agitada em que estamos inseridos e a individualidade que a sociedade vivencia, propiciava esse tipo de atitude. A partir do impacto do conteúdo dessa mensagem, passamos a prestar atenção a essas pessoas, a valorizá-las como seres humanos, a percebermos a sua presença e a interagirmos com elas.

As nossas observações revelam indícios de que o fenômeno do envio de mensagens pelo correio eletrônico não substituiu a crença de boa parte dos internautas. Não é a intenção de uma nova religião virtual (*ciber-religião*), mas um fenômeno que talvez possa propiciar um diálogo inter-religioso e um avivamento de relações humanizantes. Nesse ambiente, pessoas dos mais diferentes credos e religiões conseguem se entender através dessas mensagens humanas positivas. Segundo o Gráfico n. 14, das 83 pessoas que responderam o questionário, 20,48% delas recebem as mensagens mas não as enviam. Existe uma boa chance que as outras 79,52% enviem para internautas adeptos de religiões ou credos diferentes.

⁴ Mensagem *O Gari da USP* (Cf. APÊNDICE D, no final deste livro).

Gráfico n. 14 – Quantidade de Pessoas que são Enviadas as Mensagens



A partir das nossas observações e experiência própria, e dos depoimentos espontâneos e questionários respondidos daqueles que também vivenciam esse fenômeno, levantamos algumas questões que serviram como ponto de partida para a pesquisa. Alguns conceitos foram, então, utilizados para servir de suporte na compreensão dessas questões. Esses Itens serão analisados mais detalhadamente no capítulo a seguir.

2 CONCEITOS APLICADOS AO FENÔMENO DO *E-MAIL*

2.1 *Espiritualidade, Mística, Sagrado, Ética, Moral e Valores*

Espiritualidade é uma dimensão do profundo de cada ser humano. Todo ser humano é portador de Espiritualidade (Cf. BOFF, 2000, p. 99). A Espiritualidade é aquilo que produz dentro de nós uma mudança, uma transformação capaz “de dar um novo sentido à vida ou de abrir novos campos de experiência e de profundidade rumo ao próprio coração e ao mistério de todas as coisas” (BOFF, 2006, p. 45). A tarefa da Mística, que indica o cuidado com o mistério, é vivenciar e elaborar a Espiritualidade interiormente. É conscientizar-se de tal dimensão, trazê-la ao nível da prática e reservar-lhe um lugar explícito no projeto humano (Cf. BOFF, 2000, p. 99).

Em uma abordagem fenomenológica, a Mística se manifesta de três formas fundamentais, que remetem para diferentes dimensões da realidade: a experiência mística, uma experiência subjetiva e pessoal cujo centro é a idéia de união com Deus ou com o princípio fundamental de toda realidade; o místico em si mesmo que não pode ser traduzido em palavras; o pensamento místico, ponto de conexão entre as duas primeiras, que registra a experiência mística, informando sobre o caráter inexprimível desta e da realidade transcendente para o qual ela aponta (Cf. SELL; BRÜSEKE, 2006, p. 18-19).

Começamos com o pensamento ou discurso reflexivo místico. Segundo Sell e Brüseke, a definição de Mística de Kolakowsky é a que abrange uma maior variedade de fenômenos que estão presentes em diferentes religiões (monoteístas, panteístas ou mesmo sem um Deus pessoal) e em diferentes formas de união com Deus, e que admite toda e qualquer variedade de condições que são consideradas necessárias para que ocorra o encontro com a Mística (2006, p. 23):

Doutrina segundo a qual é possível, dentro de certas condições, que a alma humana, que é uma realidade diferente do corpo humano, comunique-se por meio de uma experiência (não sensível, mas análoga por suas características diretas àquela que se produz no contato do sentido humano com os objetos) com a realidade superior que conserva a primazia (no tempo ou na criação) em relação a toda outra realidade; admite-se ao mesmo tempo que esta comunicação, ligada a uma intensa afeição de amor, e também livre de toda participação das faculdades físicas do homem, constitui um bem particularmente desejado e que ela é, ao menos nas suas formas mais intensas, o bem supremo que o homem pode conquistar na sua vida terrestre (KOLAKOWSKY *apud* SELL; BRÜSEKE, 2006, p. 22).

A partir de sua definição, Kolakowsky deduz que algumas características estão presentes de forma quase invariável nos movimentos místicos:

A convicção de que a natureza humana abandonada a si mesma é totalmente corrompida, ou pelo menos incapaz de participar positivamente na criação de valores; desprezo total pelo saber natural, profano e teológico, e o reconhecimento do fato de que a experiência mística é inefável; a idéia de um amor totalmente desinteressado (ou seja, a renúncia a sua própria salvação como motivo de união mística); a negação do tempo (ausência do passado e do futuro na imagem do mundo), ou a imagem do tempo como algo ilusório, subjetivo ou fenomenal; reconhecimento de um antagonismo entre a individualidade (especialmente o emprego da própria vontade) e a perfeição; reconhecimento de um antagonismo entre criatura e o criador (*apud* SELL; BRÜSEKE, 2006, p. 23).

A experiência mística propriamente dita refere-se ao lado subjetivo e interior dos místicos. Para Sell e Brüseke, existem dois caminhos que podem levar à sua compreensão: a análise psicológica dos estados místicos e os relatos de quem os vivencia. Os relatos dos místicos são formas aproximadas de compreensão para tentar traduzir a experiência em si. Como a fala deles está longe de traduzir o que realmente acontece, eles preferem se utilizar de metáforas, analogias e símbolos no lugar de conceitos (2006, p. 23-26). Frei Betto observou a necessidade de Mística através da grande procura de exemplares de Paulo Coelho e de livros esotéricos (aí incluídos os de Espiritualidade), nas bienais do livro (1999, p. 28).

A experiência do internauta que vivencia uma Mística passa por isso. Ele faz o seu relato utilizando-se de mensagens relacionadas à sabedoria adquirida ao longo de sua caminhada Mística. Ele tenta fazer-se entender aos outros internautas através do *e-mail*, utilizando, como mensagens, trechos desses livros procurados nas bienais ou poemas, parábolas, crônicas e textos filosóficos. Boff também tem observado essa necessidade das mensagens dos místicos. Em suas palavras, ele afirma que “nós temos fome e sede” dos místicos, que eles “despertam em nós a dimensão espiritual” (2006, p. 45). O teólogo Carlos Josaphat, dentro de sua concepção cristã, expressa essa “rede de místicos” ao afirmar que “estamos todos ‘plugados’, à transcendência que é Palavra, ao Logos fonte de vida e de luz, o qual está na origem e no destino de cada um e de todos os seres humanos, sendo-lhes princípio de sentido” (*In*: BOGAZ; COUTO, (Orgs), 2004, p. 39).

O último vértice do triângulo seria “o místico”, aquilo que encarna a dimensão transcendente e não racional do Sagrado. Para Rudolf Otto, a essência da Mística é constituída desse caráter misterioso e divino que ele chama de *Numinoso*. Portanto, a Mística é essencialmente uma propriedade do *Numinoso* (Cf. SELL; BRÜSEKE, 2006, p. 65).

Como temos observado, a Fenomenologia da Religião, que trata da experiência do

Sagrado e do *Numinoso*, está presente em muitos autores. Martelli, por exemplo, aborda a sociologia abrangente de Joachim Wach, que é uma síntese das perspectivas abertas pelos fenomenólogos sobre a experiência religiosa, junto com a dos clássicos da Sociologia. Segundo Wach, a Religião tem como definição “a experiência social do Sagrado”, na qual ele concilia a Fenomenologia de Rudolf Otto, que considera o Sagrado ao nível da consciência, com a abordagem clássica da Sociologia da Religião, que situa a experiência religiosa dentro de um interesse orientado para as problemáticas sociais (*apud* MARTELLI, 1995, p. 171-173). Com isso, ele afirma que “somente quem fez uma experiência religiosa autêntica é capaz de reconhecer, na pesquisa histórico-social, aquilo que é autenticamente religioso” (1995, p. 173). Rudolf Otto, no seu livro *O Sagrado*, convida o leitor a se lembrar dessa experiência e desaconselha a prosseguir a leitura quem nunca a vivenciou:

Convidamos o leitor a fixar a atenção num momento em que experimentou uma emoção religiosa profunda e, na medida do possível, exclusivamente religiosa. Se não for capaz ou se até não conhece tais momentos, pedimos-lhe que termine aqui a sua leitura (1992, p. 17).

Segundo a Fenomenologia da Religião, o Sagrado constitui a base ontológica da experiência religiosa. A Religião, então, é uma forma específica de leitura do que é o Sagrado. Segundo Otto, essa categoria especial de interpretação e avaliação, que só existe no domínio religioso, possui aspectos ditos racionais, ou seja, passíveis de uma apreensão pelo pensamento conceitual através da observação dos seus efeitos de caráter emocional, e aspectos não racionais, que escapam à primeira apreensão, sendo exclusivamente captados enquanto sentimento religioso e impossível de traduzir em conceitos (1992, p. 86-87). Essa experiência religiosa que designa o Sagrado, abstraído de todo elemento racional, é definida por Rudolf como o sentimento *Numinoso* (1992, p. 14). Esse encontro do indivíduo com a essência divina pode, segundo a análise de Otto, ser apreendido por sentimentos opostos de horror e espanto, por um lado, e êxtase irresistível e fascinação, por outro.

A partir da sua experiência e de outras pessoas, Wunibald Müller, um autor da atualidade que faz uma releitura de Otto, afirma que o encontro do Sagrado pode acontecer em diferentes situações, como na natureza, na liturgia, nos sonhos, nos pensamentos e na leitura. O correio eletrônico da *Internet*, através da leitura de mensagens relacionadas à existência humana, pode ser uma das situações desse encontro:

[...] o lugar capaz de despertar em mim estes sentimentos (do Sagrado) pode ser uma igreja, pode ser o encontro com o Grand Canyon ao nascer do sol, pode ser a celebração da eucaristia ao cair da noite no deserto do Sinai, ou de manhã cedinho em um altar de sacrifícios sobre uma elevação na cidade nabatéia de Petra. Ou quando eu penso em meu período de estudos em Israel,

e nas palavras que me são familiares da Bíblia, ainda hoje eu sinto um pouco do toque do numinoso que então me foi dado experimentar (2004, p. 45).

O usuário da *Internet* que recebe um *e-mail*, algumas vezes, desperta para o Sagrado, quando ele é “tocado” no mais profundo do seu ser pela assimilação do conteúdo dessas mensagens numa espécie de despertar interior. Segundo Müller:

Quando este mundo se encontra fechado ou bloqueado, uma determinada situação de nossa vida pode fazer com que ele volte a se tornar ativo. Talvez ao entrarmos em algum lugar especial, ao nos encontrarmos em uma região particularmente bela e experimentarmos aí alguma coisa que nos toca tão profundamente que nossa capacidade de experimentar o sagrado volta a ser ativada (2004, p. 25).

Essa possibilidade de despertar o Sagrado através desse novo fenômeno, faz com que o internauta queira participar, assiduamente, como emissor e receptor das mensagens:

Ser tocado pelo sagrado é uma experiência que deve envolver com sua atmosfera o meu pensar, o meu sentir e o meu agir. Quase sempre eu consigo isto de uma forma bastante precária. Mas não desisto de estar aberto para esta experiência. Para mim não existe outra alternativa. É a trilha que descobri para mim, a rota que eu sigo, convencido de que ela me leva para onde eu me encontro, para o que constitui meu anseio mais profundo – não importando o que este seja ou o que possa ser (2004, p. 43).

A Ética também é abordada em nossos estudos. Mas antes que iniciemos esta jornada teórica, temos que fazer uma distinção entre Moral Social e Ética, já que para o senso comum esses conceitos são sinônimos. Leonardo Boff faz a seguinte distinção entre Moral e Ética:

A Ética é parte da filosofia. Considera concepções de fundo acerca da vida, do universo, do ser humano e de seu destino, estatui princípios e valores que orientam pessoas e sociedades. Uma pessoa é Ética quando se orienta por princípios e convicções. Dizemos, então, que tem caráter e boa índole (2003, p. 37).

A Moral é parte da vida concreta. Trata-se da prática real das pessoas que se expressam por costumes, hábitos e valores culturalmente estabelecidos. Uma pessoa é Moral quando age em conformidade com os costumes e valores consagrados. Estes podem, eventualmente, ser questionados pela Ética. Uma pessoa pode ser Moral (segue os costumes até por conveniência) mas não necessariamente Ética (obedece a convicções e princípios) (2003, p. 37).

A Moral Social, para Sell e Brüseke, está fundamentada na sociedade, a partir de um conjunto de representações que os membros de uma coletividade têm em comum. Ela expressa a consciência coletiva e orienta, com seus critérios, o agir do indivíduo. Mesmo que um membro da sociedade não concorde com ela, sente-se no dever de agir como se concordasse. Portanto, a Moral Social é uma força que exerce poder sobre o indivíduo. A

Ética passa pelo desconforto que o indivíduo sente em certas situações em que os outros membros da sociedade estão em sintonia. Com sua Ética, ele tem a sensação que a Moral da sociedade está na direção errada. Dessa forma, a Ética muitas vezes é anti-social e por isso ela é denominada de Ética da Resistência. Porém, em outras situações, a Moral Social pode convergir com a Ética por influência desta última. Nesse caso, esses valores éticos não se fundamentam na sociedade (2006, p. 226-227). Uma pergunta vai surgir, então, por conta disso: onde estaria a fonte dessa Ética?

Sell e Brüseke se baseiam em Rudolf Otto quando afirmam que a força que o *Numinoso* possui, fundamenta qualquer valor ético. Esses valores que a integram, não são construídos na sociedade, mas são derivados dessa força. A Ética está além da Moral Social, que é construída pela consciência coletiva num momento histórico (2006, p. 63). Portanto, “a sensibilidade Mística para o *Numinoso*, abre um caminho para a fonte de uma Ética que é mais do que mera Moral Social” (2006, p. 225). O que nós temos observado, através da nossa experiência, é que os conteúdos humanísticos e espirituais dessas mensagens que circulam pelo *e-mail* podem proporcionar consciência de valores éticos ao agir humano. E isto está de acordo com Müller. Sentir-se tocado pelo Sagrado fundamenta uma Ética que realiza ações concretas no dia-a-dia. Mudanças de atitude que muitas vezes vão de encontro à Moral Social:

[...] Seguir esta trilha e encontrar este caminho influenciado pelo sagrado, isto me é dado por uma força e uma instância que vão muito além destas competências, que, em última análise, são competências humanas. É uma força que, às vezes, a bem da santidade, pode exigir que eu siga uma direção diferente do que oficialmente se considera correto (MÜLLER, 2004, p. 43).

Na nossa sociedade em crise, a Moral que permeia a mente da coletividade é a do individualismo, da competição, do consumismo, da posição social, da busca do prazer imediato, do “ter” em detrimento do “ser” e do narcisismo. A partir desse contexto, como essa nova mídia, que é a *Internet*, pode colaborar para uma Ética de dimensão social, visando à qualidade humana? Construindo a nossa fundamentação em Carlos Josaphat, comecemos com a definição de Comunicação Social:

[...] um feixe de palavras, gestos, idéias e imagens, luzes, ruídos ou sons, coligados e harmonizados em um “código”, que o “comunicador” “emite” a fim de que seja recebido, decifrado e compreendido pelo seu “destinatário” (2006, p. 23).

È importante frisarmos que a Ética pressupõe e exige que a comunicação exista e que venha a ser uma rede eficiente que leva mensagens e estabelece a comunhão entre as pessoas (2006, p. 25). Com essa relação, passamos agora para a definição da Ética da

Comunicação Social:

A ética da comunicação social se define como o projeto de uma orientação livre e responsável do processo e do sistema de informação, bem como dos comunicadores e do público, visando ao bem da própria informação e da sociedade, uma e outra encaradas sob o ângulo do bem comum, do respeito das pessoas, dos valores e direitos fundamentais (2006, p. 34).

A partir desse conceito, podemos avaliar que, para que a Ética da Comunicação se torne efetiva, é preciso que ela tenha influência sobre as atitudes de cada um dos profissionais da comunicação e de todos que nela estão interessados e envolvidos. Além disso, os valores, normas e modelos de comportamento da Ética, que têm como fundamentos o reconhecimento do primado da dignidade da pessoa humana e a aceitação da prioridade do bem social, sobre todos os interesses particulares de indivíduos, grupos e sociedades, se traduzam em modelos de orientação para o próprio sistema de comunicação (2006, p. 34-35).

No campo da Ética, os Valores, enquanto bens humanos almejados, são universais e, como convêm à dignidade da pessoa, merecem ser desejados por todos e para todos, dentro de uma apreciação racional. A Ética da Comunicação fundamenta-se no equilíbrio dos interesses particulares e desses Valores humanos fundamentais. A Ética estimula e fundamenta o agir humano através de seus objetivos, determinados e desejados em virtude de uma intenção racional e livre (2006, p. 62-63). Esses objetivos humanos da mídia podem ser sintetizados em quatro ideais ou exigências normativas que se conectam e interagem: a Dignidade percebe o ser humano em sua singularidade e grandeza próprias; a Responsabilidade surge no plano da ação como o ponto mais alto da liberdade, é reconhecer-se investido de direitos e deveres a exercer em virtude da exigência do ser humano de agir para o próprio bem e o bem dos outros; a Felicidade exprime a realização harmoniosa das aspirações de cada um; o Bem Comum é a certeza de um núcleo de direitos fundamentais, de bens materiais e culturais para todos (2006, p. 66-72). Ao se tornarem operacionais, os objetivos humanos da Comunicação Social concretizam-se em uma escala de Valores Éticos (2006, p. 74).

Definimos Valores como “os princípios normativos supremos, fontes de motivação e de legitimação das opções e decisões, assumidas com reflexão e liberdade”. Eles direcionam racionalmente as atitudes humanas como ideais imperativos de caráter absoluto. A reflexão Ética sintetiza então quatro Valores, interdependentes, que são necessários e suficientes para servir de base ao agir humano no plano pessoal e social: a Verdade, a Liberdade, a Justiça e a Solidariedade. A Verdade se constitui e se estrutura por um consenso racional e livre, cujo objetivo é o Bem Comum. A Liberdade é o primeiro elemento

constitutivo do agir humano e fonte dos outros Valores. Se os membros de uma sociedade não a possuem, especificamente na informação e comunicação de idéias, eles não podem exercer os direitos e deveres pessoais e sociais. A Justiça tem como objetivo a promoção de todos os direitos para todos, a procura e a promoção do Bem Comum através de uma informação verdadeira. Do ponto de vista do comunicador, este deve ser leal e buscar a exatidão do que transmite. A Solidariedade faz-se presente na própria comunicação porque esta em si mesma é aberta a ela quando a mídia leva ao interesse pelas outras comunidades, povos e continentes, valorizando o outro, o diferente (2006, p. 75-83).

A *Internet*, em nosso caso de estudo, aperfeiçoa potencialmente a Comunicação Social e caracteriza-se pela interatividade, uma forma de comunicação que particulariza o seu alvo e intensifica o seu impacto, conectando os parceiros virtuais e permitindo o diálogo e a influência recíproca, independentemente da distância e em tempo real. Cada indivíduo pode entrar na Grande Rede, dispondo de um computador, bem como de uma iniciação técnica bastante elementar. E a partir daí, ele pode intervir, interagir, criticar as comunicações propostas, enviar mensagens novas, criar parcerias, constituir e alargar um público, que tem algo de próximo, superando a massificação e o anonimato de outras mídias. O Ciberespaço atrela os dados técnicos e as dimensões psicológicas, sociológicas, culturais, Éticas, espirituais, agregando num mesmo ambiente as influências, as dependências, as interdependências, as forças e as fraquezas, as ambições e as aspirações intensas que constituem ou condicionam o novo modo de ser, de viver e de conviver da humanidade. Como consequência, essa forma de comunicação fica à disposição dos gostos individuais, numa tentativa de satisfazê-los, penetrando na intimidade de cada um (2006, p. 163-177).

Antes de respondermos à pergunta feita anteriormente “como a *Internet* pode colaborar para uma Ética de dimensão social, visando à qualidade humana?”, temos que levantar ainda alguns aspectos negativos desse novo meio de comunicação. Nesse ponto, podemos ver que a Moral de nossa sociedade também vai estar presente nesse meio. Os indivíduos podem satisfazer os seus gostos através do erotismo e hedonismo, gastar o tempo em futilidades e aventurar-se em propostas contrárias a uma Ética responsável. Outro fato negativo é a exclusão digital ou discriminação virtual. Uma camada da população que não tem acesso a Rede Mundial de Computadores por ser menos favorecida economicamente (2006, p. 163-164, 184-185).

A *Internet* também tem aspectos positivos que contribuem para uma interação na sociedade e uma influência sobre a qualidade da convivência social. O intercâmbio de amizade, de mútua ajuda, da cultura, do aprimoramento intelectual, profissional e mesmo

espiritual são exemplos disso. Além disso, “a Ética bem avisada pode discernir e apontar modelos presentes ou possíveis dos valores humanos: de Verdade, Justiça, Liberdade e amor, prestes a desabrochar em Solidariedade mundial”. Dessa forma, vislumbramos na *Internet* a possibilidade e mesmo a presença de uma interatividade esclarecida e responsável capaz de modificar as formas de viver, de conviver, de comunicar e de organizar a sociedade, a começar pela família, pela empresa, pela escola e pela religião. Existindo essa Liberdade de semear Responsabilidade e Solidariedade pela Rede, transformamos a dura e complexa realidade social (2006, p. 163-183).

O que podemos tirar de proveito nesse esboço teórico apresentado é que um internauta pode despertar para o Sagrado quando lê na sua caixa de entrada do correio eletrônico uma mensagem de conteúdo humanístico ou espiritual. E por vivenciar uma experiência Mística ou ser conduzido a ela a partir desse contato, ele tem a possibilidade de repassar tal mensagem para outros na *Internet* com a perspectiva de ser entendido. Isso possibilita a conexão em rede de indivíduos em comunhão afetiva, de laços de amor e de amizade verdadeiramente humanos, que se desdobra na realidade da existência, na comunhão real e generosa de interesses e na mútua doação de si mesmos em meio às belezas e rudezas da vida (2006, p. 187). Dessa forma, essa rede proporciona a Ética, base do agir humano, com seus objetivos de Dignidade, Responsabilidade, Felicidade e Bem Comum e seus Valores da Verdade, Liberdade, Justiça e Solidariedade que poderão impactar a realidade social.

Carlos Josaphat, em uma concepção teológica cristã, afirma que a *Internet* vai se tornando mais acolhedora ao Logos (Palavra, revelação divina). Numa visão otimista, ele acredita que o aparecimento dessa rede de computadores autônomos, que tem como característica a interatividade, dinamiza a verdade e a dignidade, os demais valores e direitos humanos universais. Ele afirma também que nesse novo meio de comunicação estariam presentes “indícios da encarnação da Palavra divina mediante a presença universal e dinâmica dos valores humanos, que são outros tantos dons divinos salvadores: a verdade, a justiça, a liberdade e o amor que se faz solidariedade mundial” (*In*: BOGAZ; COUTO, (Orgs), 2004, p. 35-36).

2.2 Ciberespaço

A *Internet* vem a ser a concretização do Ciberespaço, no qual é possível haver uma nova forma de comunicação chamada Comunicação Ciberespacial. O ambiente do correio eletrônico é um dos muitos recursos disponíveis na *Internet*. Assim como os *sites*, as

comunidades virtuais, as salas de bate-papo e os fóruns de discussões, esse ambiente caracteriza-se pela interconexão de pessoas e pelo modelo interativo de *todos para todos*.

Dentro do universo do *e-mail*, há diversos tipos de mensagens que circulam diariamente. Um dos fenômenos que evidenciamos é a circulação de mensagens relacionadas à atitude positiva, valores positivos, otimismo, sabedoria, sentido da vida e espiritualidade. Textos acompanhados ou não de imagem e som, que podem de alguma forma elevar o espírito dos internautas. Seria esse movimento religioso um dos primórdios do conceito de Inteligência Coletiva definido por Pierre Lévy?

2.2.1 A Internet como concretização do Ciberespaço

Segundo Pierre Lévy, o termo Ciberespaço (uma junção de cibernético com espaço) foi inventado em 1984, pelo escritor canadense William Gibson em seu livro *Neuromante*. No seu romance de ficção científica, o termo é utilizado para definir o mundo das redes digitais, palco de conflitos mundiais entre multinacionais, como uma nova fronteira econômica e cultural. O Ciberespaço de Gibson torna sensível a geografia móvel da informação, normalmente invisível. Esse termo foi resgatado pelos usuários e criadores das redes digitais (2000, p. 92). Nas palavras de Lévy, o Ciberespaço é definido como:

[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos, na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização (2000, p. 92).

A *Internet* é a concretização do Ciberespaço, um ambiente criado de forma virtual através do uso dos meios de comunicação modernos. Isso acontece, graças à existência de pessoas e equipamentos que trocam informações das mais variadas formas. Nas palavras de Bogo, “a *Internet* é um conjunto de redes de computadores interligadas que tem em comum um conjunto de protocolos e serviços, de uma forma que os usuários conectados possam usufruir de serviços de informação e comunicação de alcance mundial” (BOGO, 2009).

A origem da *Internet* remonta aos trabalhos da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do Departamento de Defesa dos EUA. Uma das idéias da ARPA era criar um sistema para manter a comunicação das bases militares dos Estados Unidos, salvaguardando documentos científicos e informações caso houvesse uma guerra nuclear. O referido sistema seria uma rede de computadores independente de centros de comando e controle, para que a mensagem pudesse “viajar” através dela, procurando suas próprias rotas

(Cf. CASTELLS, 2002, p. 82). “A solução foi encontrada utilizando-se a idéia de ‘comutação de pacotes’: os dados seriam divididos em várias partes, cada uma delas com uma ‘etiqueta’, que descreveria seu destino” (MALAGRINO, 2009).

A primeira rede de computadores se chamava ARPANET e entrou em funcionamento em 1º de setembro de 1969, interligando quatro universidades americanas que colaboravam com o Departamento de Defesa dos EUA. Mas logo, os cientistas começaram a usá-la para suas próprias comunicações, tornando-se difícil separar a pesquisa voltada para fins militares das comunicações científicas e pessoais (Cf. CASTELLS, 2002, p. 82-83). Nessa época havia poucos serviços como o FTP (transferência de arquivos) e o *Telnet* (acesso remoto via terminal). Entretanto, o mais utilizado era a comunicação via correio eletrônico (Cf. ZEVALLOS, 2009). O *e-mail* foi criado por Ray Tomlinson na BBN (*Bolt, Beranek & Newman*) – grupo de pesquisa especializado em tecnologia - e provocou muito entusiasmo entre os participantes da Grande Rede. O serviço, em análise, continua sendo, até hoje, o uso mais popular da comunicação entre computadores de todo o mundo (Cf. CASTELLS, 2002, p. 86).

Nos anos 1970, outras universidades e instituições tiveram permissão para se conectarem à ARPANET porque faziam trabalhos relativos à defesa (Cf. BOGO, 2009). Com o crescimento do tráfego de informação militar na ARPANET, o acesso a ela ficou restringido e outras redes foram criadas pelas instituições de pesquisa e companhias privadas. Essas novas redes criaram uma comunidade que trocava informações, entre si, através das *mailing lists*, porém ainda não havia comunicação entre elas (Cf. MALAGRINO, 2009). Na década de 1980, a ARPANET era uma espinha dorsal do sistema de comunicação que interligava todas essas outras redes (Cf. CASTELLS, 2002, p. 83). Nessa época, surgiu o protocolo de comunicação geral entre as redes TCP/IP que permitiu a formação da "rede de redes", na qual milhares de usuários compartilhavam suas informações. Isso foi o início da *Internet* como a conhecemos (CF. MALAGRINO, 2009).

Na década de 1990, as pressões comerciais, os crescimentos de redes de empresas privadas e de redes cooperativas sem fins lucrativos levaram ao encerramento da última espinha dorsal operada pelo governo. Era a privatização da *Internet* (Cf. CASTELLS, 2002, p. 83). Além disso, uma outra mola propulsora da *Internet* foi o surgimento de um novo sistema de busca de informação, a *World Wide Web* (WWW). Criada em 1991, pelo Centro de Estudos de Energia Nuclear (CERN), em Genebra, a WWW utilizava o conceito de Hipertexto, em que partes do texto eram "marcadas" e, uma vez selecionadas, levavam a maiores informações sobre o assunto em questão (Cf. MALAGRINO, 2009). Com isso, cada

informação tinha um endereço único e podia ser encontrada por qualquer usuário da rede (Cf. BOGO, 2009).

O CERN desenvolveu em 1993 um programa denominado *browser*, que exibia informações no formato de uma interface gráfica, como em um computador pessoal (Cf. MALAGRINO, 2009). O *Mosaic* foi um dos primeiros *browsers* desenvolvidos, precursor do *Netscape* e *Internet Explorer* e base do que se tem como conceito da *Internet*. A partir do surgimento do *browser*, o internauta podia navegar de uma página para outra, de um *site* para outro sem precisar usar comandos complexos, como também podia criar o seu conteúdo usando um simples editor de texto e uma linguagem de Hipertexto simples que foi chamada de *HTML* (HiperText Markut Language) (Cf. ZEVALLOS, 2009). Além disso, o usuário da *Internet* podia acessar informações sem se preocupar com conversão de arquivos ou formatos e também acessar outros serviços, tais como o *Telnet*, FTP ou mesmo enviar *e-mail* (Cf. MALAGRINO, 2009).

Com a WWW, o conteúdo da rede ficou mais atraente com a possibilidade de incorporar imagens e sons (Cf. BOGO, 2009). Em 1997, a *Internet* já era extremamente popular, com o número de *sites* crescendo exponencialmente; um fenômeno global e irreversível (Cf. MALAGRINO, 2009).

A *Internet* chegou ao Brasil bem mais tarde: somente em 1991, com a RNP (Rede Nacional de Pesquisa), uma operação acadêmica subordinada ao MCT (Ministério de Ciência e Tecnologia) (Cf. BOGO, 2009). Inicialmente, a RNP tinha como objetivo atender a conexão das redes de universidades e centros de pesquisas, mas logo os governos federal e estadual interligaram-se também (Cf. ZEVALLOS, 2009). Em 1995, por iniciativa dos Ministérios das Telecomunicações e da Ciência e Tecnologia, foi possível a abertura ao setor privado da *Internet* para exploração comercial e, conseqüentemente, a sua popularização no Brasil. Atualmente, a RNP continua sendo a responsável pela infra-estrutura básica de interconexão e informação em nível nacional, tendo controle do *backbone* principal (coluna dorsal de uma rede, via principal de informações transferidas por uma rede) (Cf. BOGO, 2009). Diversos *backbones* secundários interligam todos os estados do Brasil, bem como centenas de conexões com outros países, o que permite conectar os *sites* e utilizar seus serviços em todos os lugares do mundo (Cf. ZEVALLOS, 2009). Dessa forma, nos últimos quatorze anos de *Internet* no Brasil, esse fenômeno da comunicação cresceu rapidamente, sem ninguém no controle dela, através dessa rede de comunicação no país e no mundo afora.

Com o crescimento da Grande Rede, novas implicações culturais surgiram nesse ambiente. O termo Cibercultura exprime exatamente a disseminação dessa nova cultura pelo

globo. A essência da Cibercultura é o Universal sem Totalidade. O Universal está relacionado à presença da humanidade para si mesma e a Totalidade à imposição de um sentido único. Para entendermos melhor essa expressão, temos que voltar no tempo e mostrar todo o processo evolutivo da comunicação.

Nas sociedades orais as mensagens eram sempre recebidas no tempo e lugar em que eram emitidas. Os receptores e os emissores geralmente estavam presentes num mesmo contexto geográfico e temporal. Eram pequenas sociedades fechadas, que não se interagem e, portanto, sem Universalidade. Porém, em cada uma delas, havia uma unidade de significados (Totalizantes). Com o advento da escrita e, depois, da invenção da imprensa, as mensagens podiam ser divulgadas independentemente do tempo, espaço e cultura. Emissores e receptores não dividiam mais necessariamente a mesma situação. O emissor tentava fazer circular as suas idéias em toda parte, no presente e futuro, e manter imutável o próprio sentido. Com isso, tínhamos o Universal com Totalidade. Posteriormente, com o surgimento das mídias de massa (imprensa, rádio, cinema, televisão) em sua configuração clássica, houve uma continuidade à linhagem cultural do Universal Totalizante. Na *Internet*, a Cibercultura nos leva ao retorno de uma situação semelhante às das sociedades orais, ou seja, receptores e emissores, ou melhor, parceiros da comunicação podem compartilhar o mesmo contexto quando existe algum interesse em comum. Porém, isso acontece em escala global (Universalidade) por causa da interconexão e do dinamismo em tempo real. Nesse ambiente, a todo instante, novos internautas interconectam seus computadores e, como consequência, novas informações imprevisíveis são injetadas na *Internet*. O Ciberespaço engloba toda e qualquer informação porque ele coloca em contato um ponto qualquer da rede com outro, independente das informações que forem trocadas. Esse Universal, então, não vai Totalizar mais pelo sentido único, ele vai conectar pelo contato, pela interação geral. E quanto mais o Ciberespaço se expandir (mais Universal), mais fontes de informações serão acrescentadas, e o sentido global será cada vez menos perceptível, mais difícil de circunscrever, de dominar e menos Totalizável (Cf. LÉVY, 2000, p. 111-121).

A comunicação no Ciberespaço pode se apresentar como um veículo de comunicação de massa, atingindo um grande público (diversos receptores simultaneamente), ou como uma comunicação interpessoal, ao conectar dois internautas numa via de mão dupla. Porém em ambos os casos, o indivíduo não é mais anônimo. A informação pode ser personalizada para cada receptor, de acordo com suas necessidades (Cf. COMUNICAÇÃO..., 2006). A Comunicação Ciberespacial possui a característica da Interatividade, ou seja, um indivíduo pode afetar e ser afetado por outro, de forma recíproca, numa comunicação que se

desenvolve num sistema de mão dupla. Com a Interatividade e a interconexão dos computadores na *Internet*, o sistema hierárquico de produção e distribuição da informação segue um modelo *Todos e Todos* (multiplicidade de emissores e receptores). Só para entendermos melhor, as mídias convencionais (TV, Rádio, Jornal), nas quais não existe Interatividade, se baseiam no modelo *Um e Todo* (um centro emissor e uma multiplicidade de receptores). Uma outra versão é o tipo *Um e Um* (um emissor e um receptor), como é o caso do telefone (Cf. LÉVY, 1994). Podemos concluir, então, que a Comunicação Ciberespacial emerge com a potência que comporta o discurso democrático em sua gênese.

2.2.2 O correio eletrônico da *Internet* e o fenômeno, a ele associado

O correio eletrônico é um dos recursos da *Internet* mais utilizados pelos internautas. No 4º trimestre de 2008, do total da população brasileira com 16 anos ou mais que mora em domicílios com linhas telefônicas fixas e que utilizaram a Grande Rede nos últimos 6 meses, 78 % dela acessaram o correio eletrônico (Cf. COMITÊ..., 2009). Cada indivíduo que tem um computador conectado à *Internet*, pode ter uma caixa postal eletrônica identificada por um endereço, receber mensagens dos seus correspondentes e enviar para todos os que possuem um endereço eletrônico.

Muitas são as vantagens do correio eletrônico (*e-mail*) sobre o correio tradicional e o fax. As mensagens que chegam ao seu destino estão no formato digital e não precisam ser impressas. Elas podem ser lidas diretamente no monitor do computador que as recebeu. Além disso, podem também ser apagadas, modificadas e classificadas na memória do computador receptor. Da mesma maneira, a mensagem que vai ser enviada num computador emissor, pode ser digitada no monitor e enviada no próprio formato digital. Uma outra característica do *e-mail* é que a pessoa pode acessar a sua caixa postal eletrônica em qualquer lugar em que haja um computador conectado à Grande Rede. Isso acontece porque a sua caixa postal eletrônica está na base de um computador que a gerencia e que também está conectado à *Internet*. O correio eletrônico também permite enviar uma mensagem para vários destinatários eletrônicos, de uma só vez, através de uma lista. Essa lista conteria todos os endereços dos correspondentes. Para enviar a lista é necessário apenas que se digite o nome dela. Um outro recurso é o grupo de *e-mail* (*e-groups*). Nesse caso, o usuário da *Internet* envia a mensagem para um único endereço eletrônico e o computador receptor da mensagem a reenvia para todas as pessoas que estiverem cadastradas nele, inclusive para quem enviou (Cf. LÉVY, 2000, p. 95-97).

As mensagens que circulam na *Internet*, muitas vezes, são dinâmicas. Além dos textos, podem conter imagem, som e animação. É hábito dos internautas responderem às mensagens recebidas com o conteúdo da original. Muitas vezes uma mensagem vem com diversas “camadas” de texto, cada qual foi uma resposta enviada. Assim, cada camada de texto se parece muitas vezes com o comentário do anterior (Cf. LÉVY, 2000, p. 95-97). Até agora vimos algumas características do correio eletrônico. Veremos agora como essas mensagens circulam na *Internet*.

A conectividade da Net tem a forma de uma teia de aranha, onde os fios da teia seriam as conexões e os pontos de interseções dos fios, os computadores. Uma mensagem enviada pelo correio eletrônico pode chegar quase instantaneamente a muitos destinos e isso torna a *Internet* uma poderosa rede de conexão de pessoas. O processo de transmissão de uma mensagem é em tempo real (ágil e instantâneo) e o alcance é mundial. Uma mensagem enviada pelo *e-mail* de um emissor trafega pela Grande Rede até atingir as caixas postais eletrônicas dos receptores. Estes, por sua vez, podem encaminhar essa mensagem recebida para quaisquer endereços de correio eletrônico de suas listas. Esse modo de transmissão faz com que a mensagem se espalhe rapidamente. A isto poderíamos chamar de Efeito Corrente, Efeito Cascata ou Efeito Multiplicador. Portanto, existe uma Interatividade, na qual o receptor é um emissor em potencial, podendo interagir com todos os que estão conectados à Net.

Esse fenômeno, das mensagens positivas, associado ao correio eletrônico, vem crescendo na *Internet*. Essa é uma das formas de comunicação que a *Internet* viabiliza entre os internautas. Algo de novo, a que boa parte das pessoas começa a se habituar na utilização dos computadores. A forma como foi concebida a *Internet*, como uma poderosa rede de conexão e mais essas mensagens positivas, possibilitaram o surgimento desse novo fenômeno religioso. Castells afirma, utilizando-se do teórico Howard Rheingold, que surgiu uma nova forma de comunidade que reúne as pessoas em tempo real ao redor de valores e interesses em comum. São as Comunidades Virtuais. Segundo Howard Rheingold, “Comunidade Virtual é uma rede eletrônica auto-definida de comunicações interativas e organizadas ao redor de interesses ou fins em comum, embora às vezes a comunicação se torne a própria meta” (Cf. CASTELLS, 2002, p. 442-443). A circulação das mensagens positivas na *Internet*, que acontece pelo Efeito Cascata, constrói, de certa forma, uma Comunidade Virtual, de grande coesão, conectando seres humanos que têm, em comum, a dimensão espiritual e humana, embora com características próprias. A mensagem é recebida, particularmente, mas o indivíduo toma consciência de que outros na Rede estão em comunhão com experiências similares. Salientamos, no entanto, que essa espécie de Comunidade Virtual, que o fenômeno

do *e-mail* propicia, não se desdobra em encontros físicos.

Para Esterbauer, a *Internet* não é apenas um meio de comunicação para divulgação de crenças religiosas já existentes, mas um meio que parece estabelecer uma nova concepção religiosa do mundo. Num sentido geral, as religiões são divulgadas através de um meio (2001, p. 131-132). E se o próprio meio é a mensagem (Cf. MARSHALL, 2009), então a religião tem de ser analisada na perspectiva dos novos meios. Do mesmo modo, os novos meios devem ser analisados pela relevância religiosa (Cf. ESTERBAUER, 2001, p. 131-132).

2.2.3 Os primórdios de uma Inteligência Coletiva?

Segundo as palavras de Pierre Lévy, a Inteligência Coletiva:

É uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências. [...] a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas (1998, p. 28-29).

Todas as pessoas sabem de alguma coisa. Segundo palavras atribuídas a Paulo Freire, “não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes”. Juntos, os indivíduos constituem todo o saber da humanidade. No conceito de Inteligência Coletiva, esse pensamento humano seria sustentado por interações sociais que são viáveis através da utilização das redes abertas de computação da *Internet*, ou seja, “os novos sistemas de comunicação deveriam oferecer aos membros de uma comunidade os meios de coordenar suas interações no mesmo universo virtual de conhecimentos” (LÉVY, 1998, p. 29). A idéia é construir e disseminar todos os saberes, baseados no acesso à informação democratizada e sempre em mutação. Assim, as produções intelectuais provenientes da diversidade das qualidades humanas não pertenceriam apenas a um grupo de pessoas ou nação, mas aos coletivos humanos que estão sempre crescendo ao acessar a *Internet*.

Além de uma Tecnologia, uma Economia, uma Política e uma Estética, a Inteligência Coletiva implica também em uma Ética. Lévy afirma que o que sustenta o laço social é a hospitalidade de forma recíproca. E os justos prezam por ela. Aquele que é separado, diferente é acolhido pelos justos em uma comunidade. A hospitalidade vai atar o indivíduo estranho a um coletivo. Em uma sociedade de justos, cada um trabalha para incluir os outros, porém essa integração não a leva a cultivar a uniformidade e a unanimidade. Os justos devem ser capazes de viver em conjunto, de suportar-se reciprocamente, de ajudarem-se uns aos outros, de valorizar reciprocamente seus atos. E isso nos mostra a natureza do bem.

O bem invoca a existência das qualidades humanas e valoriza-as. Portanto, para que um coletivo humano perdure é necessária a ação dos justos, mas estes apenas serão eficazes constituindo uma Inteligência Coletiva. (1998, p. 37-39).

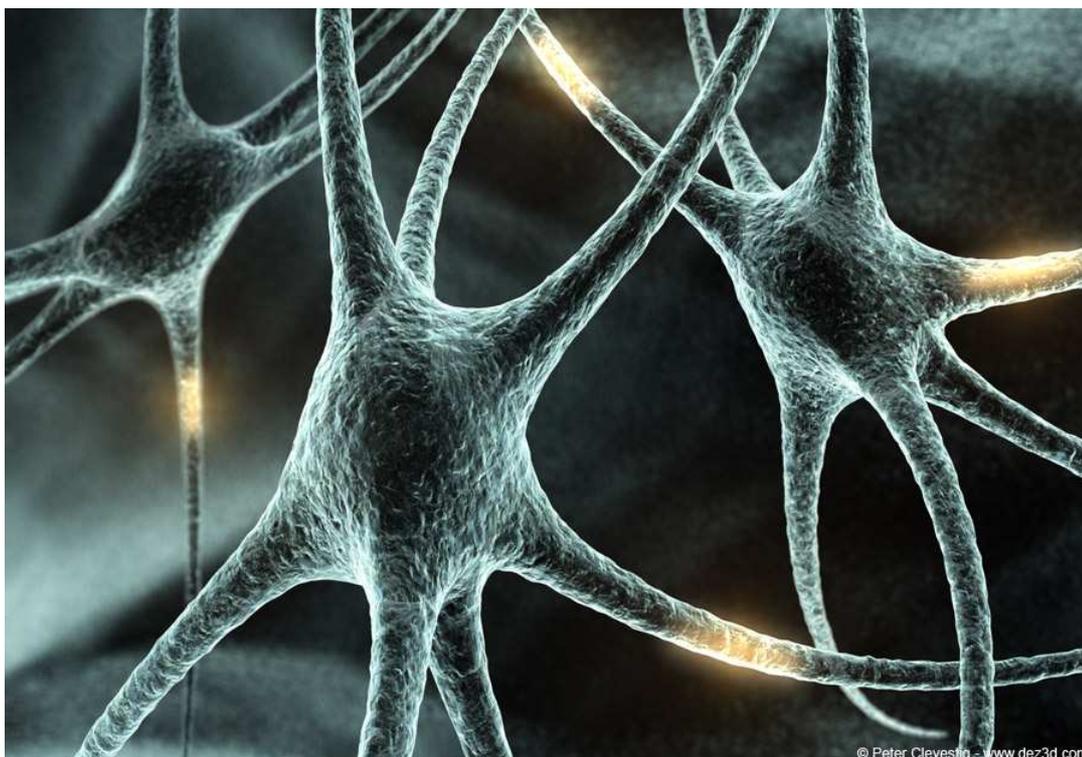
Lévy apresenta também uma perspectiva da teologia farabiana transformada em antropologia, mas tratando-se ainda de aproximar o humano da divindade. Ele ressalta que, nos mundos virtuais, essa versão humanista caracteriza-se pelas comunicações das coletividades consigo mesmas, sem passagem pela divindade, nem por qualquer transcendência. Os grupos humanos são autodefinidos e podem constituir-se em intelectuais coletivos autônomos, fabricando-se continuamente. Os mundos virtuais põem as inteligências coletivas em comunicação e acompanham as navegações dos indivíduos e dos grupos no conhecimento coletivo. Quanto mais um indivíduo se une aos diferentes intelectuais coletivos, mais ele tem oportunidade de variar seus saberes e desejos. De forma recíproca, quanto mais variedade viva de saberes um indivíduo possui, mais ele enriquece as comunidades pensantes para cuja construção ele contribui. Assim, o mundo virtual não emite aos homens a luz intelectual que provém de Deus, via os céus e os anjos superiores. Em vez disso, ele emite essa luz proveniente das próprias comunidades humanas virtuais.

Na visão teológica farabiana, com a qual Lévy faz um paralelo, tudo fluía de cima para baixo, ou seja, a iluminação provinha de cima e um emissário de Deus a distribuía entre os homens. No dispositivo tecnossocial, essa fluidez é de baixo para cima. Esse mundo virtual, que desempenha de certa forma o papel de uma inteligência superior, surge a partir das inteligências concretas e práticas de inúmeros indivíduos. Ao mesmo tempo, esse mundo exprime uma inteligência ou uma imaginação coletiva, iluminando os indivíduos que contribuíram para o surgimento desse mundo, enriquecendo-os com sua variedade de saberes e abrindo-lhes novas possibilidades.

Ainda na tradição farabiana, Lévy fala de uma inteligência única, separada e sempre em ato. Ela emite todas as idéias que as inteligências humanas percebem ou contemplam, fazendo o indivíduo passar ao ato. Segundo essa filosofia teológica medieval, os seres humanos são ignorantes e apenas quando são inspirados por essa inteligência superior, é que vêem e entendem diretamente a verdade e passam ao ato. Aqueles que não querem ver essa luz de conhecimento irradiada são apenas inteligentes em potência. Porém, na perspectiva do mundo virtual, ninguém é ignorante e o indivíduo já possui a inteligência em ato. A luz que provém dos mundos virtuais não faz passar as inteligências individuais da potência ao ato, como na teologia farabiana. Elas já são efetivas. Essa luz que enriquece e ilumina abre novas possibilidades, informando às inteligências humanas dos saberes das

outras inteligências, oferecendo-lhes novas potências de compreensão e novos poderes de imaginação, passando de um ato determinado a novas potências. Nesse ambiente virtual da Inteligência Coletiva, o encontro de dois seres humanos é o encontro de uma inteligência em ato – em ato para um deles, mas em potência para o outro e vice-versa. Essa inteligência em potência, no entanto, tornar-se-á em ato apenas através de pessoas vivas e reais. O mundo virtual é apenas um suporte para processos cognitivos, sociais e afetivos que ocorrem entre indivíduos bem reais. Ele não substitui o contato humano direto (1998, p. 83-101).

Esse fenômeno que ocorre através do correio eletrônico da *Internet*, em alguns aspectos, assemelha-se ao conceito de Inteligência Coletiva. Vamos traçar, então, um paralelo entre eles. Primeiramente, os intelectuais coletivos autônomos seriam formados pelos indivíduos afetados pelo Efeito Corrente de cada mensagem que circula na Grande Rede. A mensagem que “viaja” faria uma espécie de união dos indivíduos que vivenciam uma dimensão espiritual e religiosa. Os saberes não seriam todos os da humanidade, mas aqueles relacionados à existência e sabedoria humana. Talvez, nesse caso, o termo mais apropriado não seria Inteligência Coletiva, mas sim Sabedoria Coletiva. Esse “movimento religioso” pelo *e-mail* não possui uma coordenação das inteligências em tempo real como Lévy prega na sua definição. Ele é espontâneo e amplo, mas congrega, de certa forma, todos os que comungam das mesmas experiências. Isso valoriza muito esse tipo de saber, o que evidencia também a inteligência incessantemente valorizada, no qual Lévy aborda. Os internautas que participam desse fenômeno, pregam o bem, acolhem os conhecidos, e os desconhecidos por esse Efeito Cascata das mensagens positivas. Isso implica numa Ética, que é base para a Inteligência Coletiva. Eles seriam, talvez, os primeiros justos do mundo virtual. As mensagens, que fazem parte dessa Interatividade, despertam reflexões que podem levar o indivíduo a uma mudança de atitude perante a vida. É a inteligência em potência que se torna ato através de pessoas vivas e reais, como afirma Lévy.

Figura n. 01 – Redes Neurais

Fonte: DAUS, 2009.

Uma metáfora que, de certo modo, ilustra bem, a aplicação desse conceito ao fenômeno das mensagens que circulam pelo correio eletrônico, é o das redes neurais que formam o cérebro (Figura n. 01). O internauta seria, então, representado pelo neurônio, o pulso elétrico em que as mensagens “viajam” poderia ser o estímulo nervoso, as conexões da *Internet* seriam representadas pelas redes neurais e a Inteligência Coletiva, ou melhor, a Sabedoria Coletiva seria o próprio cérebro, que é constituído de todas essas partes.

2.3 Logoterapia e Biblioterapia

Muitos usuários da *Internet* se utilizam do correio eletrônico para enviarem mensagens com a intenção de elevarem o espírito das pessoas que estão conectadas. A maioria dessas mensagens é de temas relacionados ao sentido da vida e que muitas vezes propiciam um efeito logoterápico espontâneo.

A Logoterapia busca ajudar o indivíduo a perceber um sentido para sua vida, naquele momento. Ela pode se utilizar da Biblioterapia que é o emprego do uso da leitura como recurso terapêutico. O efeito logoterápico da leitura também pode acontecer de forma imprevisível em diferentes situações do cotidiano, ou seja, fora do ambiente da terapia e sem um terapeuta. É o caso do correio eletrônico da *Internet*, no qual mensagens cheias de sentido

chegam, diariamente, às caixas postais eletrônicas e que podem proporcionar reações positivas e, até, transformações em seus usuários.

2.3.1 A Logoterapia

A Logoterapia é uma modalidade de psicoterapia e análise existencial, sendo considerada a 3ª Escola de Psicoterapia de Viena. Ela é uma das dissidências da psicanálise freudiana, uma das muitas teorias sobre motivação básica do comportamento humano, mas que inova, por trazer a dimensão humana, noética, espiritual para a compreensão do homem (Cf. AQUINO, [s.d.]).

Na etimologia da palavra Logoterapia, Logos quer dizer sentido, direção (diferentemente da definição teológica cristã) e terapia é cura. Logoterapia seria a cura pelo sentido de vida. O sentido pessoal de vida tem o poder terapêutico e essa nova psicoterapia vai ajudar o indivíduo para que ele perceba esse sentido. Ela foi criada pelo psiquiatra e psicólogo judeu austríaco Viktor Emil Frankl, a partir de sua terrível experiência num campo de concentração Nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Naquela situação extrema de sofrimento, Frankl avaliou o comportamento humano e percebeu que aqueles prisioneiros que não possuíam um sentido de vida, tinham menos chances de sobreviver (Cf. AQUINO, [s.d.]). Frankl relata um episódio, sobre isso, quando ele estava no campo de concentração:

Quero lembrar, por exemplo, o que aconteceu algumas vezes em situações extremas como campos de concentração ou acampamentos de prisioneiros de guerra. Nestes, como ouvi de soldados americanos, surgiu um padrão de comportamento que eles chamavam de “desistite”. Nos campos de concentração, este comportamento encontrava paralelo naqueles que, determinada manhã, às cinco horas, recusavam-se a levantar e a ir trabalhar, preferindo ficar na cabana, sobre a palha molhada de urina e fezes. Nada – nem advertências, nem ameaças – podia induzi-los a mudar de comportamento. E então ocorria algo típico: puxavam um cigarro do fundo de um bolso qualquer onde o haviam guardado e começavam a fumar. Naquele momento nós sabíamos que, durante as próximas quarenta e oito horas, iríamos observá-los morrer. A percepção de sentido havia desaparecido e, conseqüentemente, a busca do prazer imediato havia tomado às rédeas (1993, p. 120).

Podemos trazer esse exemplo para a nossa sociedade moderna. Quais são os seus valores? O narcisismo, a competitividade, a cultura do sucesso, o individualismo e a busca pelo prazer imediato como bebida, sexo, consumismo e drogas. Segundo Frankl, a sociedade satisfaz todas as necessidades humanas, menos a mais humana de todas elas: a “vontade de sentido”. O homem moderno vem sendo acometido de uma sensação de falta de sentido, que é

acompanhada de uma sensação de “vazio interior”. Manifesta-se principalmente através do tédio que é a perda de interesse pelo mundo, da indiferença que significa uma falta de iniciativa para melhorar ou modificar algo no mundo (2003, p. 78), do conformismo que é fazer o que os outros fazem ou pensar o que os outros pensam, e do totalitarismo que se traduz em fazer o que os outros desejam. Portanto, Frankl não propõe apenas um método terapêutico, mas também nos apresenta uma estratégia preventiva contra o mal do homem moderno (Cf. AQUINO, [s.d.]).

A Logoterapia, possui aspectos filosóficos, médicos, pedagógicos e espirituais (Cf. LUKAS, 2006, p. 8), com a finalidade de ampliar o campo perceptivo do indivíduo para que este possa enxergar valores e sentidos a serem realizados, gerando uma mudança. Para a Logoterapia, o sentido de vida é pessoal e situacional, ou seja, muda de situação para situação e de pessoa para pessoa (Cf. FRANKL, 2003, p. 16) e a felicidade é uma consequência da realização desse sentido (Cf. AQUINO, [s.d.]).

Para Frankl, o senso de responsabilidade constitui a essência da existência. A vida é concebida, desta forma, como uma tarefa ou um dever, na qual cada ser humano é convidado a uma ação específica no mundo no qual ele se torna único e insubstituível:

[...] não é o homem quem faz a pergunta sobre o sentido da vida, mas, ao contrário, o próprio homem é o interrogado, é ele que deve responder, que deve dar respostas às eventuais perguntas que sua vida possa lhe colocar. Porém, estas respostas serão sempre dadas “através de atos”: somente pela ação poderão ser verdadeiramente respondidas as “perguntas vitais”. Estas respostas são dadas pela responsabilidade assumida pela nossa existência, em cada situação. Na verdade, a existência só poderá ser “nossa” se for responsável. (FRANKL, 2003, p. 15).

A característica ontológica fundamental da realidade humana é a abertura radical do homem para o mundo, a autotranscendência. Essa é a visão do homem saudável, que está endereçado para alguma coisa que o transcende, que está além de si mesmo, a motivação para que viver (Cf. FRANKL, 2003, p. 77-78). Para a Logoterapia o indivíduo pode encontrar um sentido para sua vida por três vias quando ele transcende: numa ação que pratica ou numa obra que cria; vivenciando algo (valores como a bondade, a verdade e a justiça, beleza, natureza e cultura), ou encontrando alguém (o amor presente em todas as relações humanas: homem e mulher, família, amizade e por um desconhecido que seria o amor ao próximo); mudando de atitude diante de uma situação que não pode ser modificada (Cf. FRANKL, 2003, p. 80).

Veremos a seguir um recurso terapêutico bastante útil, aplicado à Logoterapia: a Biblioterapia. Ela se baseia na letra escrita como ferramenta de auxílio para o entendimento

do sentido de vida.

2.3.2 O recurso terapêutico da Biblioterapia

A Biblioterapia é um recurso terapêutico aplicado em diferentes áreas humanas, inclusive na Logoterapia. Ela se refere “a utilização terapêutica do livro, mas tomando por tal (livro) não só e estritamente ‘um livro’, mas estendendo a idéia a toda letra escrita, seja ela prosa, poesia, canções, aforismos, reflexões” (Cf. PINTOS, 1999, p. 19). Vale acrescentar uma reportagem do jornal Folha de São Paulo em que uma escola em Londres indica obras literárias para a resolução de problemas pessoais. Nessa terapia pelos livros, a pessoa anota numa ficha as “informações sobre sua história, suas aspirações e seus hábitos e, a partir de uma consulta com um especialista, recebe indicações de leitura que o ajudem a enfrentar uma nova fase, encarar uma etapa importante ou simplesmente aproveitar um momento da vida” (LEITE, 2008). Esse resgate da palavra escrita como recurso terapêutico acontece porque o valor da palavra pode ser acentuado por diversos elementos:

O próprio peso da palavra, vista sob os aspectos do ético e do estético, da mensagem e da forma; quando esta palavra é dita por alguém investido com certo valor, conta com acentuação do seu peso; a permeabilidade com que geralmente recebe a palavra, quem está necessitando dela, quem está à procura de respostas (PINTOS, 1999, p. 19).

Para Thiago Aquino, o entendimento da linguagem filosófica da Logoterapia pode ser facilitado ao utilizarmos fábulas, parábolas, contos, histórias, poemas e dilemas. Nesses textos, com exemplos bem elaborados que apresentam uma imagem positiva do homem e do mundo, podemos refletir sobre o sentido da vida e do sofrimento suportado com bravura, e ser um caminho de descoberta de valores que nos auxiliarão na busca do sentido da vida (Cf. AQUINO, [s.d.]). Viktor Frankl também fez referências, algumas vezes, ao poder terapêutico da leitura:

No ano de 1977, o professor doutor Viktor Emil Frankl inaugurou a Feira do Livro da Áustria com uma conferência sobre o livro como recurso terapêutico na qual defendeu a possibilidade de cura através da leitura (PINTOS, 1999, p. 18).

A literatura moderna não precisa continuar a ser tão-somente mais um sintoma das neuroses de massa de hoje em dia. Pode contribuir também para a terapêutica. Os escritores que atravessaram o inferno da desesperança e que experimentaram a aparente carência de sentido da vida podem oferecer o seu sofrimento, como um sacrifício, no altar do gênero humano. As suas revelações ajudarão o leitor que sofra estado idêntico a superá-lo (FRANKL

apud PINTOS, 1999, p. 20).

O livro certo na hora certa já salvou muita gente do suicídio, isso sabemos muito bem nós, psiquiatras. Nesse sentido o livro oferece uma autêntica ajuda para viver – e para morrer (FRANKL *apud* LUKAS, 2006, p. 77).

Segundo Claudio García, a Biblioterapia pode ser implementada de diversas maneiras. Em muitas situações, o mais apropriado será que o indivíduo leia um texto, que o terapeuta forneceu, para logo refletir e observar a mobilização que isso originou. Em outras situações, a reflexão de uma leitura que não foi indicada pelo terapeuta será espontânea e o indivíduo traz o texto para o ambiente da terapia. A mais apropriada, no entanto, é a leitura realizada no âmbito da consulta. Neste caso, o processo biblioterápico é conduzido pelo terapeuta (1999, p. 21-22).

Na receptividade à mensagem, nessa interação de leitura e leitor, a relação de intimidade que se estabelece pode ser de tal magnitude que a letra ganha peso e relevo e o poder de penetração é formidável. A mensagem chega de surpresa e ativa no indivíduo o seu poder de resistência para superar as adversidades (Cf. PINTOS, 1999, p.21). Nas histórias, parábolas e fábulas, por exemplo, podemos encontrar a chave de resolução dos problemas ou encruzilhadas que a vida nos apresenta. Esse tipo de texto atua como se fosse espelho que nos devolvem armada uma imagem na qual podemos descobrir a chave. Isso não significa que apliquemos a atuação de um determinado personagem no nosso caso, mas que esta palavra ou aquela proposição que faz a trama de uma história pode nos esclarecer na descoberta da nossa própria palavra, proposição e decisão (Cf. PINTOS, 1999, p.86).

Todo terapeuta sabe como é forte o medo da autonomia e da responsabilidade própria. Muitas vezes um texto é apropriado para tirar o medo de estruturar a própria vida de forma autônoma. Ao fazer a leitura, o leitor recebe um tesouro de experiências, com estímulos e reforços que o orienta muito além da estreiteza de seu próprio mundo (Cf. RAAB *apud* LUKAS, 2006, p. 78). Elisabeth Lukas nos relata uma das suas experiências terapêuticas, em que o uso de uma história fez ressurgir o sentido de vida numa mulher de 35 anos. A mensagem “As Almofadas de Seda” deixou transparecer a autotranscendência, enfatizando que o ser humano precisa encontrar um para quem viver, no qual a felicidade deve ser apresentada como uma consequência da realização de um sentido:

As Almofadas de Seda
(Nossrat Peseschkian)

Um califa gravemente doente estava deitado entre suas almofadas de seda. Os médicos do país que o cercavam finalmente concordaram entre si que só

uma coisa podia salvá-lo: a camisa de um homem feliz, a qual devia ser colocada debaixo da cabeça do califa. Partiram emissários em todas as direções e em cada cidade, em cada aldeia, e em cada cabana procuraram um homem feliz. Mas todas as pessoas abordadas só tinham preocupações e aflições. Finalmente encontraram um pastor que cuidava do seu rebanho rindo e cantando. Perguntado se era feliz, respondeu:

“Eu não posso imaginar ninguém mais feliz que eu”.

“Então, dá-nos a tua camisa”, pediram os emissários.

O pastor respondeu:

“Não tenho nenhuma”.

Esta frustrante notícia de que o único homem feliz encontrado pelos emissários não tinha camisa, fez o califa refletir. Durante três dias e três noites recolheu-se na solidão. No quarto dia, finalmente, mandou distribuir entre o povo as suas almofadas de seda e suas pedras preciosas, e desde aquele momento, diz a lenda, voltou a gozar de saúde e felicidade.

[...] Vem-me à memória uma paciente, 35 anos de idade, mãe de quatro filhos. Havia mais de um ano tinha fugido da “prisão do casamento”, abandonando marido e filhos, e precipitadamente fora morar com um professor americano nos Estados Unidos. Uma vida de amor como a que tinha vivido com ele [...] nunca tinha experimentado na sua monótona existência. Nunca tinha conhecido o luxo que ele lhe oferecia. O professor mimava-a com roupas e viagens e a libertara de todas as obrigações domésticas. Apesar de tudo isso, com o passar do tempo sentia-se cada vez mais triste. Não entendia mais a si mesma nem ao mundo, e por recomendação dos médicos americanos consumia antidepressivos. Tinha sofrido tanto que suas feridas psíquicas ainda não haviam cicatrizado, dizia-se. Mas essas pareciam aumentar cada vez mais em lugar de diminuir.

O professor não sabia mais o que fazer e recorreu ao último remédio que lhe ocorreu: programou uma viagem com ela à Europa.

“Talvez ela esteja com saudades e precise rever regiões familiares e ouvir palavras familiares”, pensou.

Como a região familiar da paciente se encontra na minha vizinhança e sua depressão na pátria, ao contrário do esperado, aumentou ainda mais, ela veio ao meu consultório. Levei um susto com a alta dose de antidepressivos que lhe haviam receitado e me perguntei se a raiz do problema não era algo bem diferente. Bastou uma frase para fortalecer a minha suspeita.

“A senhora tem notícia dos seus filhos, sabe como estão?”

Abriram-se as comportas e os soluços não paravam. Era impossível continuar a conversa. Dei-lhe a história de Peseschkian e pedi-lhe que (como o califa) se recolhesse por três dias e três noites em silêncio meditativo, e no quarto dia me comunicasse o resultado das suas reflexões.

No quarto dia recebi a visita dos dois, da senhora e do professor. A mulher tinha olheiras, mas estava tranqüila.

“Decidi voltar aos meus filhos”, disse. “Estão numa idade entre 5 e 11 anos e precisam da mãe. Meu ex-marido não tem condições de criá-los sozinho e as ajudantes que se sucedem só oferecem uma assistência mínima. Sinto que as almas das crianças sofrem.”

Fitou amorosamente o professor.

“Ele me seduziu ao paraíso, mas eu adoeci. Ele até concordaria com que eu levasse os filhos, mas um processo de divórcio significaria um confronto judicial insuportável e eu não quero causar mais sofrimento e distanciamento. Não. Vou entregar as almofadas de seda...”

O professor tomou-lhe a mão.

“Em mim tens um bom amigo, independentemente do que acontecer; não

esqueças isso”, murmurou em inglês e levantou-se.

Ao despedir-se perguntou-me:

“Ela precisa continuar a tomar os remédios?”

Recomendei que os reduzisse lentamente e com cuidado e voltasse dali a três semanas.

Após essas três semanas – o professor já havia partido – pudemos suspender os antidepressivos. Apesar da indiscutível confusão que a paciente encontrou em casa e dos muitos problemas escolares que teve de enfrentar duramente, havia um sorriso nos cantos de sua boca.

“Os filhos estão muito felizes porque estou novamente com eles”, informou, “e meu marido concorda com um aconselhamento matrimonial. Todos sentiram muito a minha ausência.”

“E a senhora também sentiu falta de alguma coisa?” perguntei.

Espontaneamente fez sinal que “sim”, mas depois sacudiu lentamente a cabeça.

“Não”, disse. “As almofadas de seda realmente não são nada para mim...”

O que promete a história? Nada menos que isso: a felicidade “pode ser encontrada”. Sabemos que a felicidade não pode ser comprada, não pode ser produzida e muito menos ainda forçada [...] Em caso de “sorte” ela se nos presenteia. Apesar disso, na sua forma mais branda também é “encontrável”. Onde? No simples e diário cumprimento da tarefa que nos foi confiada. No dizer “sim”, no sorridente, cantante, “descamisado” (=incondicional) dizer “sim” àquilo para o qual somos chamados (2006, p. 95-98).

É importante salientarmos a imprevisibilidade dos efeitos da leitura. Para Elisabeth Lukas, não podemos prever os efeitos “curativos” da leitura. Não podemos prescrever um texto, por melhor que seja, da mesma forma como prescrevemos um remédio para uma enfermidade. O indivíduo, no momento da leitura, deve estar particularmente receptivo à mensagem que lhe diz respeito para que ela possa exercer seu poder de cura (2006, p. 76). Claudio García também afirma que a utilização da leitura não pode ser prescrita obrigatoriamente, nem especificamente indicada em algum quadro clínico concreto. Ele ainda acrescenta que tudo dependerá do caso específico do paciente: personalidade, interesses, circunstâncias concretas, etc. Cada linha da história reflete a maneira pessoal de encarar um valor ou uma atitude diante de situação concreta de vida (1999, p. 19-20). A poesia da doutora Elisabeth Lukas, por exemplo, construída para fim terapêutico e que convoca a responsabilidade e a autotranscendência, nem sempre terá esse efeito sobre o indivíduo:

O que esperamos
da vida?

A resposta é silêncio.

O que a vida
espera de nós?

A resposta

aguarda na nossa língua
e na nossa mão (PINTOS, 1999, p. 80).

Também, acrescentamos que o material de leitura utilizado na sessão terapêutica

não precisa necessariamente ter sido destinado para esse fim. Nas palavras de Pintos, “não devemos pensar em escritos realizados especificamente para fim terapêutico, mas também em obras que nunca foram intencionalmente destinadas para esse efeito” (1999, p.19). Ele cita, por exemplo, as frases, citações, refrões, provérbios e aforismos. Com esses pensamentos, podemos elaborar, para o paciente, uma espécie de cartão ou *minipôster* para trabalhá-lo na casa dele ou durante a sessão de terapia, para depois, ele guardá-lo na carteira, na agenda ou pendurá-lo na parede do quarto. Aos poucos, essas mensagens curtas podem ser assimiladas a uma espécie de linguagem interior do indivíduo e chamá-lo na direção terapeuticamente prevista (1999, p. 80-81). Claudio García exemplifica algumas delas:

A vida é uma longa lição de humildade.
James Barrie (1860-1937), dramaturgo britânico.

Aprendo enquanto vivo.
Provérbio indiano.

A vida é aquilo que vai lhe acontecendo, enquanto você cuida de outros planos.
John Lennon (1940-1980), cantor e compositor inglês.

O que vimos até agora foram situações no ambiente de terapia, no qual indivíduos e terapeutas se utilizam da palavra escrita como recurso terapêutico da Logoterapia. Como podemos fazer a ponte da Logoterapia e Biblioterapia com o fenômeno das mensagens positivas que circulam através do *e-mail*?

2.3.3 O ambiente do correio eletrônico da Internet

É comum ouvirmos falar de experiências pessoais, em que a leitura de um livro (a palavra livro aqui tem um sentido mais abrangente, estendendo a idéia a toda letra escrita) surtiu algum efeito terapêutico, sem nenhum auxílio de um profissional. Claudio García também faz essa referência quando afirma que diversas vezes chegam histórias sobre situações em que ocorreu uma espécie de “autobiblioterapia”, ou seja, uma renovação pessoal ocasionada em certas circunstâncias pela leitura de um texto escrito. Nestes casos, isso aconteceu de forma espontânea, fora do ambiente de terapia (1999, p. 34). Claudio García relata um episódio em que Viktor Frankl conta que o seu próprio livro “O Homem em Busca de Sentido” provocou espontaneamente uma transformação interior num soldado israelense:

(Frankl) diz que a presidenta do Instituto Alfred Adler de Tel-Aviv, por ocasião de uma conferência pública, citou o caso de um jovem soldado israelense que perdeu as duas pernas na guerra do Iom Kippur. Não houve meio de tirá-lo da sua depressão – ele mesmo chegou a pensar em suicídio.

Até que um dia ela o encontrou como que transformado, francamente alegre. “O que aconteceu com você?”, perguntou ela, surpreendida e assombrada. Rindo, ele lhe deu um exemplar da tradução em hebraico de “O homem em busca de sentido” e lhe disse: “Este livro aconteceu em mim”. Ao que parece, há algo assim como uma autobiblioterapia e, ao que parece, a Logoterapia é especialmente apropriada para isto. (PINTOS, 1999, p. 20-21)

Em nossa própria experiência, a partir da leitura do livro “A Arte da Felicidade: um manual para a vida”, de Sua Santidade, o Dalai Lama e Howard C. Cutler, houve uma percepção de sentido com tal profundidade que uma mudança de atitude desencadeou todo um processo de abertura para o ser humano.

Dessa forma, essa imprevisibilidade da percepção de sentido através da leitura em diferentes situações do cotidiano nos permite fazer a conexão com o fenômeno das mensagens positivas que circulam pelo *e-mail*. No ambiente da *Internet*, diariamente, mensagens cheias de sentido chegam às caixas postais eletrônicas podendo proporcionar, simultaneamente a diversos indivíduos, “terapias” espontâneas sem um profissional da Logoterapia. O Efeito Cascata multiplica o número de internautas que tem contato com esse tipo de textos. Isso torna a Grande Rede uma ferramenta poderosa de comunicação. Além disso, uma mensagem que chega ao seu destino pode ser impressa e lida por muitas outras pessoas que não têm acesso a *Net*. Um paciente ou um profissional da Logoterapia podem se utilizar desse material impresso, numa sessão de terapia. O pesquisador no campo da Logoterapia, Thiago Avellar de Aquino, por exemplo, montou uma apostila logoterápica para jovens, baseada numa Biblioterapia em grupo, utilizando algumas histórias e parábolas enviadas por amigos e parentes através do *e-mail*.

A seguir, apresentaremos exemplos comentados de algumas mensagens que circularam na *Internet*. A história abaixo, por exemplo, nos passa a dimensão do espírito humano, bem como reflete o estilo de vida das pessoas:

A Águia e a Galinha

Era uma vez um camponês que foi à floresta vizinha apanhar um pássaro para mantê-lo cativo em sua casa. Conseguiu pegar um filhote de águia. Colocou-o no galinheiro junto com as galinhas comendo milho e ração própria para galinhas. Embora a águia fosse o rei de todos os pássaros. Depois de cinco anos, este homem recebeu em sua casa a visita de um naturalista. Enquanto passeavam pelo jardim, disse o naturalista:

- Esse pássaro aí não é uma galinha. É uma águia.
- De fato – disse o camponês. É águia. Mas eu a criei como se fosse galinha. Ela não é mais uma águia. Transformou-se em galinha como as outras, apesar das asas de quase três metros de extensão.
- Não – retrucou o naturalista. Ela é e será sempre uma águia. Pois tem um coração de águia. Este coração a fará um dia voar às alturas.

- Não, não – insistiu o camponês. Ela virou galinha e jamais voará como águia.

Então decidiram fazer uma prova. O naturalista tomou a águia, ergueu-a bem alto e desafiando-a disse:

- Já que você de fato é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, então abra suas asas e voe!

A águia pousou sobre o braço estendido do naturalista. Olhava distraidamente ao redor. Viu as galinhas lá em baixo, ciscando grãos. E pulou para junto delas. O camponês comentou:

- Eu lhe disse, ela virou uma simples galinha.

- Não – tornou a insistir o naturalista. Ela é uma águia. E uma águia será sempre uma águia. Vamos experimentar novamente amanhã.

No dia seguinte, o naturalista subiu com a águia no teto da casa. Sussurrou-lhe:

- Águia, já que você é uma águia, abra suas asas e voe!

Mas quando a águia viu lá em baixo as galinhas, ciscando o chão, pulou e foi para junto delas. O camponês sorriu e voltou à carga:

- Eu lhe havia dito, ela virou galinha!

- Não – respondeu firmemente o naturalista. Ela é águia, possuirá sempre um coração de águia. Vamos experimentar ainda uma última vez. Amanhã a farei voar.

No dia seguinte, o naturalista e o camponês levantaram bem cedo. Pegaram a águia, levaram-na para fora da cidade, longe das casas dos homens, no alto de uma montanha. O sol nascente dourava os picos das montanhas. O naturalista ergueu a águia para o alto e ordenou-lhe:

- Águia, já que você pertence ao céu e não a terra, abra suas asas e voe!

A águia olhou ao redor. Tremia como se experimentasse nova vida. Mas não voou. Então o naturalista segurou-a firmemente, bem na direção do sol, para que seus olhos pudessem encher-se da claridade solar e da vastidão do horizonte. Neste momento, ela abriu suas potentes asas, grasnou com o típico Kau-kau das águias e ergueu-se, soberana, sobre si mesma. E começou a voar, a voar para o alto, a voar cada vez para mais alto. Voou... voou... até confundir-se com o azul do firmamento... (AGGREY *apud* BOFF, 1997).

Um texto que teve uma repercussão muito boa e que nos revela o valor da vida e da dignidade do ser humano, foi o da “Marcenaria”.

A Marcenaria

Houve uma reunião em uma marcenaria, onde as ferramentas juntaram-se para acertar suas diferenças. O martelo estava exercendo a presidência, mas os participantes lhe notificaram que teria que renunciar. A causa? Fazia demasiado barulho e além do mais passava todo tempo golpeando. O martelo aceitou sua culpa, mas pediu que também fosse expulso o Parafuso, dizendo que ele dava muitas voltas para conseguir algo. Diante do ataque o parafuso concordou, mas por sua vez pediu a expulsão da lixa. Dizia que ela era muito áspera no tratamento com os demais, entrando sempre em atritos. A lixa acatou, com a condição de que se expulsasse o metro, que sempre media os outros segundo a sua medida, como se fora o único perfeito. Nesse momento entrou o marceneiro, juntou todos e iniciou o seu trabalho. Utilizou o martelo, a lixa, o metro e o parafuso. Finalmente, a rústica madeira se converteu num fino móvel. Quando a marcenaria ficou novamente sem ninguém, a assembléia recomeçou a discussão. Foi então que o serrote tomou a palavra e disse: “Senhores, ficou demonstrado que temos defeitos,

mas o marceneiro trabalha com nossas qualidades, ressaltando nossos pontos valiosos. Assim, não pensemos em nossos pontos fracos e concentremo-nos em nossos pontos fortes”. Então a assembléia entendeu que o martelo era forte, o parafuso unia e dava força, a lixa era especial para limpar e afinar asperezas e o metro era preciso e exato. Sentiram-se então como uma equipe capaz de produzir belos móveis da mais alta qualidade e uma grande alegria tomou conta de todos pela oportunidade de trabalhar juntos.

Nesse texto que segue, aborda-se o encontro de sentido nas situações imutáveis da vida, pois apesar da tríade trágica: culpa, sofrimento e morte (Cf. FRANKL, 1992, p. 13), a vida ainda assim permanece com um significado:

A Janela

Certa vez, dois homens que, seriamente doentes, estavam na mesma enfermaria de um grande hospital. O cômodo era bastante pequeno, e nele havia uma janela que dava para o mundo. Um dos homens tinha, como parte do seu tratamento, permissão para sentar-se na cama por uma hora durante as tardes (algo que ver com a drenagem de fluido de seus pulmões). Sua cama ficava perto da janela. O outro, contudo, tinha de passar todo o seu tempo deitado de barriga para cima. Todas as tardes, quando o homem cuja cama ficava perto da janela era colocado em posição sentada, ele passava o tempo descrevendo o que via lá fora. A janela aparentemente dava para um parque onde havia um lago. Havia patos e cisnes no lago, e as crianças iam atirar-lhes pão e colocar na água barcos de brinquedo. Jovens namorados caminhavam de mãos dadas entre as árvores, e havia flores, gramados e jogos de bola. E ao fundo, por trás da fileira de árvores, avistava-se o belo contorno dos prédios da cidade. O homem deitado ouvia o sentado descrever tudo isso, apreciando todos os minutos. Ouviu sobre como uma criança quase caiu no lago, e sobre como as garotas estavam bonitas em seus vestidos de verão. As descrições do seu amigo eventualmente o fizeram sentir que quase podia ver o que estava acontecendo lá fora... Então, em uma bela tarde, ocorreu-lhe um pensamento: Por que o homem que ficava perto da janela deveria ter todo o prazer de ver o que estava acontecendo? Por que ele não podia ter essa chance? Sentiu-se envergonhado, mas quanto mais tentava não pensar assim, mais queria uma mudança. Faria qualquer coisa! Numa noite, enquanto olhava para o teto, o outro homem subitamente acordou tossindo e sufocando, suas mãos procurando o botão que faria a enfermeira vir correndo. Mas ele o observou sem se mover... mesmo quando o som da respiração parou. De manhã, a enfermeira encontrou o outro homem morto, e silenciosamente levou embora o seu corpo. Logo que pareceu apropriado, o homem perguntou se poderia ser colocado na cama perto da janela. Então colocaram-no lá, aconchegaram-no sob as cobertas e fizeram com que se sentisse bastante confortável. No minuto em que saíram, ele apoiou-se sobre um cotovelo, com dificuldade e sentindo muita dor, e olhou para fora da janela. Viu apenas um muro... "E a vida é, sempre foi e será, aquilo que nós a tornamos".

O conformismo e o totalitarismo são sintomas do vazio existencial que caracterizam a nossa sociedade. A mensagem abaixo nos conscientiza disso:

Paradigma

Um grupo de cientistas colocou cinco macacos numa jaula, em cujo centro pos uma escada e, sobre ela, um cacho de bananas. Quando um macaco subia a escada para apanhar as bananas, os cientistas lançavam um jato de água fria nos que estavam no chão. Depois de certo tempo, quando um macaco ia subir a escada, os outros enchiam-no de pancadas. Passado mais algum tempo, nenhum macaco subia mais a escada, apesar da tentação das bananas. Então, os cientistas substituíram um dos cinco macacos. A primeira coisa que ele fez foi subir a escada, dela sendo rapidamente retirado pelos outros, que o surraram. Depois de algumas surras, o novo integrante do grupo não mais subia a escada. Um segundo foi substituído, e o mesmo ocorreu, tendo o primeiro substituto participado, com entusiasmo, da surra ao novato. Um terceiro foi trocado, e repetiu-se o fato. Um quarto e, finalmente, o último dos veteranos foi substituído. Os cientistas ficaram, então, com um grupo de cinco macacos que, mesmo nunca tendo tomado um banho frio, continuavam batendo naquele que tentasse chegar às bananas. Se fosse possível perguntar a algum deles porque batiam em quem tentasse subir a escada, com certeza a resposta seria: “Não sei, as coisas sempre foram assim por aqui”.

“Dizer sim a vida apesar de tudo” (FRANKL, 1992, p. 13). Este pensamento do criador da Logoterapia reflete bem as posturas e atitudes perante as dificuldades da vida que devemos tomar. A história do “Alpinista” nos diz alguma coisa sobre isso:

O Alpinista

Contam que um alpinista, desesperado por conquistar uma altíssima montanha, iniciou sua escalada depois de anos de preparação. Como queria a glória só para ele, resolveu subir sem companheiros. Durante a subida foi ficando tarde e mais tarde, e ele não havia se preparado para acampar, sendo que decidiu seguir subindo... por fim ficou escuro. A noite era muito densa naquele ponto da montanha, e não se podia ver absolutamente nada. Tudo era negro, visibilidade zero, a lua e as estrelas estavam encobertas pelas nuvens. Ao subir por um caminho estreito, apenas poucos metros do topo, escorregou e precipitou-se pelos ares, caindo a uma velocidade vertiginosa. O alpinista via apenas velozes manchas escuras passando por ele e sentia a terrível sensação de estar sendo sugado pela gravidade. Continuava caindo... E em seus angustiantes momentos, passaram por sua mente alguns episódios felizes e outros tristes de sua vida. Pensava na proximidade da morte, sem solução... De repente, sentiu um fortíssimo solavanco, causado pelo esticar da corda na qual estava amarrado e presa nas estacas cravadas na montanha. Nesse momento de silêncio e solidão, suspenso no ar, não havia nada que pudesse fazer e gritou com todas as suas forças: “Meu Deus, me ajuda!”. De repente, uma voz grave e profunda vinda dos céus lhe respondeu: “Que queres que te faça?”, “Salve-me meu Deus!”, “Realmente crê que eu posso salvá-lo?”, “Com toda a certeza Senhor!”, “Então corta a corda na qual estás amarrado!”. Houve um momento de silêncio: então o homem agarrou-se ainda mais fortemente a corda. Conta a equipe de resgate, que no outro dia encontraram o alpinista morto, congelado pelo frio, com as mãos agarradas fortemente à corda... Apenas dois metro do solo!

Um trecho de livro que tem circulado muito na *Internet* é o de Roberto Shinyashiki, “O Sucesso é ser Feliz”. O material nos apresenta o tema da construção do

projeto de vida:

Quando você nasceu, Deus não rogou uma praga para você ser tímido, distraído ou confuso. Ele lhe proporcionou todas as ferramentas para você completar Sua criação. Perguntado sobre como era criar uma obra de arte, Michelângelo respondeu: “Dentro da pedra já existe uma obra de arte. Eu apenas tiro o excesso de mármore!”. Dentro de você já existe uma linda obra de arte, a mais bela do universo. Seu grande desafio é retirar o excesso de mármore e completá-la. Nós somos os artistas da nossa criação! A grande verdade é que você é a pessoa que escolhe ser. Todos os dias você decide se continua do jeito que é ou muda. A grande glória do ser humano é poder participar de sua autocriação (SHINYASHIKI, 1997).

2.4 Transdisciplinaridade e diálogo inter-religioso

Em nosso envolvimento com a rede de envio de mensagens, observamos que esse fenômeno não chega a substituir a crença dos internautas. Não é objetivo a criação de uma nova religião virtual (*ciber-religião*), mas constatamos um fenômeno que pode propiciar o diálogo inter-religioso. Na dimensão virtual do correio eletrônico, diversas pessoas, dos mais diferentes credos e religiões, conseguem se “entender”, enviando mensagens que “falam da vida”, sem os conteúdos dogmáticos das Identidades Religiosas Formais que, normalmente, dificultam esse entendimento.

Para avaliarmos essa espécie de diálogo inter-religioso, que a correspondência eletrônica da *Internet* propicia, utilizaremos a metodologia de pesquisa Transdisciplinar. Para isso, analisaremos, dentro desse contexto, os três pilares da Transdisciplinaridade - os Níveis de Realidade, a Lógica do 3º Incluído e a Complexidade – que determinam essa metodologia.

2.4.1 A epistemologia transdisciplinar

Segundo Edgar Morin, a partir do filósofo Descartes, no Século XVII, o Ocidente formulou o “paradigma da simplificação” cujo pensamento reducionista, determinístico e unidimensional separou o sujeito pensante do objeto externo, fazendo surgir um hiato radicalizado em dualismo, na qual o observador fora eliminado (2003, p. 16-19). Porém, a partir do Século XX, com o desenvolvimento da Física Quântica, começou um processo de quebra desse paradigma, ocasionando a necessidade do Pensamento Complexo.

A noção de Complexidade envolve uma extrema quantidade de interações e de interferências entre um número muito grande de unidades. Ela compreende, também, incertezas, indeterminações e fenômenos aleatórios, dentro de sistemas ricamente organizados

(Cf. MORIN, 2003, p. 51-52). Entre os princípios do pensamento Complexo temos: a incapacidade de conhecermos as partes sem conhecermos o todo e vice-versa (Princípio Sistêmico ou Organizacional); a parte está no todo, assim como o todo está inscrito na parte (Princípio Hologramático); a causa age sobre o efeito e o efeito age sobre a causa (Princípio do Círculo Retroativo); a união de dois princípios ou noções que devem excluir-se um ao outro, mas que são indissociáveis numa mesma realidade (Princípio da Dialógica); a restauração do papel do sujeito: da percepção à teoria científica, todo conhecimento é uma tradução por um cérebro de um sujeito numa cultura e num tempo determinados (Princípio da Reintrodução do Conhecimento em Todo Conhecimento) (2000, p. 209 - 212).

A Transdisciplinaridade pode ser concebida como um modelo dos sistemas Complexos de conhecimento, mas apoiada numa metodologia que lhe é específica (Cf. ARAGÃO, 2008). Com base no Diagrama n. 01 de Basarab Nicolescu, apresentaremos, sinteticamente, esse novo “olhar” que poderá nos ajudar a lançar luz sobre o diálogo inter-religioso que se evidencia nesse fenômeno implicitamente religioso observado na *Internet*⁵.

Na sua abordagem Transdisciplinar da Natureza e do Conhecimento, representada pelo Diagrama n. 01, Nicolescu expressa essa metodologia em três postulados:

Há, na Natureza e no nosso conhecimento da Natureza, diferentes níveis de Realidade e, correspondentemente, diferentes níveis de percepção; a passagem de um nível de Realidade para outro é assegurada pela lógica do terceiro incluído; a estrutura da totalidade dos níveis de Realidade ou percepção é uma estrutura complexa: cada nível é o que é porque todos os níveis existem ao mesmo tempo (2002, p. 45).

No Objeto Transdisciplinar (lado esquerdo do Diagrama n. 01), estão representados, simbolicamente, os Níveis de Realidade (NRn), no qual o índice “n” pode ser finito ou infinito. A visão Transdisciplinar é multidimensional, estruturada por múltiplos níveis, diferentemente do pensamento clássico que concebe apenas um único nível. Cada Nível de Realidade possui suas próprias leis. Ao passar de um Nível de Realidade para outro, existe uma mudança nas leis e nos conceitos fundamentais. Porém, dois níveis consecutivos estão conectados pela Lógica do Terceiro Incluído. Dois elementos contraditórios parecem sempre estar em luta, se permanecemos num mesmo nível de realidade. A Lógica do Terceiro Incluído acontece num outro Nível de Realidade. O que nos parece contraditório e desunido, num Nível de Realidade, é percebido como não contraditório e unido, num outro. Dessa forma, no desenho, o estado de terceiro incluído T1, situado no nível NR1, está conectado a

⁵ Não levamos em conta a abordagem Transdisciplinar de Berni (Cf. BERNI, 2005) porque não concordamos, para esse fenômeno, com a limitação do Sagrado a apenas um nível de Realidade.

uma dupla de contraditórios (A0 e não-A0) num nível adjacente NR0. Esse estado T1 está associado, por sua vez, a um casal de contraditórios (A1 e não-A1), que se encontra no mesmo nível. Essa dupla de contraditórios (A1 e não-A1) está, por sua vez, unificado por um estado T2, localizado num outro nível NR2, imediatamente vizinho ao nível NR1, no qual está localizado o ternário (A1, não-A1, T1). Esse processo continuará, até o esgotamento de todos os níveis de Realidade conhecidos ou concebíveis, induzindo a uma estrutura aberta e impossibilitando uma teoria completamente unificada. Podemos, então, falar de uma evolução do conhecimento que englobaria todos os Níveis de Realidade, sem chegar a uma não-contradição absoluta. Além do conjunto de Níveis de Realidade, o Objeto Transdisciplinar possui também uma Zona Complementar de Não-Resistência que escapa a nossa compreensão, devido à limitação dos nossos corpos e órgãos sensoriais. A referida zona corresponde ao Sagrado, que transcende a mera racionalização. (2002, p. 47 - 55). É importante observarmos que a Complexidade está presente no Objeto através do Princípio de Relatividade. Segundo as palavras de Nicolescu:

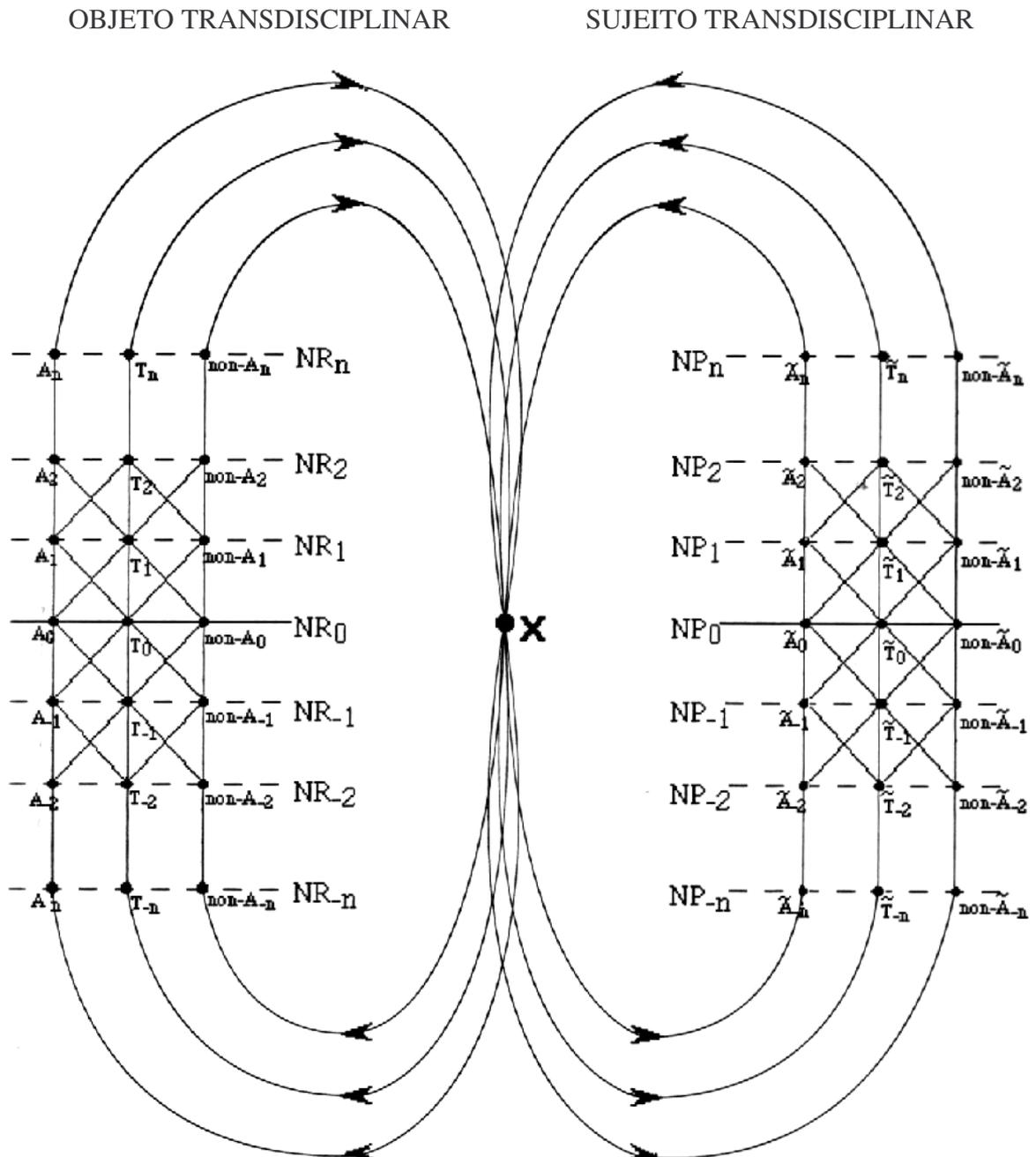
Nenhum nível de Realidade é um lugar privilegiado a partir do qual se possa compreender todos os outros níveis de Realidade. Um nível de Realidade é o que é porque todos os outros níveis existem ao mesmo tempo. Esse princípio da Relatividade é o que origina uma nova perspectiva na religião, na política, na arte, na educação e na vida social. E quando a nossa perspectiva sobre o mundo muda, o mundo muda. Na visão transdisciplinar, a Realidade não é só multidimensional, é também multirreferencial (2002, p. 55).

Os diferentes Níveis de Realidade são acessíveis ao conhecimento humano, graças à existência de diferentes Níveis de Percepção, mostrados no Sujeito Transdisciplinar (lado direito do Diagrama n. 01). Eles se encontram em uma relação de correspondência com os Níveis de Realidade. Esses Níveis de Percepção (NPn), no qual o índice “n” também pode ser finito ou infinito, permitem uma visão da realidade cada vez mais geral e unificadora, sem jamais esgotá-la inteiramente. Da mesma forma que no Objeto Transdisciplinar, o Sujeito Transdisciplinar possui, além da unidade de Níveis de Percepção, uma Zona Complementar de Não-Resistência (2002, p. 55).

Para que exista a comunicação entre o Sujeito e o Objeto transdisciplinares, as Zonas de Não-Resistência de ambos deverão ser idênticas. O Fluxo Orientado de Consciência (representado pelos três círculos à direita do Diagrama n. 01), que passa coerentemente através dos diferentes Níveis de Percepção, deve corresponder ao Fluxo Orientado de Informação (representado pelos três círculos à esquerda do Diagrama n. 01) que atravessa coerentemente os diferentes Níveis de Realidade. Existe uma relação de isomorfismo entre

esses dois fluxos, porque ambos compartilham a mesma Zona de Não-Resistência. Essa orientação coerente dos fluxos é que permite um novo sentido à verticalidade do homem, no mundo, verticalidade esta, consciente e cósmica, que constitui os pilares para qualquer projeto social viável (2002, p. 55 - 56).

Diagrama n. 01 – Abordagem Transdisciplinar da Natureza e do Conhecimento



Fonte: NICOLESCU, 2002, p. 47.

É importante observarmos, mais uma vez, que a Complexidade está presente, através do Princípio da Reintrodução do Conhecimento em Todo Conhecimento, no papel do terceiro, secretamente, incluído, da Zona de Não-Resistência que permite unificar Sujeito e Objeto Transdisciplinares, mantendo, ao mesmo tempo, sua diferença. Percebemos, então, que o conhecimento não é nem exterior e nem interior: ele é exterior e interior ao mesmo tempo. O estudo do universo e o estudo do ser humano sustentam-se um ao outro (2002, p. 56). Existe um ponto X em que os seis anéis se encontram, a fim de assegurarem a transmissão coerente de informação e consciência por todo o Universo. É o terceiro termo do conhecimento Transdisciplinar: o termo de Interação entre o Sujeito e o Objeto que não pode ser reduzido nem ao Sujeito nem ao Objeto (2002, p. 56). Nicolescu o chama de Sagrado. Segundo as suas próprias palavras:

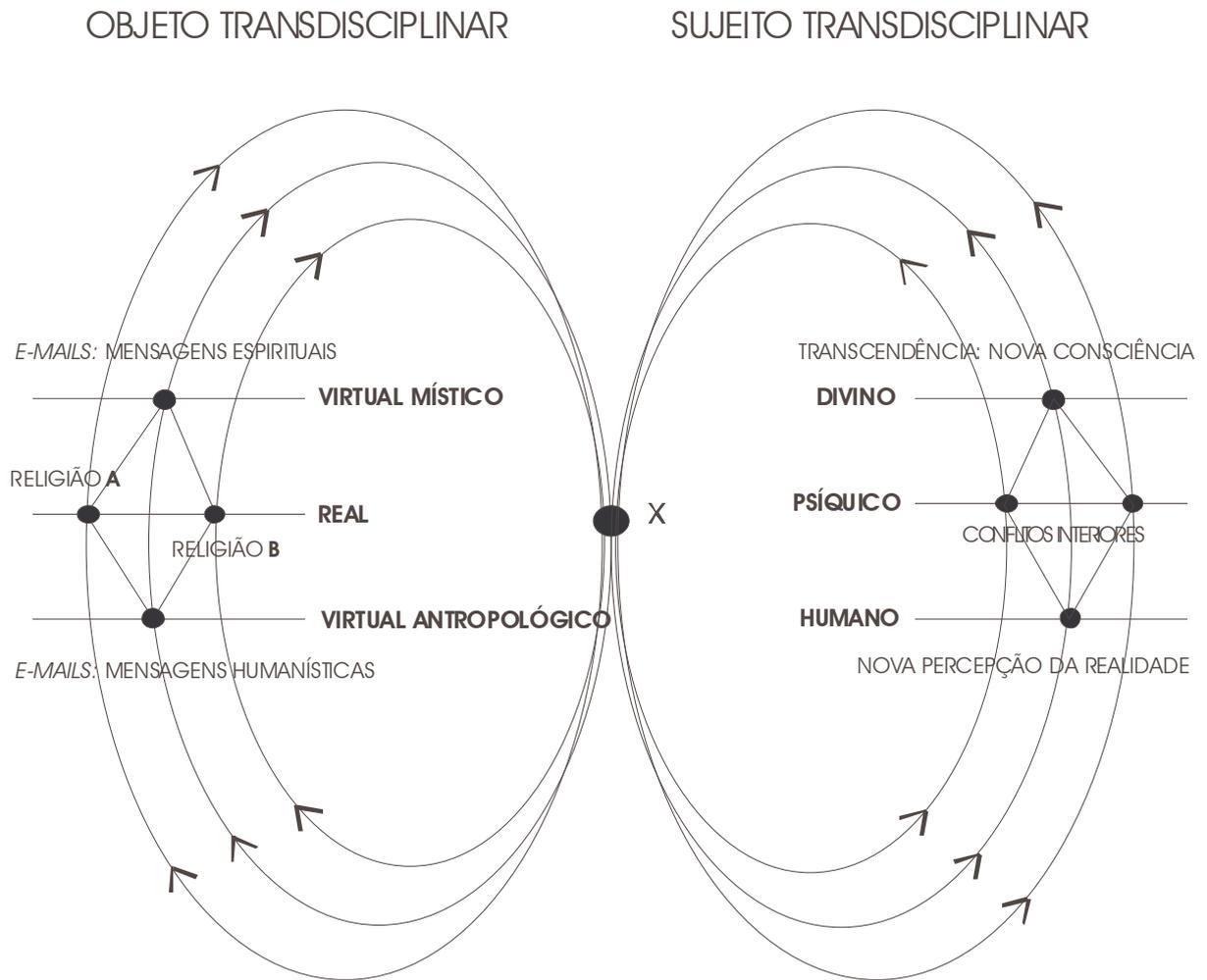
O sagrado é, antes de mais nada, uma experiência que é transmitida por um sentimento – o sentimento “religioso” – do que liga seres e coisas e, conseqüentemente, induz, no mais profundo do ser humano, a um absoluto respeito para com os outros aos quais ele está ligado por partilhar uma vida em comum na mesma Terra (2002, p. 60).

Vimos que a Zona de Não-Resistência tem a designação apropriada de Sagrado. E este permite o encontro entre o movimento ascendente e o movimento descendente da informação e da consciência através dos Níveis de Realidade e dos Níveis de Percepção. Essa questão do Sagrado é que vai definir as religiões formais, mas também as correntes agnósticas e o ateísmo. A experiência do Sagrado é a origem da atitude transreligiosa e esta designa a abertura de todas as religiões para aquilo que as atravessa e as transcende. É a chamada Transreligião. A Transreligião não quer dizer uma única Religião, mas, como fala Basarab, “a unidade aberta, transcendente de todas as religiões. É o Sagrado que permite que essa unidade seja efetiva, mesmo que a trans-religião nunca seja formulada em termos de uma teologia” (2002, p. 62). É importante enfatizarmos que a atitude transreligiosa não está em contradição com nenhuma tradição religiosa e correntes agnósticas e ateístas, quando elas reconhecem a presença do Sagrado (2002, p. 63).

2.4.2 O diálogo complexo no fenômeno do correio eletrônico

Mas como o modelo Transdisciplinar de Nicolescu ajuda a projetar luz sobre o diálogo complexo, no fenômeno das mensagens de conteúdos humanísticos e espirituais que circulam através do *e-mail*?

Diagrama n. 02 – Abordagem Transdisciplinar Aplicada ao Objeto de Estudo



Fonte: criação nossa.

Primeiramente, podemos montar um esquema que represente o Objeto Transdisciplinar. No lado esquerdo do Diagrama n. 02, podemos observar que, na realidade física do mundo real, uma Religião A pode ser muito diferente de uma Religião B, por causa dos dogmas e conteúdos religiosos de cada uma. Por exemplo, uma Religião pode ter concepção monoteísta, enquanto a outra, politeísta. Uma põe a ênfase na Ética, enquanto a outra, no ritual. Uma Instituição Religiosa Formal pode ter uma cosmovisão histórica do mundo e a outra, uma cosmovisão natural. Também, uma corrente pode acentuar a pessoa e a transcendência, enquanto a outra, a família e a imanência (Cf. ARAGÃO, 2008). Mas em outros Níveis de Realidade, que podemos chamar de Virtual Místico e Virtual Antropológico, não existe pregação, culto, dogma ou liturgia. Pela Lógica do Terceiro Incluído, as mensagens

positivas conectam de certa forma os seres humanos que vivenciam esta experiência porque os conteúdos humanísticos e espirituais das mensagens se assemelham muito ao que pregam as diferentes religiões e credos desses internautas. Os conteúdos “falam” da vida, proporcionando um entendimento universal, entre e além das religiões existentes no mundo real.

No lado direito do Diagrama n. 02, temos o Sujeito Transdisciplinar: o internauta. Este indivíduo que se utiliza do correio eletrônico pode ser um budista, cristão, espírita, judeu, hindu, agnóstico, ateu, adepto de religiões afro-brasileiras ou ter uma vivência espiritual, sem vínculo a uma Religião Formal. O Sujeito é composto por três níveis de percepção: Divino, Psíquico e Humano. Na Dimensão Psíquica, existem os conflitos interiores, inerentes a nossa espécie. No entanto, num plano superior de transcendência, esses conflitos se misturam e se diluem, através de uma nova consciência: fazemos parte do Universo, do Divino. Em relação às mensagens que circulam pelo correio eletrônico, o conteúdo delas tem uma natureza, ontologicamente, de fundo religioso que surte um efeito de transcendência e imanência. Sob o olhar Complexo, observamos que as interações e interferências das Dimensões Divina e Humana, uma com a outra, são influenciadas por esse fenômeno da *Internet*. Essas mensagens positivas, ao despertarem no nível de Percepção do Divino, uma religiosidade e espiritualidade inconsciente, quase desaparecida, criam na Percepção Humana um novo modo de ver e racionalizar a realidade.

Na interação entre o usuário da *Internet* e as mensagens que chegam pelo *e-mail*, nesse ponto X do secretamente terceiro incluído, pode acontecer o encontro com o Sagrado ou o encontro do sentido pessoal de vida, conforme nos movemos para o Nível de Realidade Virtual Místico e de Percepção do Divino ou para o Nível de Realidade Virtual Antropológico e de Percepção do Humano, respectivamente.

A Complexidade estaria presente também na pluralidade humana religiosa dessa rede virtual complexa de relações, na qual o Sagrado e o sentido pessoal de vida fluem num diálogo fraterno por meio das mensagens de *e-mail*. Através do olhar complexo, observamos que, nesse mundo virtual, as mesmas mensagens que têm uma ótica de espiritualidade e de Deus, também transmitem afetividade, consolação, apoio moral, atitude positiva, otimismo, valores, animação de espírito, sabedoria de vida e amizade. Não pode haver separação, nessas diversas naturezas, pois elas se conectam, de alguma forma.

Uma mensagem que circulou pelo *e-mail*, por exemplo, foi a história de um viajante que se perdeu na floresta e que tem um conteúdo espiritual muito forte. Ela aborda a brevidade da nossa existência e o desapego às coisas materiais; do que está de acordo com a

filosofia de muitas correntes religiosas:

Um viajante que se perdera na floresta viu-se sozinho em meio ao cair da noite e saiu procurando um abrigo. Encontrou uma pequenina casa onde vivia um velho. Explicou sua situação e o velho gentilmente ofereceu sua casa para que lá pernoitasse. Quando entrou, o viajante pôs a mala no chão e surpreendeu-se com a pequenez da construção. Naquela diminuta casa, além de um velho fogão de barro, só havia uma cama, uma mesa e uma cadeira. Sem esconder a incredulidade, o viajante perguntou ao velho se ele vivia ali mesmo. O velho indo além da pergunta, respondeu que não precisava de nada mais do que realmente precisava. Mas o viajante, curioso, insistiu em saber como ele se virava com tão poucas coisas. O velho apontou para a mala no chão e disse que ele devia saber pois também tinha poucas coisas. - Mas eu estou só de passagem... Sorriu o viajante, muito lógico. E o velho respondeu: - Eu também.

Uma outra, que foi retirada do livro “O Enigma do Iluminado”, tem como título: “Perdoar os Nazistas”. O tema principal é o perdão:

Um antigo preso de um campo de concentração nazista visitava um amigo que partilhara esse sofrimento com ele.
 - Já perdoou os nazistas? - perguntou o amigo.
 - Sim.
 - Pois eu não. Ainda estou consumido de ódio por eles.
 - Nesse caso - disse com doçura o amigo – você ainda é prisioneiro deles.
 Nossos inimigos não são aqueles que nos odeiam, mas sim aqueles a quem odiamos (MELLO, 2000, p. 147).

A mensagem “Quase Acreditei”, que circulou na *Internet*, nos conta, na forma de um poema, o processo de conversão de uma pessoa. Nesse caso podemos fazer uma relação entre a Iluminação do Budismo, o Nirvana do Hinduísmo e o “ser tocado” pelo Espírito Santo do Cristianismo:

Quase acreditei que não era nada
 ao me tratarem como nada.
 Quase acreditei que não seria capaz
 quando não me chamavam,
 por acharem que eu não era capaz.
 Quase acreditei que não sabia
 quando não me perguntavam
 por acharem que eu não sabia.
 Quase acreditei ser diferente
 entre tantos iguais,
 entre tantos capazes e sabidos,
 entre tantos que eram chamados e escolhidos.
 Quase acreditei estar de fora
 quando me deixavam de fora porque...
 que falta fazia?
 E de quase acreditar adoeci;
 busquei ajuda com doutores,
 mestres, magos e querubins.
 Procurei a cura em toda a parte

e ela estava tão perto de mim.
Me ensinaram
a olhar para dentro de mim mesmo
e perceber que sou exatamente
como os iguais que me faziam diferente.
E acreditei profundamente em mim.
E tenho como dívida com a vida
fazer com que cada ser humano se perceba,
se ame,
se admire de si mesmo,
como verdadeira fonte de riqueza.
Foi assim que cresci:
acreditando.
Sou exatamente do tamanho de todo ser humano.
E por acreditar
perdi o medo de dizer, de falar, participar,
e até de cometer enganos.
E se errar?
Paciência, continuo vivendo...
por isso aprendendo.

3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Para podermos compreender melhor o fenômeno estudado, à luz dos conceitos que desenvolvemos no capítulo anterior, fizemos algumas entrevistas com pessoas envolvidas na experiência de troca de mensagens humanísticas e espirituais pela *Internet*. Para fazermos a análise interpretativa trabalhamos com alguns conceitos e noções de Análise de Conteúdo (AC) e de Análise de Discurso (AD). Na AC recorreremos basicamente à Laurence Bardin. Já na AD fizemos uma leitura nas suas três fases e percebemos que os conceitos da sua 2ª Época⁶ poderiam clarear mais os sentidos dos nossos dados. Nessa fase, toma-se emprestado de Michel Foucault, a noção de Formação Discursiva (FD) e de Jacqueline Authier-Revuz, o conceito de Heterogeneidade, acrescentando-se também a definição de Interdiscurso⁷. Praticamente toda a interpretação foi feita em cima da AC: apenas pontuamos algumas passagens com a AD, quando foi necessário. Nesse último caso, procuramos analisar alguns trechos dessas entrevistas que remetessem a formações discursivas relacionadas às ideologias dos entrevistados.

Começaremos, primeiro, com uma síntese das teorias da Análise de Conteúdo e da Análise de Discurso, para apenas em seguida, fazermos a análise propriamente dita.

3.1 *Análise de Conteúdo*

A Análise de Conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN, 2000, p. 42).

Segundo Franco, o ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem e a sua emissão está vinculada ao contexto dos seus produtores (2007, p. 12). As descobertas que surgem ao se utilizar essa metodologia devem ter relevância teórica. Ela implica comparações contextuais. A pura descrição das características das mensagens, que não tem relação com outros atributos ou ao contexto do emissor, não tem muito valor (2007, p. 16). O analista, ao

⁶ Cf. PÊCHEUX, 1997, p. 314.

⁷ A psicanálise também já está presente nessa época quando Pêcheux vislumbra a questão do inconsciente, do sujeito do desejo, atravessando o discurso. Porém, apesar da referência desta última, não abordamos esse aspecto: apenas fizemos breves comentários teóricos.

dar forma ao conteúdo da mensagem, deve produzir inferências⁸ (deduções lógicas) sobre as suas causas ou antecedentes e os seus efeitos (Cf. BARDIN, 2000, p. 39). Em nossa pesquisa procuramos produzir inferências a respeito do emissor da mensagem (o entrevistado).

Na abordagem quantitativa dos indicadores, a informação relevante é a frequência com que aparecem certas características da mensagem. Na qualitativa, a relevância está na presença ou ausência de uma determinada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num trecho de mensagem (Cf. BARDIN, 2000, p. 21). Minayo também faz referência a essas diferentes concepções quando se refere à unidade temática:

[...] tradicionalmente, a análise temática se encaminha para a contagem de frequência das unidades de significação como definitórias do caráter do discurso. Ou, ao contrário, qualitativamente a presença de determinados temas denota os valores de referência e os modelos de comportamento presentes no discurso (1999, p. 209).

Decidimos utilizar a Análise de Conteúdo numa abordagem qualitativa porque o material a ser analisado era reduzido e não encontramos, nas categorias, frequências suficientemente elevadas para que os cálculos estatísticos se tornassem possíveis. Portanto, a análise qualitativa, que funciona para *corpus* reduzido, era mais apropriada nesse caso. Isso não quer dizer que nessa abordagem não possamos encontrar formas de quantificação. O analista pode recorrer a testes quantitativos como, por exemplo, a aparição de indicadores similares em discursos semelhantes (Cf. BARDIN, 2000, p. 115).

Quanto ao método, a pré-análise é a primeira etapa do processo e tem como objetivo tornar operacionais e sistematizar as idéias iniciais e as intuições. Esta primeira etapa possui as seguintes tarefas: a escolha dos documentos que serão submetidos à análise; a formulação das hipóteses; a elaboração dos indicadores que fundamentam a interpretação final. É importante salientarmos que estas tarefas, embora estejam ligadas uns às outras, não necessariamente devem seguir essa ordem cronológica (Cf. BARDIN, 2000, p. 95-96).

A leitura flutuante é a primeira atividade da pré-análise. Consiste em termos o primeiro contato com o material que poderá ser analisado e familiarizarmos com o texto. Em seguida escolhemos os documentos que serão analisados. A referida seleção pode acontecer de duas maneiras: escolhemos o universo de documentos de análise para depois levantarmos os objetivos ou, então, os objetivos são definidos e, a partir desse ponto, escolhemos o universo de documentos para fornecer informações sobre o problema levantado. Estando o universo de documentos demarcado (possibilitado de se efetuar a análise), é necessária,

⁸ “Operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras” (BARDIN, 2000, p.39, nota de rodapé 25).

algumas vezes, a constituição do *corpus*. Este é o conjunto de documentos que será submetido aos procedimentos analíticos e cuja constituição implica, algumas vezes, em escolhas, seleções e regras. Dentre as principais regras, temos: a exaustividade que implica na exigência de ter, à disposição para análise, todos os elementos do *corpus*; a representatividade que permite que a análise efetua-se numa amostra, desde que esta represente uma parte do universo inicial dos documentos; a homogeneidade determina que os documentos retidos devem seguir critérios precisos de seleção e não apresentar excessiva singularidade fora destes critérios de escolha; a pertinência considera que os documentos a serem analisados devem corresponder ao objetivo que suscita à análise (Cf. BARDIN, 2000, p. 96-98). Em nossa pesquisa, já com os tópicos definidos, fizemos entrevistas com o objetivo de que, uma vez analisadas, revelassem informações que contribuíssem para desvendar esse fenômeno estudado.

Uma vez terminado o processo de escolha de documentos, partimos para as formulações das hipóteses. A hipótese é a tentativa de confirmar através da análise uma afirmação que nos veio através da intuição. Acrescentemos que as hipóteses podem também ser estabelecidas após o processo de pré-análise, bem como, algumas análises podem efetuar-se sem idéias pré-concebidas. Finalmente, como última atividade dessa primeira etapa, temos a referência aos índices e a elaboração dos indicadores. A pré-análise vai evidenciar, nos textos, manifestações que contêm índices. Haverá, então, uma seleção em cima desses índices que poderá estar relacionada às hipóteses (caso já estejam determinadas) ou não. Depois dessa escolha, construímos indicadores eficazes e testamo-los em algumas passagens do texto analisado (Cf. BARDIN, 2000, p. 98-100).

Para que tenhamos os índices que serão submetidos à seleção, é necessário processarmos a codificação do texto. Holsti a define assim:

A codificação é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características do conteúdo (*apud* BARDIN, 2000, p. 103-104).

Essas unidades, a que ele se refere, são as Unidades de Registro e as de Contexto. A Unidade de Registro é “a menor parte do conteúdo, cuja ocorrência é registrada de acordo com as categorias levantadas” (FRANCO, 2007, p.41). Entre os tipos de Unidades de Registro mais utilizadas, como a palavra, o personagem, o acontecimento, nós nos valemos do tema por ser mais indicado às entrevistas. Trabalhar com Unidade de Registro Temática consiste em descobrirmos núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja

presença (abordagem qualitativa), ou frequência (abordagem quantitativa) podem ter relevância para o objetivo da análise. Portanto, “um texto pode ser recortado em idéias constituintes, em enunciados e em proposições portadores de significações isoláveis”. A Unidade de Contexto é um segmento da mensagem que tem dimensão superior à Unidade de Registro e que serve para compreendermos a significação exata dessa Unidade de Registro (Cf. BARDIN, 2000, p. 105-107). Na análise das entrevistas, quando nos deparamos com a necessidade de contextualizarmos ou melhor compreendermos o sentido de uma afirmação, utilizamos-nos da Análise de Discurso (veremos mais adiante), no lugar de trabalharmos com Unidade de Contexto.

A última fase da Análise de Conteúdo é a Categorização. A definição de Categorias não é uma etapa obrigatória, porém na maioria das vezes a análise organiza-se em torno do referido processo. A Categorização é uma operação de classificação, com os critérios bem definidos, de elementos que fazem parte de um conjunto. Portanto, as Categorias são rubricas, com títulos genéricos, que agrupam elementos (Unidade de Registro Temática no nosso caso) em razão da parte comum existente entre eles. Dentre os critérios de Categorização, como sintático, léxico e expressivo, trabalhamos o semântico com as Categorias Temáticas. É importante frisarmos que a criação das categorias pode ocorrer em dois processos inversos: as categorias surgem, primeiramente, e os elementos vão sendo repartidos conforme vão sendo encontrados; as Categorias são resultados da classificação dos elementos encontrados (Cf. BARDIN, 2000, p. 117-119).

A partir da teoria acima apresentada e das entrevistas, as nossas Categorias foram criadas “a priori”, regidas pelos requisitos previstos para elas: a exclusão mútua não permite que um elemento exista em mais de uma categoria; a homogeneidade governa a organização das categorias através de um único princípio de classificação; a pertinência aceita uma categoria apenas quando ela está adaptada ao material de análise e ao quadro teórico definido; a objetividade e a fidelidade obrigam diferentes partes de um mesmo texto, ao qual aplicamos um determinado conjunto de Categorias, a serem codificadas da mesma forma; a produtividade afirma que um conjunto de Categorias é eficaz quando fornece resultados férteis em índices, hipóteses novas e dados exatos (Cf. BARDIN, 2000, p. 120).

3.2 Análise de Discurso

A Análise de Discurso de linha francesa (AD) trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto. É uma disciplina de interpretação cuja base é formada por diferentes

epistemologias que se cruzam: a lingüística cedeu a noção de língua e fala para o discurso; o materialismo histórico contribuiu com a teoria da ideologia; e a psicanálise a noção de inconsciente. A ideologia está relacionada com o posicionamento que o sujeito toma ao filiar-se a um discurso, a história representa o contexto sócio-histórico e a linguagem é a materialidade do texto cujo sujeito torna evidente o sentido que pretende dar (Cf. CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 680). Para Pêcheux e Fuchs, a AD articula-se em três regiões do conhecimento:

o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; a lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. Estas regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas pela referência a uma teoria da subjetividade, de origem psicanalítica (PÊCHEUX; FUCHS *apud* LEITE, 1994, p. 15).

Segundo Authier-Revuz, não só a linguagem, mas a língua, a fala, a enunciação, a formulação do discurso e o próprio discurso são constitutivamente heterogêneos. Esse último vai constituir o discurso, a palavra, o enunciado e o sentido. Do ponto de vista psicanalítico, a heterogeneidade será o discurso do Outro: o inconsciente. A formulação do discurso, que é pensado linearmente, na realidade é atravessada por uma polifonia. Isto é, todo discurso está tecido pelo discurso do outro. Seguindo Freud e Lacan, não existe centro ou essência humana. O sujeito é descentrado, embora tenha a ilusão de ser o centro e a origem do seu dizer, e de poder controlar o que diz. Seguindo essa abordagem heterogênea do discurso, a autora propõe uma distinção entre as formas explícitas de heterogeneidade (mostrada, marcada e não marcada) e a heterogeneidade constitutiva do discurso. A heterogeneidade mostrada está relacionada à presença do outro no discurso de um determinado locutor. Quando podemos detectar este outro na linguagem, temos uma heterogeneidade mostrada marcada. A glosa, as fórmulas de comentários, as formas sintáticas do discurso indireto e do discurso livre são exemplos dessa modalidade. Por outro lado, quando não detectamos na materialidade lingüística essa heterogeneidade mostrada, temos a heterogeneidade mostrada não marcada. Ela vai se materializar quando o locutor faz alusão a outros discursos implicitamente. A heterogeneidade vai aparecer como efeito de sentido de um dito que se articula a um não dito. O discurso irônico, no qual estabelecemos um jogo de sentidos entre o explícito e o implícito, é um típico exemplo disso. A heterogeneidade constitutiva do discurso, como o próprio nome diz, é a essência de todo discurso. Todo discurso já vem entrelaçado com outros discursos, sem, no entanto, haver uma percepção disso (Cf. AUTHIER-REVUZ *apud* BECK, 2008, p. 465-466). Na constituição de qualquer discurso, na hora em que começamos a falar, várias

palavras já a atravessam. No nascedouro do discurso, o outro está presente, as palavras alheias desempenham o papel de povoá-lo.

A análise de discurso se apropria do conceito de heterogeneidade, porém a heterogeneidade constitutiva do discurso é entendida como exterioridade que se materializa em outras formas, com modos de funcionamento próprios e histórias específicas. São as formações discursivas, as formações ideológicas, as formações sociais e econômicas, e outras formações que se relacionam de forma desigual e contraditória. Portanto, essa exterioridade é que determina as condições de produções ideológicas das formações discursivas (BECK, 2008, p. 467-468). Cada formação discursiva é constituída pela relação da exterioridade do Interdiscurso com o Intradiscurso.

O Interdiscurso é constituído de saberes que existe antes do sujeito, pré-construídos pela coletividade, o já-dito. O Intradiscurso é a materialidade que ocorre através da fala, a formulação do texto (Cf. CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 681). Para Orlandi, o Interdiscurso é a “memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.” (2002, p. 44). Segundo Tfouni, as condições de produção de um discurso (contexto histórico-social, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si e do outro e do referente) devem ser analisadas numa visão mais ampla, a partir da posição empírica de um sujeito que determina seu dizer (circunstâncias da enunciação, Intradiscurso) e também dos discursos pré-construídos que fornecem sentidos para ele (o Interdiscurso). O sujeito pode apenas falar a partir dos discursos historicamente construídos. Porém ele não tem essa percepção e aliena-se da realidade da sua posição (2006, p. 128). Portanto, dizer que a interdiscursividade é constitutiva para todo discurso, é dizer que todo discurso nasce de um trabalho sobre outros discursos.

Para Orlandi, o discurso é a materialidade específica da ideologia e a língua é a materialidade específica do discurso. Todo discurso tem um sujeito por trás e não existe sujeito sem ideologia (2002, p. 17). “O sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia” (2002, p. 20). Segundo Brandão, para AD, os conceitos de Formação Discursiva (FD) e Formação Ideológica (FI) são essenciais para analisarmos a articulação da ideologia com o discurso. Uma das formas de a ideologia se materializar é através do discurso. Ela funciona no assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, ou seja, faz com que cada indivíduo ocupe a sua posição em uma determinada classe ou grupo de uma das formações sociais, sem que ele se aperceba disso e tenha a impressão que é dono de sua vontade. Portanto, são essas formações discursivas, relacionadas a uma FI específica, que determinam

o que podemos e devemos dizer, levando em conta uma relação de classe e a partir de uma conjuntura histórica dada (2002, p. 37-38). É dentro de uma FD que ocorre a metáfora, ou seja, a tomada de uma palavra por outra, estabelecendo-lhe o sentido. Portanto, as palavras, nessa perspectiva, não têm um sentido próprio, ligado a sua literalidade. Por outro lado, diferentes sentidos podem ser compreendidos através da referência à formação discursiva, ou seja, uma mesma palavra pode ter significados diferentes quando se inscrevem em formações discursivas diferentes (Cf. ORLANDI, 2002, p. 44). O mecanismo básico de funcionamento da Formação Discursiva ocorre, então, através da tensão entre processos parafrásticos e polissêmicos. A paráfrase é um sentido que pode ser representado por diferentes dizeres, em diferentes formações discursivas e a polissemia é um dizer que pode ter diferentes sentidos em diferentes formações discursivas.

Do ponto de vista psicanalítico, o discurso heterogêneo é atravessado pelo inconsciente. O sujeito é um efeito da linguagem, ou seja, as formas que o constitui estão na diversidade de uma fala heterogênea que também é consequência de um sujeito dividido entre o consciente e o inconsciente. O inconsciente é o que está “censurado” e a AD tenta recuperar, reconstruir através dos vestígios deixados no discurso pelos apagamentos e esquecimentos. Esses traços podem ser evidenciados na fala do sujeito através do que ele diz à revelia do seu desejo (Cf. BRANDÃO, 2002, p. 54).

Quanto à análise, se a linguagem se comporta da forma visto acima, construiremos um dispositivo de interpretação caracterizado pela relação do dito com o não-dito, “o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro, o que é dito de um modo com que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras”. Portanto, numa mesma língua, uma palavra pode ter significados diferentes, que irão depender da posição do sujeito e das formações discursivas em que estão inseridas (Cf. ORLANDI, 2002, p. 59-60).

Ainda segundo Eni Orlandi, primeiramente temos que nos preocuparmos com a construção do *corpus*. Para isso, temos que “construir montagens discursivas que obedecem critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos da análise, e que permitam chegar à sua compreensão”. O analista que tem o texto diante de si, remete-o a um discurso que é explicitado em suas regularidades pela referência a outras formações discursivas. Estas ganham sentido porque resultam de um jogo orientado pela formação ideológica no atual contexto. Uma primeira dificuldade surge na fase constitutiva do *corpus*. O discurso que é nosso objeto de estudo já não vem pronto para a análise. Geralmente é o próprio analista que constrói o *corpus*. Como consequência disso, observamos

que os textos utilizados pelos analistas não são documentos que mostram idéias pré-concebidas, mas materiais que permitem que encontremos diferentes possibilidades de leituras (2002, p. 63-64).

Após o *corpus* ser construído pelo analista, ele passa por um processo de de-superficialização. Este consiste em uma análise superficial dessa materialidade lingüística que é realizada na expectativa de obtermos “o que se diz, o quem diz, em que circunstâncias”, ou seja, o que aparece na sintaxe do *corpus* e no processo implícito de enunciação do sujeito. Este processo de de-superficialização irá nos mostrar pistas para compreendermos o modo como o discurso se manifesta no texto. Uma vez que encontremos o material, já, de-superficializado, temos então um objeto discursivo em que analisamos “o que é dito nesse discurso e o que é dito em outros, em outras condições, afetados por diferentes memórias discursivas”, procurando, com isso, desfazermos a ilusão de que aquilo que é dito poderia apenas ser dito daquela forma. Nessa fase, podemos observar a relação que existe entre diferentes materialidades lingüísticas que estão inseridas no discurso. Portanto, observamos a relação do discurso com as formações discursivas. É fundamental o trabalho com as paráfrases, sinonímia, relação do dito e do não-dito (Cf. ORLANDI, 2002, p. 65-66).

Sobre a relação do dito com o não-dito, é interessante comentarmos um pouco. O não-dizer ou implícito é o pressuposto e o subentendido do discurso. Ele complementa o dizer. Todo dito vem acompanhado de um não-dito que também significa. Isto equivale a dizermos que toda formação discursiva pressupõe uma outra. Na análise de discurso, poderíamos ter uma infinidade de não-ditos relacionados a cada dito analisado, mas podemos limitar esses não-ditos, levando em conta apenas aqueles que são relevantes para aquela situação significativa. É importante salientarmos que existem outras formas do não-dizer: o silêncio. Dentro deste, podemos distinguir alguns tipos: o silêncio fundador que faz com que o dizer faça sentido; o silêncio constitutivo em que uma palavra apaga outras palavras; o silêncio local que é a censura (o que é proibido dizer em uma determinada situação). Essa situação de silêncio está sempre presente em nossa sociedade por causa da censura que ela produz nas suas relações de poder. As palavras estão sempre acompanhadas pelo silêncio. Então, na análise devemos observar, conforme a conjuntura, o que é dito, o que é não-dito e o que não pode ser dito também (Cf. ORLANDI, 2002, p. 82-83).

Após termos o objeto discursivo, entramos no processo discursivo, no qual analisaremos a discursividade, que é nosso objetivo. Para isso, devemos deslocar o sujeito dos efeitos que a lingüística e a ideologia nos proporcionam. É nesse processo que fazemos a relação das formações discursivas com a formação ideológica que rege essas relações,

percebendo como se constituem os sentidos desse dizer. Percebemos, então, que a história acontece na língua porque “as palavras refletem sentidos de discursos já realizados, imaginados ou possíveis”. É importante salientarmos que, ao longo de todo trabalho, “a análise de discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise”. No procedimento de toda a análise, junto ao mecanismo parafrástico, o analista observa também os efeitos metafóricos (Cf. ORLANDI, 2002, p. 66-67).

3.3 *Categorias da análise*

Conforme vimos anteriormente, o ingresso na nossa lista de contatos ocorreu através de nosso convite ou por solicitação de alguém interessado. Portanto, não houve imposição. E também quando quisesse era livre para deixar de participar da lista. Partindo, dessa forma, do pressuposto de que todos os integrantes permanecem, até hoje, porque estão receptivos ao fenômeno interativo estudado, selecionamos aleatoriamente nove deles para entrevista. Esse número foi suficiente porque, conforme Gaskell e Bauer, um ponto crucial para cessarmos as entrevistas numa análise qualitativa é quando os depoimentos começam a ficar repetitivos e mais entrevistas não melhoram a qualidade ou levam a uma compreensão mais detalhada (2002, p. 70-71). Quanto às características, os eleitos são provenientes das religiões Católica, Evangélica da Assembléia de Deus, Espírita e sem religião formal. As idades variam de 26 a 66 anos e todos têm formação universitária. As entrevistas foram realizadas, individualmente, entre os meses de julho a setembro de 2008 na cidade de Recife. Optamos pela entrevista semi-estruturada porque o entrevistado tem a possibilidade de falar sobre o tema pesquisado, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador (Cf. HONNINGMANN *apud* MINAYO, 1999, p. 108). Para nortearmos a entrevista, criamos um roteiro com essas perguntas:

- Por que você gosta de receber e/ou enviar essas mensagens?;
- Houve alguma reflexão que se concretizou em mudanças de atitude perante a vida?;
- Quais sentimentos vêm à tona quando você lê algumas dessas mensagens?;
- Você recordaria algumas mensagens que despertaram mais o sentimento de estar diante de Deus ou de algo Sagrado?;
- Essas mensagens influenciaram as crenças de sua Religião?;

- Você poderia apontar algum aspecto negativo nesse fenômeno das mensagens?;
- O interesse nesse fenômeno, ao longo dos anos, tem aumentado ou diminuído?;
- Você gostaria de acrescentar algo mais sobre esse fenômeno das mensagens?.

Oferecemos, porém, todas as perspectivas possíveis para que o informante alcançasse a liberdade e a espontaneidade necessárias para o enriquecimento da investigação (Cf. TRIVINÕS *apud* NOVENA, 2008, p. 179). Em outras palavras, o entrevistado possuía a liberdade de desviar do assunto proposto pela pergunta para abordar qualquer outra informação relevante, sem a interferência do pesquisador.

A duração média dos depoimentos foi de quinze minutos e utilizamos, para a gravação do áudio, um equipamento de MP3 da Creative. Os depoentes entregaram antes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido devidamente preenchido e assinado. Os depoimentos foram transcritos fielmente de acordo com a fala dos entrevistados e devolvidos para que estes pudessem fazer retificações no texto, cortar trechos que não quisessem que fossem publicados ou mesmo desistir da participação ao não enviar o documento citado (Cf. CABRAL, 2005, p. 4-5). Todos os entrevistados, após a revisão, deram permissão para que os documentos da transcrição de seus depoimentos ficassem à disposição do pesquisador, sem nenhuma alteração. É importante salientarmos que as entrevistas foram autorizadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição através do registro da CAAE – 0005.0.096.000-08 (CEP – 007/2008).

A seguir, trabalharemos, dentro da análise de conteúdo, quatro categorias ou perspectivas: visão da Logoterapia, visão da Comunicação Ciberespacial, visão da experiência mística e do Sagrado e visão transdisciplinar do diálogo inter-religioso. Conforme o Termo de Compromisso, a identificação dos entrevistados foi mantida em sigilo. Portanto, para nos referirmos a eles usaremos a letra “E” seguida de um número (E1, E2, E3, ..., E9).

3.3.1 Visão da Logoterapia

Primeiramente, podemos observar, conforme teoria da Biblioterapia aplicada à Logoterapia, que o recebimento das mensagens pelo *e-mail* desperta reflexão e mudança de atitude, proporcionando sentido de vida. Isso fica evidente em alguns depoimentos:

Essas mensagens já me ajudaram muito. As vezes eu estava num estado de espírito depressivo, chateada ou carente e de repente chegava uma

mensagem pelo *e-mail* que fazia refletir sobre a minha forma de pensar e agir, despertando para uma consciência. Mudava tudo! Isso fez com que eu me envolvesse com esse fenômeno. Hoje, quando chega uma mensagem, eu já fico na expectativa de qual será a de amanhã. [...] (E3, 8 de agosto de 2008, fala 02).

Eu gosto porque tem momentos que a gente está num certo desânimo ou nem tanto no desânimo mas precisando de uma palavra, de uma coisa que faça um encaixe naquilo que às vezes a gente está pensando, querendo... numa atitude que precisa tomar. E eu creio que isso dá um encaixe perfeito e desse encaixe vem a luz e esclarece. E as coisas muitas vezes se modificam. É um ajuda bastante interessante (E5, 13 de agosto de 2008, fala 02).

A princípio ele soma muito na vida da gente. Ajuda demais! Eles, para mim chegam na hora certa. Geralmente a gente está querendo escutar alguma coisa, tem alguma dúvida... Aí eles chegam na hora certa [...] (E9, 16 de setembro de 2008, fala 02).

[...] Você começa a encarar aquele problema que está passando no momento e, muitas vezes, dá uma guinada na sua vida. Isso acontece porque as pessoas buscam levar uma mensagem de otimismo. É impossível não tirar nada de bom delas [...] (E3, 8 de agosto de 2008, fala 06).

E4 relata, através de exemplos, as percepções de sentido que ocorrem nas leituras das mensagens edificantes que chegam no correio eletrônico. Ele deixa claro também que esse encontro de significado de vida nem sempre ocorre. Isso está de acordo com o que vimos acima, quando Elisabeth Lukas (2006) afirma que não podemos prever os efeitos “curativos” da leitura.

É aquele negócio, às vezes você está de baixo astral porque você errou em alguma coisa. Errou com seu pai, com sua mãe, com alguém da família ou com um colega de trabalho. Aí tem uma mensagem que desperta você, que o erro faz parte do nosso processo de amadurecimento, de crescimento moral e espiritual. Algumas vezes você está meio deprimido, simplesmente porque a pessoa se sente inferiorizado por alguma coisa. Têm mensagens de motivação. Para provar que você é melhor do que você pensa. Então, são sentimentos sempre positivos. Nunca, em nenhum momento, as mensagens puderam despertar sentimentos ruins. Os pensamentos são muito bons. Normalmente eles (mensagens) são bem pequenos, não é? E agregam muito valor para gente que faz a leitura. É claro, que numa leitura concentrada. As vezes as pessoas fazem uma leitura sem nem refletir com o que está sendo lido (E4, 12 de agosto de 2008, fala 08).

E6, em seu depoimento, declara que a frequência com que recebe as mensagens pode fazer com que em uma dada situação alguma delas possa provocar um efeito terapêutico. Elisabeth Lukas (2006) e Claudio García (1999) afirmam exatamente isso quando analisam a imprevisibilidade dos efeitos “curativos” da leitura:

[...] Porém, quando você só recebe uma aqui, outra acolá, então você lê uma e esquece aquela que você leu anteriormente, que recebeu há quinze dias. Mas quando você recebe constantemente e lê muitas, sempre vai ter uma que vai fazer você parar. Então, isso fez com que, ao longo desses mais quatro anos que eu venho recebendo, houvesse um interesse maior porque eu sempre percebo que lá, naquele correio eletrônico, eu tenho algo a absorver, meditar, refletir e colocar em prática. [...] (E6, 27 de agosto de 2008, fala 28).

E5 descreve alguns sentimentos vivenciados por ele ao ler um pensamento num livro. Embora o ambiente não fosse o da *Internet*, ele deixa implícito que esses sentimentos também ocorrem quando ele recebe um *e-mail*:

Bom, eu acho que um sentimento de descoberta, tipo assim: “Oxente, não pensei nisso!”. Um dia desses, por exemplo, não foi nem com uma mensagem sua, eu não estava nem aqui, em Recife. Estava num congresso. Todo mundo tinha saído e eu disse: “Não, eu estou exausta, preocupada. Não vou!” Então, peguei um livro que eu tinha e o abri. O autor dizia uma frase assim: “Quem tem conhecimento, tem riqueza”. Então, eu comecei a pensar naquela frase, nessa mensagem, essa coisa que para mim ficou... eu até li o restante do capítulo, mas o que ficou foi isso daí. Então, ela traz essa surpresa. E eu dizia: “Oxente, é verdade! Como eu não vi isso antes?” Então, dá esse sentimento de surpresa, muitas vezes de alegria, mas outras de dor profunda: “Pôxa, você perdeu! Jogou fora o tempo. O tempo é ouro e você deixou passar!” Então é um misto muito grande. Acho que mexe muito com a pessoa [...] (E5, 13 de agosto de 2008, fala 06).

A experiência descrita acima por E5 nos leva a fazermos um paralelo com Claudio García Pintos (1999) quando ele fala dos efeitos terapêuticos das frases, citações, refrões, provérbios e aforismos que possuem um conteúdo de sentido. E5 deixa também entrever, já no final, que algumas vezes há sentimentos negativos. Mas ao ser questionado, se havia aspectos negativos, ele explica que esse sentimento é benéfico:

Não! [...] Porque dá uma tristeza do tempo que eu joguei fora. Parece ser negativo, mas é um alerta. É uma situação de alerta para prestar atenção o que é que está sendo feito e não jogar mais aquilo fora. Eu não vejo como uma coisa negativa, não! Eu vejo como um abalar: “Acorda! Acorda!”. Bem, a coisa não é bem por aí, não é por esse caminho que vai a procura, entendeu? Eu não vejo como negativo. [...] Não! Não! Tenho não (aspecto negativo)! Pelo menos das que eu recebo, não é? E quando tem uma coisa que não presta, apago! Nem leio mais. Eu apago! Mas eu não vejo as... Claro, que deve ter pessoas que enviam, por exemplo, piadas. Eu acho que deprimem, não é? [...] Não, de jeito nenhum! Quando dá tristeza e tal, não é uma tristeza negativa, não! É de abrir os olhos, de um tempo que foi perdido, de uma atitude que não foi tomada, de... sabe! Então é um abrir de olhos. Isso não é negativo (E5, 13 de agosto de 2008, fala 08, 10, 12 e 14).

Outros entrevistados também foram questionados quanto ao lado negativo desse fenômeno das mensagens positivas que circulam pelo *e-mail*. E3 nos revela que uma mensagem que falava de pai provocou nela sentimentos de tristeza:

Não! Apenas aconteceu uma vez. Eu não gosto de falar dela... (risos) e... que falava de família (emociona-se)... Eu estava num momento assim muito... (riso emocionado), como hoje... lembrando muito do meu pai, quando eu recebi uma que falava de pai. Esse tipo sempre me quebra (E3, 8 de agosto de 2008, fala 08).

E4 não vê nada que contribua para que as mensagens recebidas lhe proporcionem desconforto subjetivo. Ele acha apenas que deveria se dedicar mais a enviar essas mensagens positivas. Ele desvia o assunto, inclusive, para as campanhas de voluntariado que ele promove para creches e asilos:

Não! Não! Eu não acho que essas mensagens tenham qualquer chance de deixar alguém com pensamento negativo ou triste. Acho pouco provável. E nessa experiência que eu venho tendo, normalmente só me traz felicidade, só me traz alegria. É como eu estou dizendo a você: o que me entristece mais é sentir que eu me dedico pouco tempo, para isso. Eu poderia me dedicar mais. Ou seja, poderia me ater... a selecionar melhor as mensagens, está entendendo? Ou melhorar nas minhas campanhas. Você sempre tem uma estranha impressão que você pode fazer melhor, está entendendo? Por exemplo, eu mandei a mensagem da campanha que a gente vai ter do dia das crianças. Só você me respondeu. Pela primeira vez, só uma pessoa respondeu. Não sei por qual motivo só um respondeu. Normalmente, várias pessoas respondiam, muitas pessoas do meu ciclo maior de amizade respondiam. E dessa vez, não! Eu fico triste! Mas não é uma coisa que vai diminuir o meu esforço para que a festa aconteça. Se for necessário, eu banco tudo, mas eu faço. Não posso deixar a bola cair! (E4, 12 de agosto de 2008, fala 26).

E6 faz um longo discurso, no qual podemos levantar alguns aspectos negativos frisados por ele. Ele aborda o perigo de algumas mensagens serem absorvidas de modo diferente dos objetivos delas, devido ao estado de espírito da pessoa, podendo levá-la a uma interpretação negativa da realidade. Ele, particularmente, não teve nenhuma experiência negativa, diante das mensagens: apenas realçou o fato de que algumas mensagens são longas demais e nem sempre existe tempo disponível de ler com profundidade. Ele acrescenta que não basta haver a percepção de sentido. A pessoa deve praticar aquela nova realidade percebida. Ele finaliza, falando da importância, na sua vida, das mensagens recebidas:

Olha, eu acho que a questão da crítica, vai muito da questão pessoal, no sentido assim: talvez muitas pessoas, ao receberem as mensagens, não estejam, assim, talvez, tão preparadas em absorvê-las. Não têm tempo para lê-las e às vezes excluem-nas. As vezes podem ler e nem sempre absorver o modo como a mensagem realmente deveria ser captada. Então, pode ocorrer, simplesmente, o perigo, diante do estado de espírito de cada um, quando a pessoa lê a mensagem do correio eletrônico. Pessoalmente, vamos dizer assim, não tive algo que me desse como negativo as mensagens que eu recebi. Algumas, às vezes, a gente sente que é um pouco pesada, cumprida, a gente tem que ter paciência, o tempo que a gente tem às vezes favorece uma leitura mais adequada, uma leitura que nos leve a aprofundar o sentido

verdadeiro, real, existencial que aquela mensagem está passando para você. Então, pode-se correr o perigo de você fazer uma leitura superficial, de maneira que também esta superficialidade leve você a agir superficialmente. Então, o perigo que o correio eletrônico corre é justamente esse: é quando você lê uma mensagem superficialmente e tenta vivê-la superficialmente. Você deve tentar absorver, meditar, ver realmente qual é o verdadeiro sentido que aquele pensamento, aquela mensagem, aquele *power point*, quer dizer para você. Pelo menos, das que eu recebi, não teve nenhuma que me levasse a viver uma vida superficial, fantasiosa. Eu acho que, quem envia mensagens deve também pensar muito nisso. Quando eu estou enviando esta mensagem, quem vai receber, vai tentar vivenciá-la como? Diante de uma Sociedade que vive o ódio, que vive a desesperança, o superficialismo, o individualismo, o consumismo, todos esses “ismos” que a gente tem, no dia-a-dia, então, como é que esta pessoa vai absorver esta mensagem e, ao mesmo tempo, colocá-la em prática? [...] Correndo injustamente, com tanta violência, e a pessoa não faz nada pra mudá-la. Se você simplesmente ficar absorvido nas mensagens do correio eletrônico, sem tentar mudar também o seu dia-a-dia, o contexto no qual você está vivendo, então elas perdem o valor. No meu caso, tenho plena consciência de que eu tenho absorvido estas mensagens, feito dela, algo, para um alicerce no meu caminhar, um alicerce nas minhas aulas de ensino religioso, com os meus jovens, lá na escola, com as pessoas com as quais eu entro em contato, que às vezes, a gente inclusive comenta: “Olha, eu tenho uma mensagem assim... e vou enviar para você.” Então, eu acho que o negativo é simplesmente quando você lê superficialmente, não aprofunda, não percebe o sentido que aquela mensagem tem e passa para você (E6, 27 de agosto de 2008, fala 24).

Em outro trecho de entrevista, E6 fala novamente da importância de ler as mensagens relacionadas ao sentido de vida, principalmente numa sociedade individualista:

[...] É importante que esse correio eletrônico, que leva e traz essas mensagens para gente, continue porque isso fortalece, pelo menos diante de tantas coisas, ou diante de tantas pessoas, aqui sem querer citar nomes. Porque são muitas as pessoas que colocam coisas vazias. É preciso que a gente também perceba que têm outras que estão aí, lutando, através do correio eletrônico, fazendo na Sociedade que cada ser humano possa encontrar em si mesmo a razão da sua existência. E essa razão da sua existência precisa de conteúdo, precisa de teoria, precisa do auxílio de outra pessoa, que através de um *power point*, de uma mensagem, ela a encontre ali naquele correio eletrônico. Então, eu acho que esse fenômeno vem crescendo por isso, porque essas pessoas estão vivendo um vazio muito grande, estão vivendo nesse individualismo. Num mundo de tanta gente, são poucas as pessoas que ela pode contar como amigo, como alguém que ela vai sentir como modelo, como referência. Então, ela vai procurar no correio eletrônico, pelo menos isto, algo que a fortaleça, que lhe dê base, lhe dê ali alicerce para a sua vida (E6, 27 de agosto de 2008, fala 30).

E6 também relata em outro trecho da entrevista que as mensagens despertam um mundo e realidade diferentes daquelas que a mídia está habituada a mostrar. Isso leva a um encontro de sentido

Ahh, é importante porque a gente quando pega os jornais, os noticiários televisivos, escritos ou rádio, enfim, os noticiários, as revistas. As grandes

manchetes geralmente hoje são de violência, de desesperança, de fome, de miséria e a gente precisa, então, mudar um pouco o panorama. Então, as mensagens que a gente recebe, por esses correios, favorecem porque a gente está muito cheio de notícias que muitas vezes favorecem a desesperança, a violência. Então, quando a gente abre estas mensagens, traz pra nós um sentimento, assim, de esperança, tranquilidade, de lutar pela vida, lutar por uma sociedade melhor... através daqueles textos. Quantas vezes a gente está um pouquinho assim, caído e, de repente, abre uma mensagem e ela nos favorece e fortalece? (E6, 27 de agosto de 2008, fala 16).

Alguns entrevistados tentam descrever como ocorre a reflexão das mensagens recebidas:

Tem! Algumas mensagens sim! [...] Antes de enviar uma mensagem, geralmente eu leio mais uma vez e reflito. Só então eu a repasso. Em relação a mudanças concretas, quando eu recebo a mensagem eu identifico coisas que tem haver com o meu comportamento. Não necessariamente que eu tenha mudado por causa das mensagens, mas que eu concordo com elas. Há alguns anos, estou nessa busca de conhecimento interior e essas mensagens vêm reforçar o que eu penso (E1, 16 de julho de 2008, fala 04 e 06).

[...] Então, todas essas mensagens, eu absorvo, primeiro para fazer um auto-exame, para minha auto-estima e, ao mesmo tempo, para que, a partir daí, eu possa também refletir junto às outras pessoas [...] (E6, 27 de agosto de 2008, fala 14).

Um depoimento interessante foi o de E4, quando perguntado se o interesse sobre o fenômeno havia aumentado ao longo dos anos. Nesse caso, o exemplo dele é um caso notório de percepção e realização de sentido de vida. A participação no fenômeno, levou-o a uma mudança de atitude, porque ele despertou para um novo significado de vida.

Tem aumentado! Mas assim... veja só, em que ponto aumentou. No princípio, quando eu comecei a enviar mensagens, eu simplesmente só enviava as mensagens, certo? Ao longo do tempo, eu passei a não só enviar mensagens, mas passei a fazer campanhas, e todas elas muito bem sucedidas. Então passou a ter outro significado. [...] Trabalhos voluntários! Certo? No começo eu só mandava mensagens, certo? Depois eu fui me envolvendo tanto, que eu passei a fazer trabalhos voluntários [...] (E4, 12 de agosto de 2008, fala 22 e 24).

Finalizamos essa Categoria com alguns depoimentos dos entrevistados quando perguntados se houve alguma reflexão que se concretizou em mudanças de atitude perante a vida. E9, por exemplo, especifica as mensagens de otimismo:

Muitas (mensagens)! Dessas que são positivas, que diz que a gente precisa ir em frente, que fala desses sonhos da vida. Essas que falam geralmente da vida. Dos obstáculos que a gente tem, de levantar a cabeça, seguir em frente porque isso faz parte da vida. [...] (E9, 16 de setembro de 2008, fala 06).

Já E3 relata que, ao receber uma mensagem, pode perceber que o significado de

vida está presente nas relações humanas. Essa é uma das vias de encontro de sentido, defendido por Viktor Frankl (2003):

Ah, já! Eu recebi uma em particular, mas não lembro o nome da mensagem. É uma que fala da viagem do trem: pessoas que sobem e que descem⁹. Eu fiquei pensando como a gente perde tempo se apegando às coisas tão pequenas, tão insignificantes e que as pessoas passam rápido na vida da gente. Elas podem simplesmente passar. O momento pode ser único. A gente pode estar detido em outras coisas, deixando de aproveitar e usufruir a companhia dessas pessoas e perder tudo que elas podem oferecer de bom. É isso que a gente tem que buscar nas pessoas, não é? Se bem que a gente vê muita outras fazendo muita coisa errada, mas... não é possível que ninguém tenha nada de bom para oferecer (E3, 8 de agosto de 2008, fala 04).

Ele reagiu, da mesma forma, ao receber uma outra mensagem de relações humanas. Parece que E3 é receptivo a mensagens que dizem respeito a esse tema:

Foi a mensagem “O Nó no Lençol”¹⁰. Ela fala da relação de um pai que era muito ausente e que ficava assim pensando, mas... Mas e aí, e o filho, como é que fica a situação do filho com o pai tão ausente? Os outros tinham o pai tão presente, diariamente, e esse, não. E no final da mensagem a gente vê que aquele pai foi o mais significativo. E eu sou uma pessoa que me senti sempre muito ausente para os meus filhos porque sempre eu estava trabalhando, sempre no meio da rua, o dia todo, saindo de manhã, chegando à noite, aquele corre-corre e a gente que é mãe, que é pai, tem hora que pára e se cobra: - Será que vale a pena? Será que eu poderia ter sido uma mãe melhor se eu tivesse mais presente? Quando eu li essa mensagem, eu disse para mim mesma: - Poxa, porque a gente tem que fazer isso? São os poucos momentos que a gente tem, que devemos aproveitá-lo. Usar ao máximo. A gente vê que realmente vale a pena. Não importa o tempo, mas o quanto os momentos, mesmo pequenos, são intensos. E, naquele momento, eu estava justamente numa época, me sentindo tão assim... eu disse para mim mesma: - Meu Deus, meu filho está meio rebelde. Será que foi a minha ausência? Quando eu olhei a mensagem, eu tive a certeza: - Não, Deus não ia permitir que isso acontecesse, não é? (risos) Claro que pai e mãe erram, e erram muito, mas ninguém erra por vontade própria. A gente erra pensando que está acertando. Essa mensagem foi uma das que eu mais gostei. (risos) (E3, 8 de agosto de 2008, fala 18).

E8 teve reação semelhante, sendo que a sua percepção de sentido veio à tona por um outro caminho: mudar de atitude perante uma situação que não pode ser modificada:

Lembro! Eu lembro! Eu lembro da mensagem, daquele vídeo que recebi, de um camarada que não tinha braço. [...] Tony Melendez! Ele não tinha braços. E, quantas vezes, diante de uma algumas circunstâncias na vida, a gente está querendo reclamar. Naquele dia que recebi aquela mensagem, eu passei aquele vídeo e realmente eu percebi que eu posso ir muito além. Aquela mensagem ficou gravada na minha memória e a levei também para os alunos. E foi realmente muito forte, porque às vezes nós temos braços, mãos, enxergamos, andamos, corremos, trabalhamos e a gente se limita. Quando eu

⁹ Nota do entrevistador: mensagem *A Viagem* (Cf. APÊNDICE E, no final deste livro).

¹⁰ Nota do entrevistador: mensagem *O Nó no Lençol* (Cf. APÊNDICE F, no final deste livro).

vi aquilo ali, na verdade, para mim, foi uma das mensagens... eu recebi várias mensagens e fui abençoado por várias delas, mas aquela ali talvez foi uma das mais fortes que eu já vi, das que eu já recebi. Porque talvez tenha consonância comigo mesmo (E8, 3 de setembro de 2008, fala 04 e 06).

Para E2, as palavras têm um significado muito forte. Ele já possui a consciência do efeito de sentido que as palavras podem proporcionar quando estamos receptivos à mensagem que nos diz respeito. Isso é evidente, na sua primeira fala da entrevista, ao ser perguntado por que gostava de receber mensagens positivas pelo *e-mail*:

Eu acredito muito no poder da palavra [...] (E2, 16 de julho de 2008, fala 02).

E2 nos conta, em sua entrevista, que teve uma percepção de sentido, ao sentir-se angustiado com a situação que estava vivenciando e, ao receber a mensagem *Esperança* de Mário Quintana, tirou o foco de seu sofrimento e elevou seu estado de espírito. Viktor Frankl (2003) diria nesse caso que ele tomou uma atitude positiva perante as dificuldades da vida. Ele termina tentando avaliar o grau de mudança na sua vida ao receber as mensagens:

Teve! Teve uma que você mandou até esse ano. Foi sobre a esperança! A esperança jogava-se... alguma coisa assim¹¹. Essa também veio num momento assim que... eu estava justamente passando por essa angústia do concurso e de outras coisas mais! Então, ela chegou e era isso de que eu precisava: esperança! Eu acho que sempre muda um pouco. Não sei se mudou muito a minha vida, mas são coisas que ficam na sua memória naquele momento. Pelo menos instantaneamente muda a sua forma de pensar. Você está precisando de uma palavra para despertar e ficar mais otimista naquele dia. Não sei se são mudanças tão grandes assim na minha vida, mas com certeza muda algo (E2, 16 de julho de 2008, fala 04).

Ainda, no trecho acima, ao analisarmos discursivamente, E2 explicita claramente que a leitura da mensagem *Esperança* (uma FD que complementa o seu discurso) aliviou a sua angústia de participar de um concurso. Notamos que a referência a esse texto levou-o a lembrar-se de sentimentos vivenciados em outra época da história da sua vida.

E4 tenta expressar a sua percepção de humanidade, ao ler a mensagem de William Shakespeare:

Eu acho que li uma mensagem de Shakespeare. Na verdade, não foi uma mensagem. Foi um texto de Shakespeare. O texto é intitulado de [...] Não, *Aprender, aprender é*¹² [...] Esse texto reflete muito dos sentimentos que a gente tem a cada dia. A partir do momento que ele diz “aprender é”... é saber que você sempre vai ter alguém que você ama que vai magoá-lo, certo? Que é melhor ser feliz do que ter razão, não é? E outras e outras que ele fala, de

¹¹ Nota do entrevistador: mensagem *Esperança* de Mário Quintana (Cf. APÊNDICE G, no final deste livro).

¹² Nota do entrevistador: mensagem *Eu Tenho Aprendido* de William Shakespeare (Cf. APÊNDICE H, no final deste livro).

tudo aquilo que você precisa aprender. Em relação ao Universo, à Humanidade. A decepção é natural. As pessoas muitas vezes erram e deixam tristes, não porque elas querem, mais talvez pelas necessidades de ambos. Acho que é isso (E4, 12 de agosto de 2008, fala 10, 12 e 14).

Já E5, além de ter a percepção de sentido, ao receber um arquivo de *power point*, mudou de atitude perante o seu contexto de vida. Conforme Frankl (2003), a ação praticada ou o trabalho possibilita também sentido de vida:

Ah! Tem uma, assim, bem ggggrande (risos). E por isso que eu passei a admirar mais ainda. Teve um momento meu, enquanto coordenadora do curso fisioterapia, na fase implantação, que eu estava muiiiito agoniada, num desespero, e o meu pensamento só era: “Vou entregar isso! Não adianta! Isso não é meu caminho! Eu tenho outras coisas para fazer na vida. Eu não quero mais. Eu não agüento.” Já era quase uma decisão final, num desespero muito grande. A noite, quando não tinha mais ninguém, eu fiquei na frente do computador. Eu disse: “Sabe de uma coisa? Eu vou abrir aqui e vou ver o que é que eu tenho aqui para eu fazer ou para me dizer.” Quando eu abri, deu na sua mensagem a seguinte pergunta: “E aí, vai desistir?”¹³ Aí, eu disse: “Oxente, que é isso?” Eu abri e começou a mostrar fatos, não é? De pessoas que eu tenho um profundo reconhecimento, claro! Como Einstein e outros, não é? E depois que mostrava... por exemplo, Einstein, ele foi tirado da escola e era considerado uma pessoa que não ia ter bom resultado. E tornou-se o esse homem. Na última pergunta, “E aí, vai desistir?”, depois de todo um conceito em relação a lâmpada, cada vez que vinha aquilo: “E aí, vai desistir?”, eu me colocava mesma na situação e me perguntava: “E aí, vai desistir?”, “Vai desistir?”. Quando terminei de ler toda a mensagem, eu disse: “Não, não vou desistir!”, porque se todas essas pessoas aí, com tudo isso, chegaram a fazer o que fizeram, não vou desistir. Então, pra mim aquilo ali foi um marco, uma ajuda. Aquilo que eu falo de uma conexão. Foi além da conexão. Foi muito importante para mim (E5, 13 de agosto de 2008, fala 04).

3.3.2 Visão da Comunicação Ciberespacial

Podemos observar que existe uma necessidade de acolhermos com palavras positivas as pessoas que estão conectadas. Seria pregarmos o bem para todos. Isso é base para a Ética, um dos pilares da Inteligência Coletiva:

Eu tenho a necessidade de ouvir palavras otimistas e repassar isso para os meus amigos. É um dar e receber (E1, 16 de julho de 2008, fala 02).

Bem, a gente começou... não tem exatamente uma motivação específica, mas o fato de ler uma mensagem, achar ela bonita e poder transmiti-la para pessoas que eu conheço e desconheço também, é interessante [...] (E4, 12 de agosto de 2008, fala 02).

¹³ Nota do entrevistador: mensagem de *power point* *Vai desistir?* (Cf. APÊNDICE I, no final deste livro).

Porque a mensagem parece que é encaminhada por alguém que talvez conheça nossas necessidades. [...] Mensagem que traz uma palavra que não vem só para você, mas que você consegue transmitir para outras pessoas. Eu acho que aqui já virou já uma coisa rotineira. Todo dia eu tenho que abrir a caixa do e-mail para receber qual a mensagem do dia que está vindo para mim. (E8, 3 de setembro de 2008, fala 02).

Um sentimento de conforto. Na verdade, eu costumo receber... um conforto e a primeira coisa que eu sinto quando eu recebo uma mensagem é procurar uma pessoa a quem enviar, de acordo com as necessidades que a gente conhece dela. A gente costuma receber a mensagem e uma coisa interessante: nenhuma dessas mensagens que eu recebo não deixa de ter alguma coisa que sirva pra mim. Todas têm alguma coisa que eu vou tirar proveito e que existem não só para mim, mas também para as outras pessoas também (E8, 3 de setembro de 2008, fala 08).

[...] As mensagens positivas, as mensagens de Deus, todas elas quando se recebe. É isso que me leva a se conectar na *Internet*. Elas me trazem coisas boas. Me ajuda muito na minha vida. São importantes (E9, 16 de setembro de 2008, fala 02).

E2 tem um sentimento de gratidão para quem envia as mensagens:

Bem, o primeiro geralmente é de gratidão porque elas sempre causam um sentimento bom e é legal saber que tem pessoas que estão ali, todo dia de manhã, antes de fazer qualquer outra coisa, vão compartilhar aquelas palavras com os outros. Realmente, o sentimento que me vem num primeiro momento é essa questão da gratidão mesmo. Acho legal sua atitude! Você não está fazendo isso para você, mas para os outros (E2, 16 de julho de 2008, fala 06).

Todos os entrevistados ao serem perguntados se o interesse no fenômeno, ao longo do tempo, tinha aumentado ou diminuído, deixaram bem claro que não havia diminuído e que o envolvimento nesse fenômeno fazia parte da vida deles. Isso reforça a idéia de uma sociedade em rede na qual todos comungam de experiências semelhantes:

Aumentou! (E1, 16 de julho de 2008, fala 16).

Não! Não! (risos) Eu já me acostumei a recebê-las e espero que continue. O interesse é o mesmo (E2, 16 de julho de 2008, fala 12).

Tem aumentado! Tanto é, que eu queria, até para acrescentar, receber mais de uma por dia. (risos) Porque nunca é demais. O bem nunca é demais [...] (E8, 3 de setembro de 2008, fala 24).

E3 vai mais além em seu depoimento. Nesse caso, ele explica, espontaneamente e com suas palavras, o funcionamento da sociedade em rede:

Aumentou! É interessante quando você passa uma mensagem para várias pessoas e no outro dia a sua caixa está cheia, com pessoas dizendo assim: -

Poxa, você enviou aquele monte de coisas que eu adoro! (vibração) Eu queria ter mais tempo para ficar na frente do computador, de se ater, com calma, de analisar e refletir, de fato. Porque infelizmente a gente vive num corre-corre tão grande, não é? Eu gosto! E tem aumentado cada vez mais. Eu passava mensagens para uma ou duas pessoas. E hoje, olha quanta gente! A gente se comunica, às vezes, até com pessoas que nem conhece. Você manda a mensagem para alguém, e essa pessoa a repassa. Uma outra acha o seu endereço de *e-mail* nela e te manda uma também (E3, 8 de agosto de 2008, fala 16).

Já E6 analisa de que forma cresceu o seu interesse em receber as mensagens positivas pelo correio eletrônico. Ele critica também o tempo limitado para poder ler todo o material recebido pelo *e-mail*:

Ah! Apesar de que muitas vezes a gente se vicia um pouco em querer ler e o tempo da gente ser absorvido por essa leitura, se a gente fosse fazer uma estatística, um gráfico, eu acho que haveria um crescendo. Quer dizer, você começa muitas vezes tendo preguiça, começa fazendo uma leitura, como eu comentei anteriormente, assim, muito rápida, e ela não é absorvida, mas aos poucos você vai, de tanto receber e de tanto ler, o interesse vai aumentando. [...] Então, houve um crescendo. Eu, hoje, já me sinto viciado em abrir. No começo, às vezes, eu deixava um dia sem abrir, mas hoje eu sinto a necessidade de abrir o correio eletrônico para poder ter algo para me fortalecer, algo para meditar, algo para que no outro dia eu possa refletir (E6, 27 de agosto de 2008, fala 28).

E8 fala da sua percepção da sociedade em rede:

[...] Na verdade eu não sabia que existia uma sistemática. Vim conhecer através de você. Uma sistemática de um trabalho que é um fenômeno porque é um lugar onde as pessoas estão, não é? A Informática é um lugar onde as pessoas estão. Da classe alta, a classe média, a classe... por isso nas casas mais simples tem um computador lá. E as pessoas hoje estão muito ligadas nas *Lan-Houses*, não é? Em todos os ambientes, hoje estão sempre presentes. Então, quando você tem um espaço como esse... porque eu costumo guardar minhas mensagens, entendeu? Eu tenho uma pastazinha que eu guardo toodas as mensagens. (risos) E a gente sabe os temas das mensagens e tal. Então, quando vez por outra eu vou lá no arquivo e vou buscar as mensagens, vai ter o momento... (E8, 3 de setembro de 2008, fala 16 e 22).

Alguns depoimentos dão conta de que essa experiência em comum, que os conecta em rede, tem a ver com a fé:

Eu acho que tem muita gente participando dessa população de mensagens. Vai se criando uma comunidade de irmãos de fé, sabe? Pode ser que você nunca se encontre com o sujeito, mas você guarda dentro de você um carinho especial, alguma coisa gostosa a respeito daquela pessoa com quem você trocou mensagens. Você manda e recebe, manda e recebe, mesmo que não conheça. Mas cria isso! Esse vínculo, digamos, na linha da fé. Só pode ser da fé (E7, 28 de agosto de 2008, fala 28).

Sempre a reforça. A fé eu já tenho, mas é sempre bom saber que outras

peessoas têm essa mesma fé. Eu penso: “É isso mesmo, viu! É por aí!” (risos)
Isso realmente reintera a minha fé católica (E2, 16 de julho de 2008, fala 10).

Podemos constatar também, conforme havíamos observado em nossa experiência pessoal e pelo resultado estatístico do questionário, que as mensagens são aproveitadas fora do ambiente da *Internet*. Falamos de uma via de mão dupla, um caminho circular do mundo virtual para o mundo real e vice-versa:

[...] E ao mesmo tempo, também, aproveitar, já que sou professor, essas mensagens para passar para outras pessoas, refletir com outras pessoas, de modo especial com os alunos (E6, 27 de agosto de 2008, fala 02).

[...] Sempre eu costumo nas minhas provas lançar um texto, alguma reflexão [...] (E8, 3 de setembro de 2008, fala 24).

Já E7 cita uma fonte de mensagens para serem enviadas pelo *e-mail*. Nesse caso, é um outro recurso da *Internet*:

Eu gosto! Gosto muito! Tem uns *sites*, por exemplo, *Kixiki*¹⁴, não sei se você conhece? [...] *Kixiki* foi um dos primeiros *sites* que eu peguei. Ele tem umas mensagens de religião. Mas são lindas! Eu me lembro muito do *Amigo*. Eu vou mandá-la para você. E vou mandar o *site* para você pesquisar lá dentro. Tem muita coisa para se mandar para frente, sabe? Muito bonito! (E7, 28 de agosto de 2008, fala 24 e 26).

E8, ao contrário, vê a necessidade de essas mensagens positivas serem usadas em outros recursos da *Internet*:

O que eu teria a acrescentar era justamente isso que eu já tinha falado antes, que é a questão da própria divulgação mesmo. Acho que deveria existir um *site*, uma *homepage*, eu digo melhor, uma *home*, que pudesse realmente divulgar o fenômeno. Porque isso é um fenômeno. Porque quem tomar conhecimento que existe alguém que possa... porque isso é um trabalho que eu acredito que é você que se predispõe a cuidar das pessoas, não é? A minha leitura que eu faço nesse trabalho é de alguém que se doa o seu tempo, em busca de trazer o bem às pessoas [...] (E8, 3 de setembro de 2008, fala 26).

Ele é tão entusiasmado com a troca de mensagens positivas através do *e-mail*, que sugere uma maior divulgação das mensagens também fora do ambiente da *Internet*:

Eu acho que o aspecto negativo que eu poderia encontrar nesse projeto é que ele deveria ser divulgado mais. Eu acho que se existe alguma coisa negativa nesse trabalho é que ele deveria realmente ser divulgado mais. Fazer cartazes, se mostrar, quem quisesse receber. Eu acho que, se existe alguma coisa que eu pude dizer que seja negativo nesse trabalho seria realmente uma divulgação. Porque quem conhece, eu acho que esse trabalho deveria realmente ir além do mestrado. Ir para o doutorado. Partir para uma coisa

¹⁴ Nota do entrevistador: endereço <http://www.kixiki.com.br/>

que fosse permanente., não é? Um trabalho que se estabelecesse enquanto uma permanente. [...] (E8, 3 de setembro de 2008, fala 16 e 22).

Alguns aspectos negativos são também levantados pelos entrevistados. E2 critica as mensagens, tipo corrente que recebe, e a falta de tempo para abrir arquivos anexados de *power point*:

[...] Algumas vezes, eu recebo mensagens de outras pessoas, mas eu não as abro porque são aquelas do tipo corrente, que nos mandam encaminhá-las para não sei quantos indivíduos e que nos ameaçam caso não os façamos. As pessoas não gostam muito disso não! Eu acho que normalmente existe uma resistência para elas. Eu também quase nunca abro os arquivos de *power point* porque quando eu entro na *Internet*, geralmente estou com pressa [...] (E2, 16 de julho de 2008, fala 02).

E7 não vê aspecto negativo quando perguntado, inclusive relata a forma como essas mensagens conectam as pessoas:

(silêncio) Olhe, na verdade, nas mensagens de teor positivo, eu não vejo negatividade, não! Eu acho que todas são positivas. Ainda essa semana uma pessoa me ligou e disse: “Eu queria tanto que essa mensagem chegasse a minha irmã porque ela está passando uma dificuldade tão grande. E eu não sei como fazer para ela ler porque ela está sem computador.” Veja, são retornos que as pessoas mandam para gente. Isso é ótimo! (E7, 28 de agosto de 2008, fala 21).

Ao fazermos, porém, uma análise de discurso do seu longo silêncio, antes de responder a pergunta, podemos relacionar essa pausa ao que não pode ser dito (censura). É o silêncio local, o que é proibido dizer em uma determinada conjuntura. Na situação, E7 pode ter ficado intimidado de falar sobre esse aspecto por saber que o entrevistador é receptivo ao seu objeto de estudo. Nesse caso, o silêncio pode remeter a uma formação discursiva que critica o fenômeno.

E9 não vê com bons olhos os internautas que se relacionam basicamente através da Web. Ele vê a necessidade do contato real entre as pessoas:

Não, negativa não! Agora sim, às vezes as pessoas se acomodam muito... de só *Internet, Internet...* às vezes se esquecem de conversar mais pessoalmente. Mas com relação à *Internet* só coisa positiva mesmo. Não tenho nada negativo. [...] Com relação a essas mensagens positivas, essas mensagens de Deus, não é isso? [...] Não. Só tenho acrescentar. Só coisas positivas (E9, 16 de setembro de 2008, fala 28, 30 e 32).

E6 lembra que chegam também, ao correio eletrônico, mensagens que não lhe agradam, mas que mesmo assim fazem parte do dia-a-dia de quem participa do fenômeno:

Não, o que eu devo dizer em relação a isto é o seguinte: é interessante quando a gente abre a *Internet* e procura um determinado termo, assunto, então, encontramos coisas boas e coisas que não tem nada haver com aquele

assunto, inclusive coisas que não tem sentido nenhum para o crescimento da gente, que não deveria estar ali. Você procura um assunto religioso e, de repente, encontra algo que não está de acordo com o assunto que você está procurando [...] (E6, 27 de agosto de 2008, fala 30).

É importante salientarmos que nem todos gostam de participar dessa interatividade através do correio eletrônico. Alguns depoimentos nos dão conta disso:

Não, acho que é isso mesmo. Apesar que tem gente que não acredita, não abre. Eu mandei para uma pessoa e ela disse que não ia abrir porque estava com medo que pegasse vírus no computador. Não tem nada... eu acho que foi uma tecnologia, uma evolução muito grande que ajuda todo mundo (E9, 16 de setembro de 2008, fala 40).

Bem, como eu estava dizendo, é uma pessoa do meu trabalho. Ele de certa forma se sentia incomodado de receber as mensagens. E essa pessoa, coincidência ou não, muito negativa. Negativista, certo? Você, nesse seu livro aqui, falou alguma coisa sob negat... o otimista... não! Como é que é? Pessimista vê o vento [...] Então, essa pessoa é muito negativa. Talvez essas mensagens pudessem até incomodar ele. Porque são mensagens de otimismo, leva em conta exatamente aquilo que ele [...] Espera... o otimista espera o vento chegar, o pessimista... ¹⁵ [...] É uma frase... eu não sei exatamente... Então, também tive outras experiências assim... de pessoas... inclusive amigo de trabalho... que: “- Marcello, oh, quero receber essas mensagens, não!”. Eu tiro numa boa e eu até coloco na minha mensagem: “Quem não desejar receber as mensagens, me mande um *e-mail* solicitando a retirada do nome da lista.” E eu farei isso! Não tem problema nenhum. Mas no fundo isso me deixa triste, está entendendo? É uma coisa que me deixa triste. O cara chega: “- Olha, essa mensagem, eu não quero mais receber... É uma coisa que me deixa triste. Mas eu tenho que respeitar. É a vontade de cada um. Se o cara não quer receber as mensagens que você manda... sabe lá, cada um tem uma história diferente [...] Ele não gostava de receber mensagens. E até era uma das pessoas que soltava galhofazinhas: ah!! Pileras, né? Tirava onda com as mensagens que mandava. Tinha algumas mensagens de cunho muito afetivas, assim, que falava um pouco de amor, falava um pouco mais de sentimento. Ele já soltava umas gracinhas. Esse ano, ele pediu para eu tirá-lo (E4, 12 de agosto de 2008, fala 29, 33, 43, 45 e 47).

3.3.3 Visão da experiência mística e do Sagrado

A experiência mística é narrada pelos entrevistados. Para E6, essa dimensão é percebida por ele através do crescimento interior pessoal:

Bom, de um modo especial, eu gosto (receber mensagens) para próprio crescimento. Estas mensagens geralmente trazem um conteúdo que me favorece esse crescimento pessoal. [...] (E6, 27 de agosto de 2008, fala 02).

¹⁵ Nota do entrevistador: pensamento de William George Ward “O pessimista se queixa do vento, o otimista espera que ele mude e o realista ajusta as velas”.

Mais adiante, E6 deixa mais explícito essa experiência mística quando ele fala em transmitir o seu testemunho de vida:

[...] No meu caso, sou professor na área de ensino religioso, tenho que dar um testemunho de vida e, ao mesmo tempo, tenho que repassar também a teoria para que a pessoa possa praticá-la. O correio eletrônico tem me ajudado quando eu absorvo aquela mensagem, percebo que é importante para as pessoas e que também agora, através de mim, que já recebi do correio eletrônico, vão absorver, para que elas não caiam também nas superficialidades que a Sociedade ensina, não é? [...] (E6, 27 de agosto de 2008, fala 24).

Já E4, acredita que é um mero instrumento de Deus para enviar textos edificantes:

[...] Talvez eu seja apenas um mero instrumento que está querendo deixar alguma informação, em algum lugar, com alguém, que eu não sei quem é (E4, 12 de agosto de 2008, fala 24).

E8 acredita que as mensagens transformam as pessoas. Essa consciência e o desejo de agir denotam uma missão de vida:

[...] Então, isso, para mim é, além de ser uma coisa do bem, uma ferramenta também de trabalho que você vai estar transformando as outras pessoas. (E8, 3 de setembro de 2008, fala 24).

Para E1, a Mística está relacionada com a experiência interior de cada pessoa e ela vem à tona na conexão dos internautas através de mensagens de *e-mail*:

A experiência de Deus é muito pessoal. Não é uma coisa que vem de fora para dentro, mas de dentro para fora. Se a gente se conecta (via mensagens de *e-mail*) com pessoas que estão em sintonia conosco, com aquele mesmo pensamento, eu acho que isso só reforça e soma, essa energia. Não vamos falar de religião (E1, 16 de julho de 2008, fala 18).

É interessante observarmos que alguns têm opinião em comum quando se trata de quem envia as mensagens. Eles acreditam que são pessoas que vivenciam uma experiência mística:

[...] Então, eu acho que isso é um ministério (enviar mensagens por e-mails). Eu acredito que isso seja um ministério. Que Deus tenha colocado no seu coração e no coração de outras pessoas também. Não conheço quem também faz esse tipo de trabalho. Que realmente cuida das pessoas [...] (E8, 3 de setembro de 2008, fala 26).

E8 usa o termo ministério, que é próprio do discurso da Assembléia de Deus, para definir a experiência mística do emissor das mensagens.

[...] Em se tratando do correio eletrônico, eu acho que a gente já direciona, principalmente sabendo que traz mensagens existenciais, de sabedoria, de crescimento, sobre Deus, sobre Religião, sobre trabalho, sobre o ser humano, o sentido da vida, a razão de viver. Então, você já encontra, não é? Na

Internet, quando você abre a sua caixa, você já sabe que você vai encontrar algo para o seu crescimento. Então, é importante que as pessoas continuem porque também na *Internet*, também no correio eletrônico, nós encontramos muitas coisas que não prestam. [...] (E6, 27 de agosto de 2008, fala 30).

Já E6 deixa transparecer na fala “quando você abre a sua caixa, você já sabe que você vai encontrar algo para o seu crescimento.” que é importante saber do emissor da mensagem. Ele ainda acrescenta em outro trecho da entrevista que o internauta que envia essas mensagens é como se fosse um místico:

Ah, sim! É claro! Olha, quando você pega um jornal, sem citar nomes, e você abre e a turma até brinca: “Rapaz, cuidado quando você dobrar que pode pingar sangue.” Então, é porque a linha daquele jornal, daquele meio de comunicação, é talvez levar, transmitir a violência como meio das pessoas se sentirem bem com aquilo. Então, é a linha de trabalho daquele meio de comunicação. Que pode ser televisivo, pode ser escrito, jornalismo escrito e tal. A mesma coisa acontece, eu acho, com as pessoas que enviam a mensagem. A credibilidade de quem recebe está na credibilidade de quem manda. Então, eu dou crédito de que você está enviando pra mim algo para o meu crescimento. Então, é como se você estivesse lidando com o místico, fosse ao encontro de um místico, que passasse para você uma mensagem naquele momento que você está precisando de determinado assunto, determinada mensagem. Então, você sabe que aquela pessoa já passou por uma determinada situação e geralmente, aquilo que ela passou, ela tenta também passar para as outras pessoas como houve esta mudança na vida dela. Então, isto leva as outras pessoas perceberem que elas também podem mudar. Então, as mensagens que esta pessoa está enviando para mim é um meio pelo qual eu vou encontrar uma resposta àquilo que eu estou procurando. Então, é importantíssimo aquele que manda porque aquele que manda é também um modelo, um testemunho que está lá no outro lado. Mesmo sendo uma máquina que ele utiliza, mas esta máquina traz em si a espiritualidade do ser humano que digitou (E6, 27 de agosto de 2008, fala 32).

E5 fala em missa para definir o papel evangelizador das mensagens recebidas pelo correio eletrônico. A sua ânsia e curiosidade refletem a confiança de quem é o emissor:

Não, se manteve bem! Porque sempre tem coisa boa, não é? Tipo assim: “Que é que tem hoje?” Aquela curiosidade do que vem. É sempre, para mim, uma missa muito boa. Por exemplo, à noite, antes de dormir, eu gosto de ler um pouco. No máximo até quinze minutos, até onde o sono permite. Mas ler coisas assim, como uma mensagem de aspecto mais positivo, para adormecer com uma boa idéia, um bom sentimento, entendeu? Então, isso se mantém (E5, 13 de agosto de 2008, fala 32).

Em outros depoimentos, a experiência do Sagrado torna-se clara através dos sentimentos descritos pelos entrevistados. Segundo os depoimentos abaixo, as mensagens transmitem felicidade, consolação, alegria, satisfação, esperança:

[...] As vezes eu choro copiosamente, dependendo do meu estado de espírito. Outras vezes eu fico muito feliz. Realmente elas me ajudam (E3, 8 de agosto

de 2008, fala 02).

[...] Mas numa outra situação, de conflito ou preocupação muito grande, por exemplo, desperta na leitura a esperança. Parece que escreveram a mensagem para a gente! E ainda acha que leram seu pensamento e que sabiam o que você precisava ouvir. [...] (E3, 8 de agosto de 2008, fala 06).

As mensagens que eu recebo... eu também faço triagem... tem umas que me agradam muito. A maioria são mensagens de alta positividade e levanta sempre o astral do sujeito. Então, essas mensagens fazem muito bem ao espírito e essa é a razão: como eu me sinto assim, gostaria que alguém também se sentisse. Eu circulo, encaminho para que as outras pessoas experimentem aquela alegria, que eu não sei dar o nome, mas vamos chamar de alegria, aquela alegria interior, aquela leveza que ela traz pra você quando você lê, reflete e interioriza a mensagem que foi passada (E7, 28 de agosto de 2008, fala 02).

Acho que é de felicidade, concordância, que eu estou no caminho certo (risos), que eu posso ajudar alguém. Quando a gente ajuda, sente-se muito bem. Então, acho que é esse sentimento de satisfazer alguém (E1, 16 de julho de 2008, fala 08).

Ahh, um sentimento de alegria, é uma emoção muito forte, é um sentimento de felicidade, às vezes, por se sentir parte do Todo, se sentir parte do Universo, se sentir parte da presença do Divino. Isso, isso daí (E7, 28 de agosto de 2008, fala 06).

(silêncio) Como assim? A emoção, não é? Na hora, não é? [...] É, dependendo da mensagem no momento em que você recebe. Geralmente as mensagens trazem alegria e alívio para gente. Que a gente geralmente está querendo escutar certas coisas. E quando a gente lê... um alívio, uma felicidade as mensagens (E9, 16 de setembro de 2008, fala 15 e 17).

[...] Os sentimentos são vários: esperança, satisfação. Ao ler e refletir, também existe um sentimento de que você realmente vai ficar melhor. E que, de fato, melhora (E3, 8 de agosto de 2008, fala 06).

3.3.4 Visão transdisciplinar do diálogo inter-religioso

Para começarmos, alguns depoimentos retratam o compartilhamento de mensagens por pessoas de diferentes credos e religiões. E4, que é da religião espírita, começou a enviar mensagens a partir de pensamentos encontrados no *site* do Minuto de Sabedoria. Ele percebeu que as pessoas gostavam de receber essas frases curtas, independentemente das religiões que professavam:

[...] Existe o *site* do Minuto de Sabedoria¹⁶ que eu sempre consultava. Eu sempre que chegava lá, via uma mensagem interessante. A partir desse momento, eu comecei a fazer uso dessas mensagens do *site* Minuto de Sabedoria e criei um Minuto de Sabedoria também. Comecei a enviar as mensagens por *e-mail* e vi que elas eram muito bem aceitas pelas pessoas que recebiam (E4, 12 de agosto de 2008, fala 02).

Analisando discursivamente o trecho do depoimento do Católico E7, percebemos que ele constrói um discurso em que expõe uma outra formação discursiva, representada por uma mensagem recebida pelo correio eletrônico. Essa FD representa a materialidade ideológica do sujeito E7.

Eu já recebi uma uma mensagem, me parece que foi sua, falando sobre a dimensão do Universo, inteligência Cósmica, que nós somos filhos do Universo, irmãos do Sol, irmãos da Natureza, das árvores, das plantas, e isso me fez refletir muito e ampliar inclusive a a minha concepção de de... do Divino. Ele é muito mais amplo do que a gente imagina... não é? Essa essa esse e-mail me trouxe essa visão assim bem amplificada na cabeça. Que só quem sente é que sabe explicar é é é ou compreender (E7, 28 de agosto de 2008, fala 04).

No caso acima, E7 materializa a sua concepção ampla de Deus através de uma formação discursiva, que é uma tentativa de narrar uma mensagem recebida pelo e-mail. Essa visão desmistifica um deus, como um ser isolado e amplia a percepção para um Divino, como energia Cósmica. De certa forma, essa mensagem modificou a sua própria crença Católica, aproximando-o da visão oriental. Mais adiante, E7 também narra uma história de filosofia oriental:

Eu recebi uma mensagem¹⁷, outro dia, que eu achei muito interessante. É a questão dos contos que circulam. Então, o monge foi falar com seu mestre. Aí disse assim: “Olhe, eu estou muito preocupado. Eu não consigo memorizar a Bíblia. Eu já li várias vezes, mas esqueço. Não fica muita coisa.” E o seu mestre sabiamente disse assim pra ele: “Me dê aquele cesto!” E aí ele deu o cesto todo sujo e velho. Aí disse: “Vá pegar água nesse cesto!”, “Ele quer que eu morra! O cesto está perfurado!” Aí ele foi lá no poço, desceu, desceu... daí veio, veio, veio... quando chegou lá, disse: “Aqui não tem água!” “Mas não tem água? Mas o que você aprendeu?” “Eu aprendi que se colocar água no cesto, o cesto... a água não fica.” Ele, disse: “Então, vá pegar de novo!” Ele foi... olha! Vai, vem, vai... “Que você aprendeu?” “Eu aprendi...” Aí, na última, ele chegou e disse: “O que foi que você aprendeu?” Ele disse: “Eu observo que o cesto está limpo! Está totalmente limpo! Ele era muito sujo e ele tá limpo. Ele não reteve água mas ele está limpo.” Aí, ele disse: “Será que dá pra você entender? Você não vai reter tudo que está lá! Mas existe uma leveza espiritual no sujeito que faz as leituras, o sujeito que reflete.” Então há essa limpeza. Eu adorei ouvir! [...] Essa aí eu recebi da minha irmã, lá em Pesqueira, sabe? Tenho uma irmã que é muuuito Católica...! (E7, 28 de agosto de 2008, fala 08 e 12).

¹⁶ Nota do entrevistador: endereço <http://www.minutodesabedoria.com.br/>

¹⁷ Nota do entrevistador: mensagem de *power point* *O Cesto e a Água* (Cf. APÊNDICE K, no final deste livro).

Nesse caso, percebemos que o conto de que E7 fala, é uma formação discursiva de um outro que atravessa o seu discurso para relacionar o fato de que as leituras das mensagens que ele recebe por *e-mail* trazem uma “leveza espiritual”. Essa última é uma metáfora para traduzir o sentimento provocado pela leitura das mensagens positivas que circulam na *Internet*. Esse sentimento também está relacionado ao da leitura da Bíblia, contexto da sua FI Católica. É interessante também observarmos que no texto original da história, o trecho “Eu não consigo memorizar a Bíblia”, é na verdade “por que devemos ler e decorar a ‘Palavra Sagrada’ se nós não conseguimos memorizar tudo”. E7 utiliza a palavra “Bíblia” em vez de “Palavra Sagrada”, devido a sua formação ideológica cristã Católica. O seu discurso que está relacionado a uma FI Católica afeta a própria narrativa da história. No final do discurso, E7 continua a exteriorizar a sua visão Católica diferente da Instituição quando faz uma alusão ao catolicismo da sua irmã. A ênfase que dada ao adjetivo “muito” dá-nos uma idéia irônica que remete a um outro discurso, de forma implícita. É um dito que significa que o Catolicismo tradicional não faz mais parte da sua concepção religiosa. Isto reflete bem o jogo de sentidos entre o explícito e o implícito, que é típico da heterogeneidade mostrada não marcada. E7 reforça as suas convicções em outros trechos da entrevista:

Influenciam! Influenciam! A Católica é boa, a Protestante é boa, a Espírita é boa! Quem sou eu pra dizer que não é? Deus me livre! (risos) Todas são raios que chegam ao Sol! (E7, 28 de agosto de 2008, fala 19).

A questão Deus! Deus deixa de ser domínio de uma igreja. Ele passa a ser Universal. Todos têm acesso a Ele. Todos! (E7, 28 de agosto de 2008, fala 17).

Os trechos “Deus deixa de ser domínio de uma igreja” e “todos têm acesso a Ele. Todos!” remetem a uma crença pluralista religiosa. O termo “Todos!” reforça bem isto.

Nos trechos abaixo, a idéia pluralista religiosa está bem presente quando E8 deixa claro que os sentidos das mensagens conseguem penetrar nas mentes de qualquer pessoa, independentemente do credo religioso. Ele levanta também a questão do Sagrado como sentimento de união entre os internautas. Isso está de acordo com Basarab Nicolescu (2002) em seu diagrama da Abordagem Transdisciplinar da Natureza e do Conhecimento:

Sou da Assembléia de Deus! Sou Evangélico! Então essas mensagens são sempre bem-vindas. A mensagem está relacionada à questão do sagrado, não é? É o importante em relação da mensagem que vem, que eu costumo receber, eu tenho que ser um privilegiado, é que a mensagem consegue entrar em qualquer crédulo, inclusive nos descrentes. A leitura que eu faço é que essa mensagem consegue penetrar em qualquer pessoa independente de ela ser crente ou incrédula. Ela não está focada apenas na questão da fé (E8, 3 de setembro de 2008, fala 10).

Não diria da visão de Deus, mas que de certa forma ela nos faz refletir. Porque, eu como Evangélico, estou muito voltado a questão da igreja, não é? Mas ela nos faz refletir melhor. Fazer um contraponto e, de certa forma, vem em consonância com a própria palavra de Deus, que como sabes faz com que a gente possa ser melhor (E8, 3 de setembro de 2008, fala 12).

Podemos observar que o discurso de E8 tem a interdiscursividade sustentando a sua fala. E8 constrói o seu discurso utilizando-se de falas que não são próprias. Nos trechos da entrevista acima, as palavras “sou da Assembléia de Deus! Sou Evangélico!”, “em qualquer crédulo, inclusive nos descrentes.”, “sendo crente ou incrédula.”, “questão da fé”, “visão de Deus”, “eu como Evangélico, está muito voltado a questão da igreja”, “a própria palavra de Deus” são dizeres falados antes, em outro lugar que afetam o sentido que E8 dá ao discurso. Ele já possui uma memória discursiva que foi construída em parte pelo discurso dos pastores e fiéis da sua igreja. Isso prova que ele vivencia bem a sua religião Assembléia de Deus e tem uma FI Evangélica muito forte. Mas apesar disso, E8 mantém a sua pluralidade religiosa.

Houve uma mudança também em E2, que é Católico, ao receber mensagens relacionadas à filosofia das religiões orientais. Ele vislumbrou que as outras tradições religiosas são também importantes:

Sim! Eu posso mencionar a respeito das coisas mais místicas e orientais. Essas mensagens abrem os nossos horizontes nesse sentido. Eu saio um pouco do universo católico, só de igreja. Existem outras coisas mais. Sempre você manda mensagens em que há um sábio, não é? (risos) (E2, 16 de julho de 2008, fala 08).

Podemos analisar melhor essa mudança, verificando as formações discursivas que atravessam o seu discurso. Na fala acima, E2 utilizou-se das FDs “em relação a coisa mais mística”, “algumas coisas assim orientais” e “sempre tem uma mensagem com um sábio” para mencionar que mensagens dessa natureza despertam nele um sentimento de comunhão da sua Religião Católica com outras de filosofias orientais. Ele deixa claro isso nas verbalizações “Que têm também esse... né?“, “abre também um pouquinho a cabeça, eu acho nesse sentido”, “Têm essas outras” e “Ele não ser só aquela... sou católica, não ser só aquela coisa de igreja.”. Podemos observar também que esta última frase deixa clara uma mudança na sua formação ideológica Católica. O tom crítico no trecho “não ser só aquela coisa de igreja” faz referência ao Catolicismo tradicional exclusivista.

Já o Católico E6 explica detalhadamente em sua entrevista como a sua crença num diálogo fraterno entre as religiões é confirmada através de mensagens que possuem uma abertura para esse tema:

Veja bem, as mensagens, em se tratando de fé, de Deus, elas me favoreceram

à partir do momento em que essa questão plural das mensagens em relação a questão mística, a questão da espiritualidade, que não vêm só com o cunho Católico, mas que vêm com o cunho de abertura para o ser humano que se abre ao transcendente. Isso é importante para a gente. Porque quando você se prende apenas ao seu Deus, o Deus Católico, o Deus que você diz que é o Javé, o Deus que trouxe Jesus Cristo, então, você fica muito limitado. As mensagens que eu tenho recebido, têm tido, ao contrário, uma abertura, dentro de uma pluralidade e espiritualidade que me favorece. Porque à partir do momento que eu descubro como é que o outro também vê o seu Deus revelado para si, eu percebo que não é somente o meu Deus que eu devo acreditar. Existe um Deus único com vários nomes. E isso eu tenho feito o possível para colocar em prática. Eu acredito num Deus da vida. Aquele outro também acredita num Deus da vida. Se o meu Deus é o Javé, o dele é o Jeová ou Alá, o importante é saber que o Deus dele, que é o meu Deus, é o Deus que, para mim, coordena, fundou e criou o mundo, e hoje está fortalecendo o meu dia-a-dia. Então, as mensagens têm me favorecido, repito, diante dessa pluralidade de que é dado ao Deus de cada um (E6, 27 de agosto de 2008, fala 20).

Mais adiante, E6 acrescenta, em sua entrevista, que é bom que as pessoas de diferentes credos, tenham também essa abertura que ele tem:

Bom, ela influencia enquanto você... parte daquele conteúdo como crescimento pessoal, espiritual. A resposta à pergunta anterior, quando você não se prende apenas ao seu catolicismo. Faz dessas mensagens um crescimento espiritual. É a espiritualidade dinâmica da vida, que requer que você absorva também, aquilo que é de bom nas outras religiões. Então, as mensagens que eu tenho recebido, não é só da Católica. Eu recebo de várias espiritualidades. Respeito e, ao mesmo tempo, a gente percebe um conteúdo também que faz a minha própria fé Católica crescer. Isso é importante. Eu acho que tem pessoas, a gente respeita, cada um tem seu modo de ver, porque está falando que é Hare Crisna, porque está falando que é Adventista, Protestante, é capaz até nem de ler, não é? De excluir. Então, eu acho importante que a gente tenha esse espírito de abertura diante das mensagens e isto tem feito crescer a minha fé (E6, 27 de agosto de 2008, fala 22).

E5 que não tem uma religião formal descreve a sua crença em atitudes do dia-a-dia. Para ele, as mensagens estimulam a ação e esta é de certo modo a sua “religião”:

Eu tenho um bocado de religião. Não tenho uma religião formal. [...] Não! Eu acho que as mensagens, para mim, funcionam na coisa da atitude, vamos dizer, pessoal e social. Muitas delas são de relacionamentos, não é? Que fica muito a vista... Eu nunca me preocupei, não me liguei numa coisa da mensagem na relação de Deus e espiritual. Até porque a minha visão realmente é... eu acho que enquanto eu atendo o paciente, eu rezo. Enquanto eu faço o exercício, eu medito. Um dia desses eu estava dizendo ao pessoal: “Olhe, eu entro na capela, aqui... e digo: Olha, Deus, eu estou muito cansada, estou com sono. Vim dormir aqui.” Daqui a pouco: “Ó Deus, muito obrigada! Eu agora vou embora.” Então, para mim, foi a minha oração. Ali era o que eu podia, naquela hora. [...] No cotidiano (oração)! Então, quando, por exemplo: “Bom dia, para mim!”, essa é uma oração. Na verdade, rezar mesmo, eu rezo muito pouco (E5, 13 de agosto de 2008, fala 25, 27 e 29).

Uma outra idéia levantada nos depoimentos está relacionada ao Sagrado que acontece na interação entre o usuário da *Internet* e as mensagens que chegam pelo *e-mail*, nesse ponto X do secretamente terceiro incluído, conforme o Diagrama Transdisciplinar de Nicolescu (2002). Alguns depoimentos relatam esse encontro com o Sagrado:

[...] Na verdade, esse tipo de mensagem eu recebo quase que exclusivamente de você. Quando chegam parecem que são escolhidas a dedo. Eu sei que vai ser alguma coisa boa. Sempre elas vêm para ajudar. [...] Eu gosto muito das suas mensagens porque elas geralmente são breves. Uma coisinha com poucas palavras que dizem muito. Eu não sou de mandar *e-mails*! Raramente eu respondo e raramente me sento para escrever pra alguém. Mas eu me lembro que uma vez até te respondi. Você mandou uma mensagem assim... que no dia... putz! Valter, meu filho, essa chegou numa hora crucial! Eu precisava ouvir aquilo! Eu sei que são coisas que vêm com um propósito (E2, 16 de julho de 2008, fala 02).

[...] Vez por outra, quantas vezes eu fui ouvido, eu recebi essa mensagem, quando é aquilo realmente que eu estou precisando. Mensagem que traz uma palavra de conforto [...] (E8, 3 de setembro de 2008, fala 02).

Com certeza! Cada mensagem que eu leio, todo dia, dá uma sensação que, dependendo de como eu esteja espiritualmente, pode me aliviar de uma dor. Eu nunca fico triste ao ler uma mensagem. É sempre assim: ela parece que se encaixa exatamente no problema que eu estou vivenciando naquele dia. Eu já tive vários relatos das pessoas que eu envio mensagens, que elas ficam extremamente emocionadas porque simplesmente passam exatamente pela mesma situação: “- Foi exatamente... eu estava precisando exatamente daquela mensagem. E você me mandou.” Não sabem elas que eu mandei sem saber o que estava se passando com elas. Simplesmente mando as mensagens. Elas são selecionadas aleatoriamente. O conteúdo de uma mensagem atinge umas pessoas de uma forma e outras de outra. Algumas pessoas ficam extremamente sensibilizadas. Esse é o ponto mais importante de enviar uma mensagem [...] É difícil me lembrar! (E4, 12 de agosto de 2008, fala 04 e 06).

Não! Não me recordo, não! Porque eu acho... sabe! A minha maneira de ver o sagrado é meio... meio estranha. Por exemplo, naquele dia que eu percebi um... “E aí, vai desistir?”, pra mim aquilo ali era o sagrado. Era o sagrado me falando, puxando... pela mão, puxando pelos olhos, pela orelha. Eu não prec... não é... não é um sagrado de... oraaar, não sei de quê, e e... na vida... atribulada nem dá tempo muito de de rezar. Então aquilo dali, pra mim, era o sagrado. Então... não precisa mais outro, entendeu? (E5, 13 de agosto de 2008, fala 16).

Para o espírita E3, o Sagrado está presente em mensagens relacionadas à família:

Para mim é sempre do tipo família. Quando é alguma que fala de família, eu digo assim: - Meu Deus, isso aí é o esteio de tudo. Não interessa quem você é, onde você esteja, que grau de instrução você tem, a família é uma coisa muito importante. Então, todas as mensagens que eu recebo e que tem algo haver com a família: ou pai, mãe, relação de filho com mãe, com pai... tanto faz. Aí eu sempre lembro da família linda que Deus me deu. Apesar de não

tê-la como eu queria... hoje! Mais aí eu penso assim: - Meu Deus, Você existe! Olha aqui a prova! É isso aqui: essas pessoas apareceram na minha vida ou eu faço parte da vida dessas pessoas, justamente porque existe algum propósito que Deus tem pra todos eles. Porque eu acredito que a gente não se encontra por acaso. Nada de fato é por acaso. Fazemos as escolhas. E eu tenho a minha filosofia: eu posso nem ter a família que eu goste, mas eu tenho a família que eu preciso para crescer. Não apenas eu, mas eles também. Eu acho que a maior presença Dele é justamente na família. Porque hoje o mundo é o que é justamente porque ela está se desestruturando. A gente vê a falta de respeito em tudo: comportamento das pessoas, nas falas, nas atitudes. Quando a família não vai bem, tudo desanda. Eu acho que a maior prova da presença de Deus na vida da gente é justamente isso: é Ele fazer a gente precisar de uma família e a gente viver no meio dela (E3, 8 de agosto de 2008, fala 10).

Ao analisarmos discursivamente o conteúdo do texto do Católico E9, observamos um silêncio significativo no seu discurso. Ele deixa transparecer, em seu silêncio, a vivência do Sagrado:

Houve, naquela época que eu te conheci, há quatro anos atrás. Foram várias! Várias! Elas chegaram na hora... na hora certa. Agora não lembro direito. Mas principalmente essas de Deus. Elas chegaram na hora certa. E elas... assim... tocavam profundamente. Era impressionante! (silêncio) Agora não lembro assim... que faz tanto tempo, mas aquelas primeiras... meu Deus do céu! (silêncio) Lembra que eu mandava respostas para tu avisando? (E9, 16 de setembro de 2008, fala 19).

E9 tenta relatar os sentimentos que teve ao receber mensagens relacionadas a Deus. Em dois momentos da entrevista, ele faz uma longa pausa, logo após tentar descrever esses sentimentos. Interpretamos os dois silêncios como a falta de palavras para expressar os momentos vivenciados por E9. Então, no próprio silêncio, ele utiliza-se da sua memória para vivenciar os fatos em pensamentos. E9 ainda acrescenta em outra parte da entrevista:

Nada! Todo dia eu olho! É impressionante. Teve um dia que chegou na hora certa também. Ajudou mesmo! Oxê, chega, mostro a mainha: - Mainha, ó pra qui, as mensagens de Avellar, chega na hora certa. Continua a mesma coisa! [...]Enviadas por Deus mesmo! Eu acredito que elas são enviadas por Deus (E9, 16 de setembro de 2008, fala 36 e 38).

Outros depoimentos dos entrevistados indicam algumas mensagens que possibilitaram um encontro com o Sagrado. E6 relata duas mensagens que recebeu e que o fizera ter sentimentos de consolação e crescimento interior:

Olha, quando eu li aquelas mensagens do livro *Uma Lição... A Última Lição de Vida*. Se não me engano. [...] *A Última Grande Lição*¹⁸! Então foram os textos que me engrandeceram... [...] Do paciente terminal! [...] Então, foi um texto que até hoje eu tenho guardado e que de vez em quando eu releio, porque justamente faz parte do processo da nossa vida, não é? Os momentos

¹⁸ Nota do entrevistador: trechos do livro *A Última Grande Lição* (Cf. APÊNDICE L, no final deste livro).

que as pessoas passam e que a gente também pode passar e que ajudam também as outras pessoas. Inclusive, eu tive uma experiência em casa, não é? E a leitura daqueles textos me favoreceu muito também em me fortalecer e fortalecer, no caso, a minha esposa que também teve câncer. Foi muito importante, aquele texto lá, num momento em que eu estava também muito fragilizado. Eu tive, ao ler aquele texto, um pouco de sustento para poder também sentir-me forte e para fortalecer a minha esposa. [...] Estes textos que levam para uma profunda espiritualidade, de sentimentos profundos, do ser humano, existenciais, do sentido da vida [...] (E6, 27 de agosto de 2008, fala 04, 06, 08, 10 e 14).

Ah, bom! Eu não poderia apontar, agora, neste momento da entrevista. Se fosse procurar lá no correio eletrônico, eu encontraria talvez por título, não é? *Deus Existe*¹⁹, enfim... mas são muitas as mensagens que vieram dentro deste contexto do sagrado, do Deus que faz parte de nossa vida, de um Deus que me engrandece e que me faz viver melhor. Então, se for procurar os títulos, eu encontraria. Então, são muitos os títulos, não é? Mensagens que eu recebi dentro deste contexto que me favoreceram no meu crescimento também pessoal (E6, 27 de agosto de 2008, fala 18).

Já E9 recebeu um arquivo de *power point*, chamado de *A Imortalidade D'alma*:

[...] Essa aqui que você mandou agora, de Sócrates²⁰. Eu achei maravilhosa! Para se refletir, não é? Para não olhar a vida, só aquela parte material da vida. Quando a gente vem morrer... não morre! A alma continua. A gente tem tanto medo da morte. Essas coisas assim... também. Essa de Sócrates eu achei muito interessante. Fora outras... as de Deus [...] (E9, 16 de setembro de 2008, fala 08).

É importante observarmos que, ao serem questionados se as mensagens que recebem pelo correio eletrônico modificam a visão de Deus, apenas E7 disse em seu discurso (visto acima) que houve mudança, mas a maioria dos internautas entrevistados afirma que o conceito se mantém.:

Não! (E1, 16 de julho de 2008, fala 10).

Não! Da visão de Deus, não! O que eu tenho é mais a certeza da existência e da eficiência Dele. E da necessidade que a gente tem Dele (E3, 8 de agosto de 2008, fala 12).

Sou espírita! [...] Acredito que não! Como eu tenho muita fé em tudo que eu faço, coloco muito meu sentimento, então, no próprio sentimento que eu estou colocando, ali, vai Deus, entendeu? Tudo está dentro de mim e Deus que é essa força maior aí (E4, 12 de agosto de 2008, fala 16 e 18).

Não! Não! (E5, 13 de agosto de 2008, fala 21).

¹⁹ Nota do entrevistador: mensagem *Deus Existe* (Cf. APÊNDICE M, no final deste livro).

²⁰ Nota do entrevistador: mensagem de *power point A Imortalidade D'alma* (Cf. APÊNDICE N, no final deste livro).

(silêncio) Não, assim... o conceito é o mesmo, mas assim... elas fortaleciam muito no momento em que chegavam. Fortalecia muito o superar aquele momento difícil. Mas o conceito Dele continua o mesmo (E9, 16 de setembro de 2008, fala 22).

Também quando questionados se as mensagens influenciaram nas crenças de suas religiões, E2 e E7 passaram a ter uma visão pluralista religiosa (conforme foi visto em seus depoimentos acima), E5, E6 e E8 tinham, já, essa percepção integradora. Outros mantiveram a opinião de que não houve mudanças:

Elas reforçam e fortalecem a minha crença (E1, 16 de julho de 2008, fala 12).

Não! Na minha religião, não! [...] (E3, 8 de agosto de 2008, fala 14).

Não! Não! Certamente por ser espírita é que essas mensagens, para mim, têm outro valor. Eu acredito nisso, está entendendo? Outras pessoas que são mais materialistas, desdenham essas mensagens, certo? Elas desprezam-na, certo? Ou até soltam pileras. Eu já escutei muito (E4, 12 de agosto de 2008, fala 20).

Não! É a mesma. Só somaram mesmo no momento. Fortaleciam mesmo as palavras, mas a crença é a mesma (E9, 16 de setembro de 2008, fala 26).

Se vai modificar? Eu acredito que vem somar! Ela vem somar porque fala do bem, ela não traz palavras de ódio, ela só traz palavras de amor. Então, ela vem somar (E8, 3 de setembro de 2008, fala 14).

Em relação ao lado negativo, E3, em dois momentos da sua entrevista, levanta algumas questões, no fenômeno, quanto a esse aspecto:

Depende do dia e do estado de espírito! É como eu disse: as vezes a gente está triste e quando lê uma mensagem, ficamos mais tristes ainda (representação de tristeza). Parece que incorpora na gente. [...] (E3, 8 de agosto de 2008, fala 06).

Aqui, em seu relato, ele afirma que algumas mensagens provocam tristeza. Já no comentário abaixo, E3 nos conta que, em outras, ele discorda do sentido que o conteúdo traz. Acrescenta ainda que, mesmo assim, ele repassa essas mensagens com alguns comentários corretivos:

[...] Se bem que têm algumas que eu recebo e que até as repasso, embora eu não concorde com tudo que elas dizem. Mas vale a pena ser lidas. Eu sempre faço um comentáriozinho quando isso ocorre. Você sabe que as concepções religiosas variam. As vezes você discorda de alguma coisa, mas o texto em si, é tão bonito e significativo, que uma frase ou outra não vai tirar o mérito. Eu passo adiante! (E3, 8 de agosto de 2008, fala 14).

CONCLUSÃO

A *Internet* é um ambiente que veio para ficar e não um modismo. Seja pela forma do acesso, que é ágil e instantânea, seja pelo alcance mundial: as religiões sabem que esse meio tem um potencial grande como veículo divulgador da fé. A tendência do seu crescimento faz com que as Instituições Religiosas Formais invistam nesse ambiente de forma massiva. Por outro lado, o próprio indivíduo também faz uso desse meio de comunicação para propagar mensagens humanísticas e espirituais. Através dos diversos enfoques conceituais das ciências humanas e pela sua aplicação na análise dos depoimentos de participantes de uma experiência, buscamos evidenciar de forma mais clara alguns aspectos que envolvem esse fenômeno da religiosidade na *Internet*, através das mensagens de correio eletrônico.

Em algumas ocasiões, a questão da Mística pode estar presente, como foi o caso da entrevista em que se falou da importância do emissor da mensagem. Parece-nos que existem internautas considerados místicos pelos outros. E quando eles enviam mensagens de conteúdos espirituais, estas são mais bem aceitas e seus ensinamentos mais facilmente interiorizados pelo indivíduo. Alguns relatos também nos mostram que a experiência mística pessoal reflete no correio eletrônico. O indivíduo tem a sensação de que é um mero instrumento de uma força ou algo superior que o impele a enviar essas mensagens edificantes. O encontro com o Sagrado também pode acontecer na leitura de mensagens que vêm pelo *e-mail*, conforme verificamos em alguns depoimentos.

Em geral, as mensagens que circulam pelo correio eletrônico não modificam a visão de Deus do internauta e estes também não abandonam a religião que professam. As mensagens podem preencher algumas lacunas deixadas pela Instituição. É um novo movimento religioso no sentido de que, se a religião não está suprimindo todas as suas necessidades espirituais, o indivíduo precisa de outros meios como esses tipos de *e-mail*.

Nesse “complemento” que as mensagens proporcionam, existe o fato de que o usuário da *Internet* está inclinado a ter uma visão integradora das religiões. Ele não se importa com as diferenças sociais e religiosas quando participa dessa interatividade pelo *e-mail*. Por quase não haver conteúdo dogmático Institucional, a mensagem, em si, é, mais facilmente aceita, com menos resistências, propiciando uma comunhão de pensamentos em rede. Nesse nível de encontro do Sagrado ou de sentido de vida, comum aos seguidores das mais diversas religiões e correntes filosóficas que acessam a *Internet*, é possível estabelecermos um diálogo através de mensagens. Um entendimento universal da dimensão espiritual e humana inerente

a todos os seres humanos.

Por outro lado, esse fenômeno reforça a crença do internauta na sua religião. É um fato positivo para as Instituições Religiosas Formais. O sentido descoberto na compreensão dos conteúdos que vem do *e-mail*, muitas vezes está relacionado à formação ideológica ou religiosa do internauta. Isso se tornou evidente quando, nos depoimentos, havia referência de que as mensagens reforçavam as crenças dos entrevistados. Esse entendimento pode ser resumido com o pensamento de Ezra Pound: “os homens só podem compreender um livro profundo, depois de terem vivido pelo menos, uma parte daquilo que ele contém” (ENTRELINHAS..., 2009).

No fenômeno do correio eletrônico, das mensagens positivas, pessoas comungam de experiências semelhantes. A sociedade está se articulando em rede nesse sentido. Mas a Inteligência Coletiva para se concretizar, em tempo real e em grande escala, necessitará de infra-estrutura técnica, operacionalidade e disponibilidade, a baixo custo. Ainda é um longo caminho a percorrer. Ainda estamos nos primórdios de um Intelectual Coletivo dos saberes da existência humana, sem coordenação, mas já atuante. No futuro, todos terão acesso à *Internet*, como se tem hoje à televisão e ao telefone, mas não temos como antever, ainda, se as previsões de Pierre Lévy se realizarão.

Numa sociedade individualista, as mensagens podem despertar Valores que dêem novo significado de vida. A frequência, “em doses homeopáticas”, com que as mensagens chegam às caixas postais eletrônicas pode fazer com que em uma dada situação algumas delas possam provocar efeitos terapêuticos. A partir dessa pesquisa, evidenciamos que a *Internet* e as mensagens relacionadas ao sentido da vida tornam-se juntas uma importante ferramenta para o encontro do indivíduo com seu próprio eu e a humanidade. Esse recurso se encontra à disposição dos logoterapeutas. É um potencial a ser explorado que pode abrir uma nova possibilidade, algo, quem sabe, chamado de Net-Logoterapia ou Logoterapia na Internet.

Nas entrevistas pudemos perceber que mesmo essas pessoas que gostam de estar envolvidas com a emissão e recepção de mensagens positivas, podem ter opinião negativa sobre a leitura de um determinado texto. Existe o perigo de algumas dessas mensagens, vindas do *e-mail*, serem absorvidas de modo diferente dos objetivos delas, devido ao estado de espírito da pessoa, podendo levá-la a uma interpretação negativa da realidade. Dependendo do dia, elas provocam desconforto subjetivo, como a tristeza. Mas apesar disso, não devemos condenar todo o processo analisado por causa desse risco mínimo. No dia-a-dia, palavras ditas ou até mesmo atitudes presenciadas podem animar ou desanimar o espírito do indivíduo. Viver sempre está sujeito a essas possíveis oscilações de espírito provocadas pela

interpretação que damos à realidade. Por outro lado, esse sentimento negativo pode também ser benéfico. Ele provoca um despertar, um alerta para prestar atenção sobre o que está sendo feito em uma determinada situação vivenciada.

Outros aspectos negativos foram também levantados nas entrevistas. Houve a crítica do tempo limitado para se poder ler todo o material recebido pelo *e-mail*. As mensagens tipo corrente sofrem resistência também por conta disso. Além de não agradarem, ajudam a aumentar o volume de *e-mail* na caixa postal. Algumas mensagens são longas demais e nem sempre há tempo para as lermos com profundidade, como é o caso dos arquivos anexados de *power point*. Outras chegam ao correio eletrônico e não agradam ou provocam discordâncias do sentido que os conteúdos trazem. Mas na opinião dos internautas, isso faz parte do dia-a-dia de quem participa do fenômeno. Por fim, alertou-se para os limites do relacionamento humano exclusivamente pela *Internet*. É necessário que os indivíduos tenham o contato pessoal.

De uma forma geral, no estudo apresentado desse fenômeno religioso na *Internet*, houve uma evidência de melhora no bem estar das pessoas que estão envolvidas. Isso pode estimular a iniciativa de projetos no ambiente da *Internet* para que haja uma maior divulgação dessas mensagens humanísticas e espirituais.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Péricles Morais de. Ciberespaços sagrados: as capelas virtuais no catolicismo contemporâneo. **Revista do Programa de Pós-Graduação da UFPE**. Recife, v. 13, n.1, p.175-194, 2007.
- AQUINO, Thiago A. de Avellar. **Uma proposta de prevenção do vazio existencial**. João Pessoa: [s.d.]. (mimeografado).
- ARAGÃO, G. **Lógica e diálogo inter-religioso**. Banco de dados. Disponível na Internet. www.unicap.br/teologia/Gil21.htm . Acesso em: 11 de junho de 2008.
- ARRAIS, Daniela. Em nome de Deus, Buda, Alá... **Folha de São Paulo**. São Paulo, 20 de dez. 2006. Caderno de Informática.
- AMOR em Cristo. Banco de dados. Disponível na Internet. www.amoremcristo.com. Acesso em: 22 de agosto de 2007.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 8. ed. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BECK, Maurício. Heterogeneidades: efeitos políticos de uma apropriação teórica. *In*. **Anais da 1ª Jornada Internacional do Discurso**. Maringá: Departamento de Letras Ed., 2008. p. 463-470.
- BERNI, L. E. V. O Vortex sagrado – profano, uma zona de não-resistência entre níveis de realidade. *In*. VVAA. **Educação e transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 2005. vol. III.
- BLOGS*. Banco de dados. Disponível na Internet. <http://www.yahwebsolution.com.br/content/view/7/150/>. Acesso em: 21 de agosto de 2007.
- BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. (Coleção Arco do Tempo).
- _____. **Depois de 500 anos: que Brasil queremos?**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. **Ética e moral: a busca dos fundamentos**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. (Coleção Auto-estima).
- _____. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BOGAZ, Antônio; COUTO, Márcio A. (Orgs). **www.deus.com: desafios da teologia num mundo virtual ‘e o Logos se fez site?’**. São Paulo: Loyola, 2004.

BOGO, Kellen Cristina. **A história da Internet** - como tudo começou. Banco de dados. Disponível na Internet. <http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=11&rv=Vivencia>. Acesso em: 18 de maio de 2009.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 8. ed. Campinas: Unicamp, 2002.

BUDISMO primordial. Banco de dados. Disponível na Internet. <http://www.budismo.com.br/>. Acesso em: 05 de maio de 2009.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. Entre a História e as Ciências da Religião: questões teórico-metodológicas sobre o trabalho com depoimentos orais. **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**. Recife, v. 4, 2005.

CAMINHOS da Luz. Banco de dados. Disponível na Internet. <http://www.caminhosluz.com.br/>. Acesso em: 21 de agosto de 2007.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Entre sincretismos e “guerras santas”**: uma tentativa de tipologia das relações travadas no cenário religioso brasileiro. *In*: Seminário Temático Religiões no Brasil. Recife: UNICAP, 2007a. (Palestra).

_____. A realidade das religiões no Brasil no censo do IBGE – 2000. *In*: **Seminário Temático Religiões no Brasil**. Recife: UNICAP, 2007b. (Palestra).

_____. As muitas faces e devoções: das romarias e santuários ao “turismo”, marketing religioso e altares virtuais. *In*: **Seminário Temático Religiões no Brasil**. Recife: UNICAP, 2007c. (Palestra).

CANÇÃO Nova. Banco de dados. Disponível na Internet. www.cancaonova.com. Acesso em: 23 de agosto de 2007.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. **Revista Texto & Contexto-Enfermagem**. Florianópolis: 2006. (v. 15, n. 4, out-dez).

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (Coleção A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura).

CATOLICANET. Banco de dados. Disponível na Internet. <http://www.catolicanet.com/>. Acesso em: 22 de agosto de 2007.

CENTRO de Estudos das Tradições de Sabedoria. Banco de dados. Disponível na Internet. <http://cronicap.blogspot.com/2009/07/centro-de-estudos-das-tradicoes-de.html>. Acesso em: 30 de julho de 2009.

CÍRCULO Carmesim. Banco de dados. Disponível na Internet. www.novasenergias.net/circulocarmesim/home.htm. Acesso em: 19 de agosto de 2007.

COMITÊ gestor da Internet no Brasil. **Perfil do internauta e atividades realizadas**. Banco de dados. Disponível na Internet. <http://www.cetic.br/usuarios/ibope/tab02-05.htm>. Acesso

em: 26 de maio de 2009.

COMUNICAÇÃO ciberespacial. Banco de dados. Disponível na Internet.
http://pt.wikipedia.org/wiki/Comunicação_Ciberespacial. Acesso em: 15 de outubro de 2006.

DAUS blog. Banco de dados. Disponível na Internet.
<http://dausblog.blogspot.com/2007/08/neuron.html>. Acesso em: 22 de julho de 2009.

ENTRELINHAS livros e literatura numa única página. Banco de dados. Disponível na Internet. <http://www.entrelinhas.info/citacoes-sobre-livros-e-leitura/>. Acesso em: 31 de julho de 2009.

ESCUTE espiritualidade cristã integral. Banco de dados. Disponível na Internet.
<http://crunicap.blogspot.com/2009/06/escute-espiritualidade-crista-integral.html>. Acesso em: 30 de julho de 2009.

ESTERBAUER, Reinhold. Deus no ciberespaço - sobre os aspectos religiosos dos novos meios. In. VVAA. **Cibernética: responsabilidade em um mundo interligado pela rede digital**. São Paulo: Loyola, 2001.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2007. (Série Pesquisa; v. 6).

FRANKL, Viktor Emil. **A presença ignorada de Deus**. 7. ed. rev. São Leopoldo: Editora Sinodal, Petrópolis: Vozes, 2003. (Coleção Logoterapia, n. 4).

_____. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 3. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, Petrópolis: Vozes, 1993. (Coleção Logoterapia, n. 3).

_____. **Dar sentido à vida: a logoterapia de Frankl**. 2. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, Petrópolis: Vozes, 1992. (Coleção Logoterapia, n. 5).

FRATERNIDADE Mestre Jesus. Banco de dados. Disponível na Internet.
http://www.fraternidademestresjesus.org/capela_santissimo.html. Acesso em: 24 de agosto de 2007.

GALENO, Renato. Brasileira 'derruba' governo Prodi: poema atribuído a Neruda e lido por traidor de *premier* é de Martha Medeiros. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 2008. p. 35.

GIRAS de Umbanda. Banco de dados. Disponível na Internet.
<http://www.girasdeumbanda.com.br/>. Acesso em: 12 de maio de 2009.

GUERRIERO Silas. **A diversidade religiosa no Brasil: a nebulosa do esoterismo e da Nova Era**. Banco de dados. Disponível na Internet.
<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio03/a-diversidade-religiosa-no-brasil-a-nebulosa-do-esoterismo-e-da-nova-era/>. Acesso em: 19 de maio de 2009.

IGREJA Universal do Reino de Deus. Banco de dados. Disponível na Internet.
<http://www.igrejauniversal.org.br/>. Acesso em: 25 de agosto de 2007.

JOSAPHAT, Carlos. **Ética e mídia**. São Paulo: Paulinas, 2006.

KRYON. Banco de dados. Disponível na Internet. <http://www.kryon.cjb.net/>. Acesso em: 24 de agosto de 2007.

LEITE, Nina Virgínia de Araújo. **Psicanálise e análise do discurso: o acontecimento na estrutura**. Rio de Janeiro: Editora Campo Matêmico, 1994.

LEITE, Pedro Dias. Terapia pelos livros. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 28 de setembro de 2008. Caderno Mais.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. Emergência do *cyberespace* e as mutações culturais. In: **Festival de Arte e Cultura promovido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre**. 1994. (Palestra).

LUKAS, Elisabeth. **Psicologia espiritual: fontes de uma vida plena de sentido**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

MALAGRINO, Cláudio. Um pouco da história da Internet. In: **Online Magazine**. Banco de dados. Disponível na Internet. <http://www.malagrino.com.br/online/olminter.html>. Acesso em: 23 de maio de 2009.

MALDONADO, Simone Carneiro; VIEIRA, D. A. Num ninho de PPS: mais sociabilidade na Internet. In: VVAA. **Mídias e culturalidades: análises de produtos, fazeres e interações**. João Pessoa: UFPB, 2007.

MARSHALL McLuhan. Banco de dados. Disponível na Internet. http://pt.wikipedia.org/wiki/Marshall_McLuhan. Acesso em: 23 de julho de 2009.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna**. São Paulo: Paulinas, 1995.

MELLO, Anthony. **O enigma do iluminado**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000. v. 2.

MINAYO, Maria C. de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

_____. Moigne, Jean-Louis. **A inteligência da complexidade**. 2. ed. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2000. (Série Nova Consciência).

MÜLLER, Wunibald. **Deixar-se tocar pelo sagrado**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MUNDO Islâmico. Banco de dados. Disponível na Internet. <http://www.islamica.cjb.net/>. Acesso em: 15 de maio de 2009.

NICOLESCU, Basarab. Fundamentos metodológicos para o estudo transcultural e transreligioso, *In*. VVAA. **Educação e transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 2002.

NOVENA, Nadia Patrícia. Pesquisando as narrativas da sexualidade na organização escolar: formulação do problema e adequação dos procedimentos metodológicos na pesquisa qualitativa. *In*. VVAA. **Pesquisas qualitativas nas ciências sociais e na educação**: propostas de análises do discurso. João Pessoa: UFPB, 2008.

O MENSAGEIRO. Banco de dados. Disponível na Internet. <http://www.omensagemiro.com.br/>. Acesso em: 22 de agosto de 2007.

ORIXÉ. Banco de dados. Disponível na Internet. <http://www.oriaxe.com.br/>. Acesso em: 23 de agosto de 2007.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**. Petrópolis: Ed. 70, 1992. (Coleção Perspectivas do Homem).

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas (1983). *In*. VVAA. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1997.

PINTOS, Claudio García. **A logoterapia em contos**: o livro como recurso terapêutico. São Paulo: Paulus, 1999.

PODCAST. Banco de dados. Disponível na Internet. http://radio.musica.uol.com.br/podcast/o_que_e.jhtm. Acesso em: 22 de agosto de 2007.

PODCASTONE. Banco de dados. Disponível na Internet. www.podcast1.com.br. Acesso em: 24 de agosto de 2007.

SECOND Life do Brasil. Banco de dados. Disponível na Internet. www.secondlifebrasil.com.br. Acesso em: 24 de agosto de 2007.

SELL, Carlos Eduardo; BRÜSEKE, Franz Josef. **Mística e sociedade**. Itajaí: Univali, São Paulo: Paulinas, 2006.

SHINYASHIKI, Roberto. **O sucesso é ser feliz**. 83 ed. São Paulo: Gente, 1997.

SOCIEDADE Internacional Gita do Brasil. Banco de dados. Disponível na Internet. <http://www.gita.ddns.com.br/hinduismo/hindu.php>. Acesso em: 29 de maio de 2009.

SORRIA. Banco de dados. Disponível na Internet. <http://www.sorria.com.br/>. Acesso em: 24 de maio de 2009.

TFOUNI, Fabio Elias Verdiani. O interdiscurso como fundador do discurso. **Letras & Letras**. Uberlândia, jan-jun, 2006.

UCHOA, Pablo. Internautas nos EUA criam *GodTube*, o 'YouTube cristão'. **BBC Brasil**. Banco de dados. Disponível na Internet. http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/05/070502_godtube_pu.shtml. Acesso em: 22 de agosto de 2007.

UNIÃO Israelita de Porto Alegre. Banco de dados. Disponível na Internet. <http://www.uniaoisraelita.com.br/>. Acesso em: 20 de agosto de 2007.

VIDA.NET. Banco de dados. Disponível na Internet. <http://www.vidanet.org.br/>. Acesso em: 29 de maio de 2009.

YOUTUBE. Banco de dados. Disponível na Internet. www.youtube.com. Acesso em: 19 de agosto de 2007a.

_____. Banco de dados. Disponível na Internet. <http://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube>. Acesso em: 19 de agosto/2007b.

ZEVALLOS, Ruben. **A história da Internet**. Banco de dados. Disponível na Internet. <http://www.artigonal.com/tec-de-informacao-artigos/a-historia-da-internet-737117.html>. Acesso em: 27 de maio de 2009.

APÊNDICE A

MORRE LENTAMENTE

(Martha Medeiros)

Morre lentamente quem se transforma em escravo do hábito,
repetindo todos os dias os mesmos trajetos,
quem não muda de marca,
não arrisca vestir uma cor nova
e não fala com quem não conhece.

Morre lentamente quem faz
da televisão o seu guru.

Morre lentamente quem evita uma paixão,
quem prefere o escuro ao invés do claro e
os pingos nos "is" a um redemoinho de emoções, exatamente a que
resgata
o brilho nos olhos,
o sorriso nos lábios e
coração aos tropeços.

Morre lentamente quem
não vira a mesa quando está infeliz no trabalho,
quem não arrisca o certo
pelo incerto,
para ir atrás de um sonho.

Morre lentamente quem
não se permite,
pelo menos uma vez na vida, ouvir conselhos sensatos.

Morre lentamente quem
não viaja,
não lê,
quem não ouve música,
quem não encontra graça
em si mesmo.

Morre lentamente quem
passa os dias queixando-se da sua má sorte,
ou da chuva incessante.

Morre lentamente quem
destrói seu amor próprio,
quem não se deixa ajudar.

Morre lentamente quem abandona um projeto antes de iniciá-lo,
nunca pergunta sobre um assunto que desconhece
e nem responde quando lhe perguntam sobre algo que sabe.

Evitemos a morte em suaves porções,
recordando sempre que
estar vivo exige um esforço muito maior que o simples
ar que respiramos.

Somente com infinita paciência conseguiremos a verdadeira felicidade.

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO

DADOS PESSOAIS

1. Sexo

Masculino Feminino

2. Idade

Menos de 18 anos Entre 18 e 30 anos Entre 31 e 40 anos
 Entre 41 e 50 anos Entre 51 e 60 anos Mais de 60 anos

3. Nível de Instrução

1º grau 2º grau/técnico graduação especialização
 mestrado doutorado pós-doutorado

4. Profissão

(especificar): _____

5. Religião

cristão judeu espírita budista hindu
 adepto de religião afro-brasileira ateu sem religião
 vivencia uma espiritualidade sem vínculo a uma Instituição Religiosa

outro (especificar): _____

SOBRE O FENÔMENO DAS MENSAGENS POSITIVAS QUE CIRCULAM ATRAVÉS DOS E-MAILS

6. Qual é a frequência diária de acesso à *Internet*?

menos de 1 hora entre 1 a 2 horas entre 2 a 3 horas
 entre 3 a 4 horas mais de 4 horas

7. Quanto tempo participa desse fenômeno de recepção e/ou emissão de mensagens?

menos de 6 meses entre 6 a 12 meses entre 1 a 2 anos
 entre 2 a 3 anos entre 3 a 4 anos mais de 4 anos

PARA QUEM RECEBE AS MENSAGENS POSITIVAS PELO E-MAIL

8. Assunto(s) mais apreciado(s) nas mensagens: (pode ser mais de um)

amizade família mulher relacionamento
 Deus fé místico/zen vida interior
 religiosa ligada à instituição sabedoria sentimentos
 otimismo atitude positiva
 valores positivos sociedade trabalho

outros (especificar): _____

9. Estilo(s) mais apreciado(s) nas mensagens: (pode ser mais de um)

- artigos contos, parábolas e fábulas crônicas
 textos filosóficos música pensamentos
 trechos de livros poesias e prosas

outros (especificar): _____

**10. Tipo(s) de arquivo(s) anexado(s) mais apreciado(s) nas mensagens:
(pode ser mais de um)**

- power point* *word* fotos vídeos
 sem arquivo anexado - apenas texto

outros (especificar): _____

11. Que frequência gostaria de receber as mensagens?

- uma por dia duas por dia mais de duas por dia
 dias alternados três por semana

outro (especificar): _____

PARA QUEM ENVIA AS MENSAGENS POSITIVAS PELO E-MAIL

12. Para quantas pessoas você envia as mensagens?

- menos de 10 entre 10 a 20 entre 21 a 30 entre 31 e 40
 entre 41 a 50 entre 51 a 60 entre 61 a 70 mais de 70

13. Para quem você envia as mensagens? (pode ser mais de um)

- amigos parentes conhecidos colegas de trabalho
 colegas de sala de aula pessoas com quem interage no dia-a-dia

outros (especificar): _____

14. Fonte(s) das mensagens que são enviadas: (pode ser mais de um)

- próprio correio eletrônico sites da *Internet* livros
 jornais cartazes revistas
 palavras ditas na TV, cinema, rádio, em conversas, etc...

outros (especificar): _____

15. Outros recursos na *Internet*, além do *e-mail*, em que as mensagens são utilizadas: (pode ser mais de um)

- sites *Orkut* Comunidades Virtuais
 Fórum de Discussões Salas de conversas (*MSN* e outros)
 YouTube

outros (especificar): _____

16. Outros ambientes, além da *Internet*, em que as mensagens são utilizadas:

(pode ser mais de um)

- sala de aula sessão de terapia dinâmicas de grupo
 publicação (livro, revista, etc...) mídia (tv, rádio, jornal, etc...)

outros (especificar): _____

APÊNDICE C

Caros amigos internautas,

Segue um questionário para vocês responderem com a intenção de ajudar na minha pesquisa de dissertação de mestrado. Eu estudo esse fenômeno que todos nós vivenciamos: as mensagens relacionadas à atitude positiva, valores positivos, otimismo, sabedoria, espiritualidade e sentido de vida que circulam na Internet através dos e-mails. As informações coletadas de vocês serão para efeitos estatísticos, havendo o sigilo dos seus nomes.

INFORMAÇÕES SOBRE O QUESTIONÁRIO

- 1-) O questionário possui 16 questões divididos em 4 tópicos: dados pessoais, o fenômeno em si, para quem recebe as mensagens e para quem envia as mensagens.
- 2-) Quando houver no enunciado a frase "pode ser mais de um" entre parênteses, significa que pode selecionar mais de uma opção.
- 3-) Algumas questões de múltipla escolha, possuem uma alternativa (identificada com a palavra "outros" ou "outro") de você especificar outra(s) opção(ões) que se enquadre no seu perfil e que não foi/foram oferecida(s).
- 4-) Quando não quiser responder alguma questão ou você não se enquadrar nela (no caso das questões do tópico para quem envia as mensagens, por exemplo), deixar em branco.

INSTRUÇÕES SOBRE O ARQUIVO ANEXADO

- 1-) Salvar o arquivo word em anexo (questionário.doc) no seu computador;
- 2-) Abrir e responder marcando um "X" ou digitando alguma palavra, conforme a proposta da questão;
- 3-) Salvar as alterações feitas;
- 4-) Responder esse e-mail, anexando o arquivo questionário.doc alterado no seu computador.

Fico à disposição para quaisquer dúvidas.

Conto com a colaboração de vocês!

Atenciosamente,

Valter Avellar

APÊNDICE D

O GARI DA USP

Psicólogo varreu as ruas da USP para concluir sua tese de mestrado da "invisibilidade pública".

"Fingi ser gari por 8 anos e vivi como um ser invisível"

Ele comprovou que, em geral, as pessoas enxergam apenas a função social do outro. Quem não está bem posicionado sob esse critério, vira mera sombra social. O psicólogo social Fernando Braga da Costa vestiu uniforme e trabalhou oito anos como gari, varrendo ruas da Universidade de São Paulo. Ali, constatou que, ao olhar da maioria, os trabalhadores braçais são "seres invisíveis, sem nome". Em sua tese de mestrado, pela USP, conseguiu comprovar a existência da "invisibilidade pública", ou seja, uma percepção humana totalmente prejudicada e condicionada à divisão social do trabalho, onde enxerga-se somente a função e não a pessoa. Braga trabalhava apenas meio período como gari, não recebia o salário de R\$ 400 como os colegas de vassoura, mas garante que teve a maior lição de sua vida:

"Descobri que um simples bom dia, que nunca recebi como gari, pode significar um sopro de vida, um sinal da própria existência", explica o pesquisador.

O psicólogo sentiu na pele o que é ser tratado como um objeto e não como um ser humano.

"Professores que me abraçavam nos corredores da USP passavam por mim, não me reconheciam por causa do uniforme. Às vezes, esbarravam no meu ombro e, sem ao menos pedir desculpas, seguiam me ignorando, como se tivessem encostado em um poste, ou em um orelhão", diz.

Apesar do castigo do sol forte, do trabalho pesado e das humilhações diárias, segundo o psicólogo, são acolhedores com quem os enxerga.. E encontram no silêncio a defesa contra quem os ignora. Como é que você teve essa idéia?

Fernando Braga da Costa:

"Meu orientador desde a graduação, o professor José Moura Gonçalves Filho, sugeriu aos alunos, como uma das provas de avaliação, que a gente se engajasse numa tarefa proletária. Uma forma de atividade profissional que não exigisse qualificação técnica nem acadêmica. Então, basicamente, profissões das classes pobres."

Com que objetivo?

"A função do meu mestrado era compreender e analisar a condição de trabalho deles (os garis), e a maneira como eles estão inseridos na cena pública. Ou seja, estudar a condição moral e psicológica a qual eles estão sujeitos dentro da sociedade. Outro nível de investigação, que vai ser priorizado agora no doutorado, é analisar e verificar as barreiras e as aberturas que se operam no encontro do psicólogo social com os garis."

Que barreiras são essas, que aberturas são essas, e como se dá a aproximação? Quando você começou a trabalhar, os garis notaram que se tratava de um estudante fazendo pesquisa?

"Eu vesti um uniforme que era todo vermelho, boné, camisa e tal. Chegando lá eu tinha a expectativa de me apresentar como novo funcionário, recém-contratado pela USP pra varrer rua com eles. Mas, os garis sacaram logo, entretanto nada me disseram. Existe uma coisa típica dos garis: são pessoas vindas do Nordeste, negros ou mulatos em geral. Eu sou branquelo, mas isso talvez não seja o diferencial, porque muitos garis ali são brancos também. Você tem uma série de fatores que são ainda mais determinantes, como a maneira de falarmos, o modo de a gente olhar ou de posicionar o nosso corpo, a maneira como gesticulamos. Os garis conseguem definir essas diferenças com algumas frases que são simplesmente formidáveis."

Dê um exemplo?

"Nós estávamos varrendo e, em determinado momento, comecei a papear com um dos garis. De repente, ele viu um sujeito de 35 ou 40 anos de idade, subindo a rua a pé, muito bem arrumado, com uma pastinha de couro na mão. O sujeito passou pela gente e não nos cumprimentou, o que é comum nessas situações. O gari, sem se referir claramente ao homem que acabara de passar, virou-se pra mim e começou a falar: 'É Fernando, quando o sujeito vem andando você logo sabe se o cabra é do dinheiro ou não. Porque peão anda macio, quase não faz barulho. Já o pessoal da outra classe você só ouve o toc-toc dos passos. E quando a gente está esperando o trem logo percebe também: o peão fica todo encolhidinho olhando pra baixo. Eles não. Ficam com olhar só por cima de toda a peãozada, segurando a pastinha na mão."

Quanto tempo depois eles falaram sobre essa percepção de que você era diferente?

"Isso não precisou nem ser comentado, porque os fatos no primeiro dia de trabalho já deixaram muito claro que eles sabiam que eu não era um gari. Fui tratado de uma forma completamente diferente. Os garis são carregados na caçamba da caminhonete junto com as ferramentas. É como se eles fossem ferramentas também. Eles não deixaram eu viajar na caçamba, quiseram que eu fosse na cabine. Tive de insistir muito para poder viajar com eles na caçamba. Chegando no lugar de trabalho, continuaram me tratando diferente. As vassouras eram todas muito velhas. A única vassoura nova já estava reservada para mim. Não me deixaram usar a pá e a enxada, porque era um serviço mais pesado. Eles fizeram questão de que eu trabalhasse só com a vassoura e, mesmo assim, num lugar mais limpinho, e isso tudo foi dando a dimensão de que os garis sabiam que eu não tinha a mesma origem socioeconômica deles."

Quer dizer que eles se diminuíram com a sua presença?

"Não foi uma questão de se menosprezar, mas sim de me proteger."

Eles testaram você?

"No primeiro dia de trabalho paramos pro café. Eles colocaram uma garrafa térmica sobre uma plataforma de concreto. Só que não tinha caneca. Havia um clima estranho no ar, eu era um sujeito vindo de outra classe, varrendo rua com eles. Os garis mal conversavam comigo, alguns se aproximavam para ensinar o serviço. Um deles foi até o latão de lixo pegou duas

latinhas de refrigerante cortou as latinhas pela metade e serviu o café ali, na latinha suja e grudenta. E como a gente estava num grupo grande, esperei que eles se servissem primeiro. Eu nunca apreciei o sabor do café. Mas, intuitivamente, senti que deveria tomá-lo, e claro, não livre de sensações ruins. Afinal, o cara tirou as latinhas de refrigerante de dentro de uma lixeira, que tem sujeira, tem formiga, tem barata, tem de tudo. No momento em que empunhei a caneca improvisada, parece que todo mundo parou para assistir à cena, como se perguntasse: 'E aí, o jovem rico vai se sujeitar a beber nessa caneca?' E eu bebi. Imediatamente a ansiedade parece que evaporou. Eles passaram a conversar comigo, a contar piada, brincar. Essa experiência me deixou curado da minha doença burguesa.

O que você sentiu na pele, trabalhando como gari?

"Uma vez, um dos garis me convidou pra almoçar no bandejão central. Aí eu entrei no Instituto de Psicologia para pegar dinheiro, passei pelo andar térreo, subi escada, passei pelo segundo andar, passei na biblioteca, desci a escada, passei em frente ao centro acadêmico, passei em frente a lanchonete, tinha muita gente conhecida. Eu fiz todo esse trajeto e ninguém em absoluto me viu. Eu tive uma sensação muito ruim. O meu corpo tremia como se eu não o dominasse, uma angustia, e a tampa da cabeça era como se ardesse, como se eu tivesse sido sugado. Fui almoçar não senti o gosto da comida voltei para o trabalho atordoado."

E depois de oito anos trabalhando como gari? Isso mudou?

"Fui me habituando a isso, assim como eles vão se habituando também a situações pouco saudáveis. Então, quando eu via um professor se aproximando – professor meu - até parava de varrer, porque ele ia passar por mim, podia trocar uma idéia, mas o pessoal passava como se tivesse passando por um poste, uma árvore, um orelhão."

E quando você volta para casa, para seu mundo real?

"Eu choro. É muito triste, porque, a partir do instante em que você está inserido nessa condição psicossocial, não se esquece jamais. Acredito que essa experiência me deixou curado da minha doença burguesa. Esses homens hoje são meus amigos. Conheço a família deles, frequento a casa deles nas periferias. Mudei. Nunca deixo de cumprimentar um trabalhador. Faço questão de o trabalhador saber que eu sei que ele existe. Eles são tratados pior do que um animal doméstico, que sempre é chamado pelo nome. São tratados como se fossem uma coisa."

(Plínio Delphino - Lista do Terceiro Setor)

<<http://www.usp.br>>

APÊNDICE E

A VIAGEM

Dia desses, li um livro que comparava a vida a uma viagem de trem. Uma comparação extremamente interessante, quando bem interpretada. Interessante, porque nossa vida é como uma viagem de trem, cheia de embarques e desembarques, de pequenos acidentes pelo caminho, de surpresas agradáveis com alguns embarques e de tristezas com os desembarques.

Quando nascemos, ao embarcarmos nesse trem, encontramos duas pessoas que, acreditamos que farão conosco a viagem até o fim: nossos pais. Não é verdade. Infelizmente, em alguma estação, eles desembarcam, deixando-nos órfãos de seus carinho, proteção, amor e afeto. Mas isso não impede que, durante a viagem, embarquem pessoas interessantes que virão ser especiais para nós: nossos irmãos, amigos e amores. Muitas pessoas tomam esse trem a passeio. Outras fazem a viagem experimentando somente tristezas. E no trem há, também, outras que passam de vagão em vagão, prontas para ajudar quem precisa. Muitos descem e deixam saudades eternas. Outros tantos viajam no trem de tal forma que, quando desocupam seus assentos, ninguém sequer percebe. Curioso é considerar que alguns passageiros que nos são tão caros acomodam-se em vagões diferentes do nosso. Isso nos obriga a fazer essa viagem separados deles. Mas isso não nos impede de, com grande dificuldade, atravessarmos nosso vagão e chegarmos até eles. O difícil é aceitarmos que não podemos sentar ao seu lado, pois outra pessoa estará ocupando esse lugar.

Essa viagem é assim: cheia de atropelos, sonhos, fantasias, esperas, embarques e desembarques. Sabemos que esse trem jamais volta. Façamos essa viagem da melhor maneira possível, tentando manter um bom relacionamento com todos, procurando em cada um o que tem de melhor, lembrando sempre que, em algum momento do trajeto poderão fraquejar, e, provavelmente, precisaremos entender isso. Nós mesmos fraquejamos algumas vezes. E, certamente, alguém nos entenderá.

O grande mistério é que não sabemos em qual parada desceremos. E fico pensando: quando eu descer desse trem sentirei saudades? Sim. Deixar meus filhos viajando sozinhos será muito triste. Separar-me dos amigos que nele fiz, do amor da minha vida, será para mim dolorido. Mas me agarro na esperança de que, em algum momento, estarei na estação principal, e terei a emoção de vê-los chegar com sua bagagem, que não tinham quando embarcaram. E o que me deixará feliz é saber que, de alguma forma, eu colaborei para que essa bagagem tenha crescido e se tornado valiosa.

Agora, nesse momento, o trem diminui sua velocidade para que embarquem e desembarquem pessoas. Minha expectativa aumenta, à medida que o trem vai diminuindo sua velocidade. Quem entrará? Quem sairá? Eu gostaria que você pensasse no desembarque do trem, não só como a representação da morte, mas, também, como o término de uma história, de algo que duas ou mais pessoas construíram e que, por um motivo ínfimo, deixaram desmoronar. Fico feliz em perceber que certas pessoas como nós, têm a capacidade de reconstruir para recomeçar. Isso é sinal de garra e de luta, é saber viver, é tirar o melhor de "todos os passageiros".

Agradeço muito por você fazer parte da minha viagem, e por mais que nossos assentos não estejam lado a lado, com certeza, o vagão é o mesmo.

APÊNDICE F

O NÓ NO LENÇOL

Numa reunião de pais, numa escola da periferia de uma grande cidade, a diretora incentivava o apoio que os pais deveriam dar aos filhos. Ela insistia que eles deveriam dar um jeito e mesmo encontrando-se todos a trabalhar fora, deviam encontrar uma forma de se fazer presentes. Ela ficou muito surpresa quando um pai levantou e contou, no seu jeito humilde, que ele não tinha tempo de ver o filho durante a semana, pois quando ele muito cedo saía para trabalhar, a criança ainda estava a dormir. Depois à noite quando voltava, já era tarde e o filho tinha ido para a cama. Se ele não tivesse esse horário não teria como sustentar a sua família. Ele tentava redimir-se beijando o filho todas as noites quando chegava em casa. E , para que o filho tivesse certeza da sua presença, dava um nó na ponta do lençol. Isso acontecia religiosamente todas as noites! Quando o menino acordava, sabia através do nó, que o pai havia estado ali para beijá-lo. O nó era o elo de comunicação entre eles. Mais surpresa ficou a diretora quando constatou que o filho desse pai era um dos melhores alunos da sala.

Essa história nos faz refletir como são muitos os jeitos de um pai, mesmo sem tempo, se fazer presente. Você já deu hoje um "nó no lençol"?

APÊNDICE G**ESPERANÇA**

Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano
Vive uma louca chamada Esperança
E ela pensa que quando todas as sirenas
Todas as buzinas
Todos os reco-recos tocarem
Atira-se
E
- Ó delicioso vôo!
Ela será encontrada miraculosamente incólume na calçada,
Outra vez criança...
E em torno dela indagará o povo:
- Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?
E ela lhes dirá
(É preciso dizer-lhes tudo de novo!)
Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam:
- O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...

Mário Quintana

APÊNDICE H

EU TENHO APRENDIDO...

EU TENHO APRENDIDO
Que a melhor sala de aula do mundo
Está aos pés de uma pessoa mais velha;

EU TENHO APRENDIDO
Que quando você está amando dá na vista;

EU TENHO APRENDIDO
Que ter uma criança adormecida em seus braços
É um dos momentos mais pacíficos do mundo;

EU TENHO APRENDIDO
Que ser gentil é mais importante do que estar certo;

EU TENHO APRENDIDO
Que eu sempre posso orar por alguém
Quando não tenho força para ajudá-lo
De alguma outra forma;

EU TENHO APRENDIDO
Que não importa quanta seriedade a vida exija de você.
Cada um de nós precisa de um amigo brincalhão
Para se divertir junto;

EU TENHO APRENDIDO
Que algumas vezes tudo o que precisamos
É de uma mão para segurar
E um coração para nos entender;

EU TENHO APRENDIDO
Que os simples passeios com meu pai em volta do
Quarteirão nas noites de verão quando eu era criança
Fizeram maravilhas para mim, quando me tornei adulto;

EU TENHO APRENDIDO
Que deveríamos ser gratos a Deus
Por não nos dar tudo que lhe pedimos;

EU TENHO APRENDIDO
Que debaixo da "casca grossa"
Existe uma pessoa que
Deseja ser apreciada e amada;

EU TENHO APRENDIDO
Que Deus não fez tudo num só dia;
O que me faz pensar que eu possa ?

EU TENHO APRENDIDO
Que quando você planeja se nivelar com alguém,
Apenas está permitindo que essa pessoa
Continue a magoar você.

EU TENHO APRENDIDO
Que o AMOR, e não o TEMPO,
É que cura todas as feridas;

EU TENHO APRENDIDO
Que a vida é dura, mas eu sou mais ainda;

EU TENHO APRENDIDO
Que quando o ancoradouro se torna amargo
A felicidade vai aportar em outro lugar;

EU TENHO APRENDIDO
Que eu gostaria de ter dito a minha mãe(pai)
Que a(o) amava, uma vez mais, antes dela morrer;

EU TENHO APRENDIDO
Que um sorriso é a maneira mais barata
De melhorar sua aparência;

EU TENHO APRENDIDO
Que todos querem viver no topo da montanha,
Mas toda felicidade e crescimento
Ocorre quando você está escalando-a;

Ao refletir sobre tudo isto,
Aprendi que tenho muito a aprender,
E que se alguém pensa saber tudo,
É porque não aprendeu como convém saber!!

tradução do texto "I have learned",
de William Shakespeare

APÊNDICE I

VAI DESISTIR?

Tem certeza disso, então dê uma olhadinha...

Vai desistir? Pense bem!

- * O General Douglas MacArthur foi recusado na Academia Militar de West Point, não uma vez, mas duas.
Quando tentou pela terceira vez, foi aceito e marchou para os livros de história.

- * O superstar do basquete, Michael Jordan, foi cortado do time de basquete da escola.

- * Winston Churchill repetiu a sexta série. Veio a ser primeiro ministro da Inglaterra somente aos 62 anos de idade, depois de uma vida de perdas e recomeços.
Sua maior contribuição aconteceu quando já era um "cidadão idoso".

- * Albert Einstein não sabia falar até os 4 anos de idade e só aprendeu a ler aos 7.
Sua professora o qualificou como "mentalmente lerdo, não-sociável e sempre perdido em devaneios tolos".
Foi expulso da escola e não foi admitido na Escola Politécnica de Zurique.

- * Em 1944, Emmeline Snively, diretora da agência de modelos Blue Book Modeling, disse à candidata Norman Jean Baker (Marilyn Monroe) : "É melhor você fazer um curso de secretariado, ou arrumar um marido. "

- * Ao recusar um grupo de rock inglês chamado The Beatles, um executivo da Decca Recording Company disse : "Não gostamos do som. Esses grupos de guitarra já eram."

- * Quando Alexander Graham Bell inventou o telefone, em 1876, não tocou o coração de financiadores com o aparelho. O Presidente Rutheford Hayes disse: "É uma invenção extraordinária, mas quem vai querer usar isso ?"

* Thomas Edison fez duas mil experiências para conseguir inventar a lâmpada. Um jovem repórter perguntou o que ele achava de tantos fracassos. Edison respondeu : "Não fracassei nenhuma vez. Inventei a lâmpada. Acontece que foi um processo de 2.000 passos."

* Aos 46 anos, após anos de perda progressiva da audição, o compositor alemão Ludwig van Beethoven ficou completamente surdo. No entanto, compôs boa parte de sua obra, incluindo três sinfonias, em seus últimos anos.

Por isso não devemos achar nunca que NOSSO TEMPO acabou . Enquanto estivermos aqui, há algo para aprendermos e, muito possivelmente, alguém para aprender conosco também.

VAI DESISTIR?

APÊNDICE K

O CESTO E A ÁGUA

Em um antigo mosteiro, um discípulo perguntou ao seu mestre:

- Mestre, por que devemos ler e decorar a “Palavra Sagrada” se nós não conseguimos memorizar tudo e com o tempo acabamos esquecendo? Somos obrigados a constantemente decorar o que já esquecemos.

O mestre ficou olhando para o horizonte por alguns minutos e depois ordenou ao discípulo:

- Pegue aquele cesto de junco, desça até o riacho, encha o cesto de água e traga até aqui.

O discípulo olhou para o cesto sujo e achou muito estranha a ordem do mestre mas, mesmo assim, obedeceu. Pegou o cesto sujo, desceu os cem degraus da escadaria do mosteiro até o riacho, encheu o cesto de água e começou a subir de volta. Como o cesto era todo cheio de furos, a água foi escorrendo e quando chegou até o mestre já não restava nada. O mestre perguntou-lhe:

- Meu filho, o que você aprendeu?

O discípulo olhou para o cesto vazio e disse, jocosamente:

- Aprendi que cesto de junco não segura água.

O mestre, então, ordenou-lhe que repetisse a tarefa. Quando o discípulo chegou outra vez com o cesto vazio, o mestre perguntou-lhe:

- E agora, meu filho, o que você aprendeu?

O discípulo novamente respondeu com sarcasmo:

- Que cesto furado não segura água...

O mestre, então, continuou ordenando que o discípulo repetisse a tarefa. Depois da décima vez, ele estava desesperadamente exausto de tanto descer e subir as escadarias. Porém, quando o mestre lhe perguntou de novo o que havia aprendido, o discípulo olhou atentamente o cesto, e percebeu admirado:

- O cesto está limpo! Apesar de não segurar a água, a repetição constante de encher o cesto acabou por lavá-lo e deixá-lo limpo.

O mestre, por fim, concluiu:

- Não importa que você não consiga decorar todas as passagens da “Palavra Sagrada” que você lê... O que importa, na verdade, é que através deste processo a sua mente e a sua vida ficam limpas diante de Deus.

APÊNDICE L

Palavras de Morrie Schwartz no livro A ÚLTIMA GRANDE LIÇÃO de Mitch Albom

Morrie Schwartz sofreu de uma doença terminal e nas últimas semanas de vida ele foi entrevistado pelo seu antigo aluno Mitch Albom. Deixando-nos ensinamentos sobre o sentido da vida.

"Estar morrendo é apenas uma circunstância triste. Viver infeliz é diferente. Porque a cultura que temos não contribui para que as pessoas estejam satisfeitas com elas mesmas. Estamos ensinando coisas erradas. E é preciso ser forte para dizer que, se a cultura não serve, não interessa ficar com ela. Que é melhor criar a sua própria. A maioria das pessoas não consegue fazer isso."

"Tanta gente anda de um lado para outro levando vidas sem sentido. Parecem semi-adormecidas, mesmo quando ocupadas em coisas que julgam importantes. Isso acontece porque estão correndo atrás do objetivo errado. Só podemos dar sentido à vida dedicando-nos a nossos semelhantes e à comunidade e nos empenhando na criação de alguma coisa que tenha alcance e sentido."

"O mais importante na vida é aprender a dar amor e a recebê-lo. Deixe o amor vir. Pensamos que não merecemos amor; pensamos que, se nos abrimos a ele, nos enfraquecemos. O amor é o único ato racional."

"Se você aceitar a idéia de que pode morrer a qualquer momento, então talvez você deixe de ser tão ambicioso."

"À medida que se cresce, aprende-se mais. Se ficássemos parados nos vinte e dois anos, ficaríamos sempre ignorantes como quando tínhamos vinte e dois. Envelhecer não é só decair fisicamente. É crescer. É mais do que o fato negativo de que se vai morrer, é também o fato positivo de que se compreende que se vai morrer e que se pode viver melhor por causa disso."

"Sabe o que significa ouvir as pessoas dizerem, 'ah, se eu fosse jovem...'? Vidas insatisfeitas. Vidas sem realizações. Vidas que não encontram um sentido. Quem encontra um sentido para a vida não deseja voltar atrás. Deseja ir em frente. Quer ver mais, fazer mais."

"Quem passa o tempo batalhando contra o envelhecimento sempre será infeliz, porque o envelhecimento é inexorável."

"Precisamos descobrir o que existe de bom e verdadeiro e belo em cada fase de nossa vida. Olhar para trás estimula a competição."

"A verdade é que cada parte minha tem todas as idades. Sou uma criança de três anos, uma de cinco, um homem de trinta e sete, um de cinquenta. Passei por todas essas idades e sei como é cada uma. Delicio-me com ser criança quando é apropriado ser criança. Delicio-me em ser um velho que sabe das coisas quando é apropriado ser um velho sábio. Imagine tudo o que posso

ser! Sou todas as idades, da atual para baixo."

"São pessoas tão famintas de amor que aceitam substitutos. Abraçam coisas materiais e ficam esperando que essas coisas retribuam o abraço. Nunca dá certo. Não se pode substituir amor, ou suavidade, ou ternura, ou companheirismo, por coisas materiais."

"Dinheiro não substitui ternura, poder não substitui ternura. Quando mais se precisa dos sentimentos que nos faltam, nem dinheiro nem poder nos podem dá-los, não importa quanto dinheiro nem quanto poder possuímos."

"Dedique-se a amar a outros, dedique-se à sua comunidade, empenhe-se em criar alguma coisa que dê sentido e significado à sua vida."

"Se você está querendo se exibir para pessoas que estão por cima, desista. Faça o que fizer, elas olharão para você com superioridade. E se está querendo se exibir para os que estão por baixo, desista também. Eles invejarão você, só isso. Posição não leva a nada. Só um coração aberto permite à pessoa flutuar em igualdade entre os semelhantes."

"Faça aquilo que vem do coração. Fazendo, não ficará insatisfeito, não sentirá inveja, não estará aspirando a bens que pertencem a outros. Pelo contrário, ficará assombrado com o que receberá de volta."

"As pessoas não encontraram sentido na vida, por isso correm o tempo todo procurando-o. Pensam no novo carro, na nova casa, no novo emprego. Depois percebem que tudo isso também é vazio; e continuam correndo. Quando se começa a correr, é difícil reduzir o passo."

"No começo da vida, quando somos criancinhas, precisamos de outros para viver, certo? E no fim da vida, quando chegamos ao estado em que cheguei, precisamos de outros para viver, certo? Mas o segredo é que, entre a infância e o fim, também precisamos de outros."

"Perdoe a si mesmo sempre. Depois, perdoe os outros. Não tem sentido ficar curtindo vingança ou teimosia. Dessas coisas todos se arrependem na vida. Orgulho. Vaidade."

"Enquanto pudermos amar uns aos outros, e recordarmos a sensação de amor que tivemos, podemos morrer sem desaparecer. Todo amor que criamos fica. Todas as lembranças ficam. Continuamos vivendo. Nos corações daqueles que tocamos e acalentamos enquanto estivemos aqui."

"Gosto de estar inteiramente presente. Isso significa estar de fato com a pessoa que está diante de nós. Estou conversando com você. Pensando em você."

"Quando estamos próximos da morte, não fica mais fácil atingir essas metas do que em outras etapas da nossa vida. A tentativa torna-se apenas mais urgente. E, quanto mais comprometidos estivermos com uma vida ética, menos teremos de temer que nossa vida chegue ao seu final."

"Mas se o professor Morrie Schwartz me ensinou alguma coisa, foi que não existe uma entidade chamada 'tarde demais' na vida. Ele mudou sempre, até o dia de partir." (Mitch Albom)

APÊNDICE M

DEUS EXISTE!

Damico era dono de uma bem sucedida farmácia, numa cidade do interior. Era um homem bastante inteligente, mas não acreditava na existência de Deus ou de qualquer outra coisa além do seu mundo material. Um certo dia, estava ele fechando a farmácia quando, chegou uma criança aos prantos dizendo que sua mãe estava passando mal e que se ela não tomasse o remédio, logo iria morrer. Muito nervoso e após a insistência da criança, resolveu reabrir a farmácia para pegar o remédio. Sua insensibilidade perante aquele momento, era tal que, acabou pegando o remédio mesmo no escuro, entregou-o à criança, que agradeceu e saiu dali às pressas. Minutos depois, percebeu que havia entregado o remédio errado para a criança, e se aquela mãe o tomasse, seria morte instantânea. Desesperado, tentou alcançar a criança, mas, não teve êxito. Gritou em desespero... O tempo passava e nada acontecia. Sem saber o que fazer e com a consciência pesada, ajoelhou-se e começou a chorar e dizer que se realmente existia um Deus, que não o deixasse passar por assassino. O tempo passava, e ele de joelhos ficava pensando que a mulher poderia já estar morta e certamente, ele teria de pagar por isso. Refletiu sobre sua intemperança, sobre seu mau humor e principalmente sobre sua insensatez. De repente, sentiu uma mão tocar-lhe o ombro esquerdo e ao virar deparou-se com a criança em prantos. Naquele momento ficou desconsolado. Mas tinha uma certeza: Deus, de fato, não existia. Já podia imaginar o que estava para lhe acontecer. O choro e o olhar triste daquela criança lhe atravessava a alma. No entanto, como num lampejo de sabedoria, perguntou ao menino o que lhe havia acontecido. Então aquela criança começou a dizer:

- Senhor, por favor, não brigue comigo, mas é que eu caí e quebrei o vidro do remédio, dá pro senhor me dar outro?

APÊNDICE N

A IMORTALIDADE D'ALMA...

Alguns séculos antes de Cristo, vivia em Atenas, o grande filósofo Sócrates. A sua filosofia não era uma teoria especulativa, mas a própria vida que ele vivia. Aos setenta e tantos anos foi Sócrates condenado à morte, embora inocente. Enquanto aguardava no cárcere o dia da execução, seus amigos e discípulos moviam céus e terra para o preservar da morte. O filósofo, porém não moveu um dedo para esse fim; com perfeita tranqüilidade e paz de espírito aguardou o dia em que ia beber o veneno mortífero. Na véspera da execução, conseguiram seus amigos subornar o carcereiro (desde daquela época já existia essa prática...), que abriu a porta da prisão. Críton, o mais ardente dos discípulos de Sócrates, entrou na cadeia e disse ao mestre:

- Foge depressa, Sócrates!

- Fugir, por que? - perguntou o preso.

- Ora, não sabes que amanhã te vão matar?

- Matar-me? A mim? Ninguém me pode matar!

- Sim, amanhã terás de beber a taça de cicuta mortal - insistiu Críton. - Vamos, mestre, fuge depressa para escapares à morte!

- Meu caro amigo Críton - respondeu o condenado - que mau filósofo és tu! Pensar que um pouco de veneno possa dar cabo de mim ...

Depois puxando com os dedos a pele da mão, Sócrates perguntou:

- Críton, achas que isto aqui é Sócrates?

E, batendo com o punho no osso do crânio, acrescentou:

- Achas que isto aqui é Sócrates? ... Pois é isto que eles vão matar, este invólucro material; mas não a mim. EU SOU A MINHA ALMA. Ninguém pode matar Sócrates! ...

E ficou sentado na cadeia aberta, enquanto Críton se retirava, chorando, sem compreender o que ele considerava teimosia ou estranho idealismo do mestre. No dia seguinte, quando o sentenciado já bebera o veneno mortal e seu corpo ia perdendo aos poucos a sensibilidade, Críton perguntou-lhe, entre soluços:

- Sócrates, onde queres que te enterremos?

Ao que o filósofo, semiconsciente, murmurou:

- Já te disse, amigo, ninguém pode enterrar Sócrates ... Quanto a esse invólucro,

enterrai-o onde quiserdes. Não sou eu... EU SOU MINHA ALMA...

E assim expirou esse homem, que tinha descoberto o segredo da FELICIDADE, que nem a morte lhe pôde roubar.

CONHECIA-SE A SI MESMO, O SEU VERDADEIRO EU DIVINO. ETERNO. IMORTAL..."

Assim somos todos nós seres IMORTAIS, pois somos

ALMA,

LUZ,

DIVINOS,

ETERNOS...

Nós só morremos, quando somos simplesmente ESQUECIDOS...